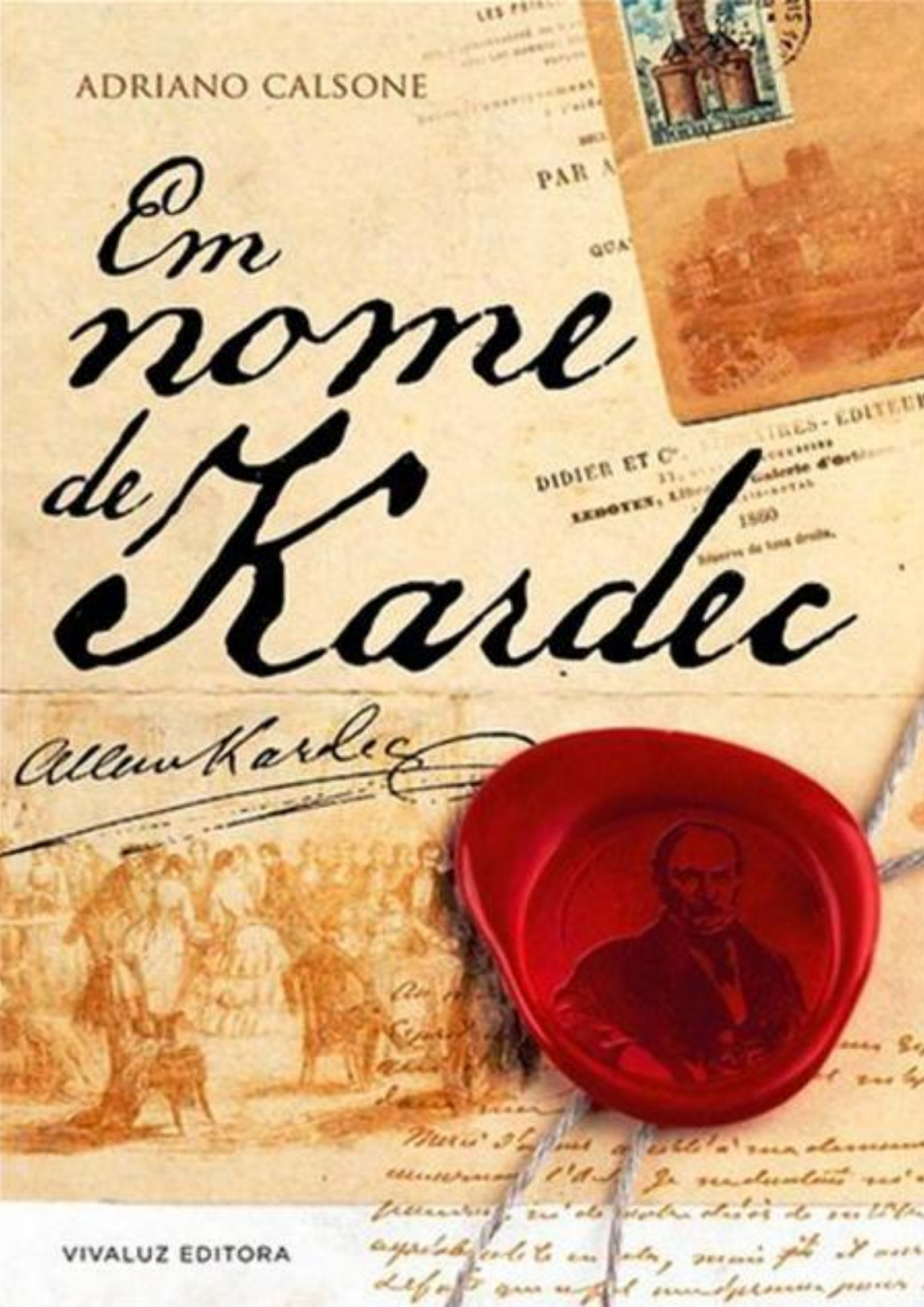
ADRIANO CALSONE

Em nome de Kardec



VIVALUZ EDITORA

EM NOME DE KARDEC

Adriano Calsone

Lançado em 2015

Vivaluz Editora

Versão digitalizada: janeiro, 2017

Em nome de Kardec

Índice

Prefácio — pag. 6

Introdução - Esclarecimentos necessários — pag. 9

Madame Blavatsky e a sua Sociedade Espírita Egípcia — pag. 15

Artista Blavatsky na França — pag. 20

Nasce a Sociedade Teosófica — pag. 22

Spiritheosophistes — pag. 29

Financiamento espiritista de *Ísis sem véu* — pag. 37

Surgimento da Sociedade Científica de Estudos Psicológicos— pag. 41

Polêmica à vista: Sociedade Teosófica dos Espíritas Franceses — pag. 47

Suplemento teosófico na *Revista Espírita* — pag. 53

A Condessa mística e seu macaco de pelúcia — pag. 62

França, Coração do Mundo, Pátria do Esotérico? — pag. 68

Errare humanum est... — pag. 72

Regras da Sociedade Teosófica — pag. 79

A cada um segundo suas obras... — pag. 86

Diferenças entre Espiritismo e Teosofismo — pag. 92

1883 - o ano que não acabou — pag. 97

Inquietações kardecistas — pag. 100

Comitê de leitura da *Revue* barra artigos teosóficos — pag. 105

Kardecistas contra teosofistas — pag. 113

Helena da Índia retorna a Paris — pag. 118

H.P.B. e P.G.L. - a amizade que azedou — pag. 123

Camille Flammarion e sua S.T.O.O — pag. 128

A mulher dos cabelos de prata — pag. 132

Afinal, o que é a Teosofia? — pag. 140

Propagação do Teosofismo na França — pag. 146

Artigos na *Revue* sobre a Teosofia (de 1876-1889) — pag. 152

Bibliografia — pag. 159

Sobre o autor — pag. 161

Prefácio

Falar em nome do Codificador do Espiritismo. Esta é uma responsabilidade que muitos assumem sem atinar para os impactos da influência que exercem sobre aqueles que estão iniciando as descobertas espirituais. Seguir Kardec é seguir os princípios revelados pelos espíritos superiores, sob a orientação do Espírito da Verdade.

Em nossas experiências espirituais, após deixarmos o corpo físico, chega o momento do balanço das conquistas e derrotas. Morrer é enfrentar, acima de tudo, a verdade sobre o quanto de valor conseguimos conquistar em nossa passagem pela Terra. Na maioria das vezes, o resultado nos entristece. Então, somente o recomeço pode aplacar a dor de ver desperdiçada uma encarnação. Aproveitamos ao máximo a permanência no mundo espiritual para aprender e, com relativa lucidez, trabalhar em nome deste Espírito da Verdade, o qual Kardec soube honrar, desincumbindo-se com êxito de sua difícil e árdua missão.

Falar em *Nome de Kardec* é assumir para a vida esse compromisso de servir ao Bem, à Verdade, doa o que e a quem doer.

Esta obra nos brinda com reflexões preciosas. Em sua linguagem agradável, a leitura flui com facilidade. É, de fato, um prazer acompanhar o autor em suas descobertas sobre fatos do passado que foram tão marcantes, a ponto de desencadearem a ruína do Espiritismo na Europa e nos Estados Unidos. E a sua relevância está

justamente em apresentar um momento do passado que se repete no presente.

O trabalho de fundação e divulgação do Espiritismo transferiu-se para a pátria do Evangelho. Aos brasileiros foi concedida a oportunidade de guardar esse tesouro espiritual e a incumbência de resguardar e divulgar a Doutrina Espírita.

Neste momento, grandes lideranças do Movimento Espírita retornam ao mundo espiritual. Almas valorosas que, cumprindo sua missão, voltam para aferir os resultados e fazer a avaliação de suas experiências terrenas. Muitos, mal retornam, já assumem novas responsabilidades. Afinal, o descanso é a consciência serena e a paz do dever cumprido.

Essas lideranças deixam um vazio, tal qual o Codificador outrora deixou. E esse vazio será fatalmente preenchido. Novos trabalhadores estarão à frente, na direção do Espiritismo no Brasil e pela sustentação deste legado em todo o mundo.

Mais do que nunca, que as bases do trabalho de Kardec sejam fortalecidas entre os espíritas que se comprometeram a servir em suas fileiras. Que todos os que se dizem espíritas, realmente o sejam. São inúmeros os desafios em distinguir-se com clareza o que é o Espiritismo trazido pelo Espírito da Verdade, e o que se fez do espiritismo, adaptando-o às necessidades de cada um, às influências presentes e passadas de cada alma.

Sabemos muito bem quais são essas dificuldades. Nós as experimentamos pessoalmente no passado, confundindo Espiritismo com outras correntes de pensamento. Amargamos arrependimento. Entretanto, aqui estamos, secundando os esforços daqueles que estão na Terra para trabalhar para o Bem, servindo a Jesus. Somos muitos e permanecemos em estreita sintonia com os que se comprometeram em levar o Espiritismo avante. E creiam-me: nada é comparável ao êxito espiritual. Somente aqueles que venceram, superando os desafios naturais da jornada, conhecem a plenitude de chegar ao

termo da encarnação espiritualmente vitoriosos.

Trago sempre comigo as palavras de Erasto aos espíritas:

"Ó verdadeiros adeptos do Espiritismo! Sois os escolhidos de Deus! Ide e pregai a palavra divina. É chegada a hora em que deveis sacrificar à sua propagação os vossos hábitos, os vossos trabalhos, as vossas ocupações fúteis. Ide e pregai. Convosco estão os espíritos elevados."

O convite permanece. Aqui estamos para, juntos, prosseguirmos, em *Nome de Kardec*, nessa tarefa em favor do progresso e libertação da humanidade.

Que a paz de Jesus nos envolva a todos.

Deste vosso servo e servo de Jesus.

Camille Flammarion

(Página psicografada pela médium Sandra Carneiro em Atibaia, 17 de junho de 2015)

Introdução

Esclarecimentos necessários

Acreditamos que a expressão Espiritismo teosófico seja um neologismo nosso, que não consta em nenhuma literatura espírita ou teosófica. É um termo novo, criado por nós para tentarmos compreender, ao longo deste livro, os porquês da aliança acalorada que fora estabelecida entre a Teosofia e a Filosofia Espírita, a partir de 1873, na França.

Allan Kardec em nada influenciou essa união vibrante, já que havia desencarnado quatro anos antes do início dessas aproximações. Seus pensamentos ou escritos, muito menos...

Que fique bem claro — a quem quer que seja — que este trabalho nasceu do acaso, se é que existe acaso. Acreditamos que não!

Trata-se, portanto, da mais despretensiosa investigação histórica do período de 1873 a 1883, década em que a Teosofia mergulhou no Espiritismo e vice-versa, em que essa inesperada conexão era completamente desconhecida por nós.

Assim, considerando esse recorte de análise da Teosofia no Espiritismo, desejamos permanecer longe de qualquer especulação sobre o que é certo ou errado diante do que ocorrera entre a doutrina

secreta, de Blavatsky, e a doutrina da terceira revelação, de Kardec.

Tudo que fora levantado neste trabalho partiu de pesquisas primárias e secundárias, seja diretamente na fonte, por meio da multifacetada *Revista Espírita* publicada depois de 1859, ou em documentos de pesquisadores sérios ligados aos temas.

Antes de começarmos a escrever esta obra, mal sabíamos o que era a Teosofia, embora ainda não saibamos exatamente o que ela possa significar, já que nos pareceu ser mesmo uma doutrina secreta — fechada e reservada a poucos — como intitularia a sua fundadora Helena Blavatsky, em 1877, numa de suas reuniões teosóficas americanas: "a Sociedade Teosófica tem sido, desde a sua fundação, uma organização secreta (...)".

E se continua intimamente secreta, aberta ou fechada atualmente, nada sabemos!

Mas o que nos conduziu a esta pesquisa?

Tudo começou quando estávamos elaborando a biografia de Madame Kardec, e tomamos contato com *Beaucoup de Lumière* — brochura inédita no meio espírita atual — que fora publicada na Paris de 1883, por uma amiga da viúva Kardec, mulher essa bastante corajosa, que ficou conhecida por Madame Berthe Fropo.

No referido opúsculo *Muita Luz* — nos pareceu ser um dossiê com desabafos e algumas importantes revelações — a *femme forte* denuncia, em tom de indignação, com provas contundentes e bem fundamentadas, o forte envolvimento do mandatário da viúva, o Sr. Pierre-Gaëtan Leymarie, com a Teosofia de Blavatsky.

Fropo revelará que não existia apenas essa parceria mística... Leymarie havia se consorciado com outras tantas filosofias místicas (estranhas) ao Espiritismo. Algumas delas, segundo Fropo — completamente antiespíritas —, que entravam em contradição direta com a Filosofia Espírita de Kardec, como fora o caso da própria Sociedade Teosófica que, por meio de Blavatsky, chegou a negar a

reencarnação compreendida pelos espíritas à época.

Ou seja, a partir de 1880, os kardecistas notavam com mais evidência que a Teosofia passou a estabelecer e ressaltar certas incompatibilidades ideológicas com os ensinamentos dos Espíritos, atingindo, em cheio, a imagem e as obras de Kardec.

O que nos pareceu, a princípio, meras especulações de uma Madame Fropo indignada, que não aguentava mais constatar tantas posturas incoerentes entre alguns (teósofos?) membros mantenedores da Doutrina Espírita depois de Kardec, transformou-se, para nós, em objeto sério de estudo, que colocamos agora à apreciação do nobre leitor, a fim de que você possa tirar suas próprias conclusões.

De fato, constatamos que a Teosofia saltou de cabeça no Espiritismo por meio da *Revista Espírita*. Trata-se de fato indiscutível que apresentaremos no decorrer desta obra.

Já em 1873 aconteceria o histórico encontro parisiense entre Leymarie e Helena Blavatsky, em que a dupla de médiuns pôde reafirmar uma amizade que se arrastaria por pelo menos dez anos, azedando depois as relações, entre acusações e achaques.

Em 1875, com a inauguração da Teosophical Society — Sociedade Teosófica — nos Estados Unidos, o sentido da ponte aérea da divulgação teosófica — América-França —, passou a ter pouso certeiro na *Revue Spirite* dos tempos de Kardec. Essa aparente distância, tendo o extenso oceano Atlântico no meio, se encurtaria tanto que o periódico kardecista mais importante da Europa se tornou o principal responsável pela introdução e divulgação da Teosofia na França. O final do século 19 provou isso: enquanto o teosofismo decolou entre misticismos e esoterismos; a Filosofia Espírita debandou para sempre da Europa... Um verdadeiro escândalo para muitos espiritistas da época...

Na ponta da América de um espiritualismo moderno estava os novos teósofos: Blavatsky e o coronel Olcott. Na outra ponta, a

europeia, com base espírita em Paris, encontravam-se os teósofos Leymarie e o marinheiro Courmes, ambos kardecistas convictos como também místico ocultistas...

Tudo pela fraternidade universal!

Será mesmo?

O resultado dessa parceria transatlântica se converteu, para nós, numa prova visível ao longo desse nosso estudo: mais de 40 artigos teosóficos publicados só na *Revista Espírita*, além de outros tantos entre réplicas e tréplicas, isso tudo durante mais de uma década.

Mas o basta oficial para os teósofos, que eram autorizados a circular com seus artigos pela *Revista Espírita*, se deu quando o seu Comitê de leitura notou que as afinidades ideológicas entre as duas filosofias chegaram a um ponto insuportável em 1883, especialmente quando Blavatsky passou a negar publicamente o conceito de reencarnação compreendido e já estabelecido pelos Espíritos, por meio de Kardec, desde 1857.

Porém, depois de 1884, as ideias teosóficas na *Revue* seguiram caminhos informais até meados de 1914, cessando definitivamente a presença teosófica no período kardecista por conta da Primeira Guerra Mundial, como também pela mudança de comando na diretoria da *Revue*.

Todavia, faz-se necessário dizer aqui o quanto a própria Teosofia da época contribuiu para a tentativa de extinguir o voraz materialismo mundial, que também insistia em corroer a sociedade francesa do século 19, escancarando, para seus cidadãos tricolores, a janela do suicídio...

A negação do materialismo, em nossa opinião, talvez tenha sido uma das maiores contribuições do teosofismo ao lado do Espiritismo. Isso sem falar da figura magnética e ao mesmo tempo complexa de Madame Helena Blavatsky que, pela sua curiosa biografia, chegou a viver na miséria por longos períodos de sua vida.

Guerreira, inquieta e feminista, Helena Blavatsky passou por grandes dificuldades no campo emocional e afetivo, sofrendo ainda muitos preconceitos e difamações declaradas pela Igreja Católica — como acontecera também com Kardec no Espiritismo.

Porém, sempre atenta e generosa com o próximo, Blavatsky fora o exemplo vivo da caridade e da benevolência à frente de sua Sociedade Teosófica, como bem constatamos no livro *A verdadeira história de Madame H. P. Blavatsky*.

Sinceramente, não sabemos como se encontra hoje a Teosofia e suas várias lojas teosóficas, muito menos se estas mantém as configurações originais blavatsquianas de 1875 - preceitos teosóficos iniciais que estiveram ligados ao misticismo egípcio.

Não sabemos ainda se a Teosofia brasileira atuante estabeleceu algum laço com o Espiritismo de agora... Nem se as simpatias e amizades entre as duas filosofias continuam como no passado...

O que sabemos, ao certo, é que desejamos manter a mesma linha de pensamento de Chico Xavier, quando o emérito médium bem falou, em entrevista ao jornal Uberabense, *A Flama Espírita*, sobre o que pensava da Teosofia, como também das demais escolas esotéricas espalhadas pelo mundo:

"Acreditamos, com as instruções dos Bons Espíritos, que a posição da Doutrina Espírita é uma posição definida. Estamos diante do Evangelho Redivivo, porque o Espiritismo traz de novo as lições de Jesus, interpretadas com sinceridade e verdade. Respeitamos nós todas e quaisquer áreas do conhecimento humano relacionadas com o Ocultismo, com o Espiritualismo em geral. Todas as escolas de esoterismo, de conhecimentos chamados secretos, são dignas de nosso maior acatamento. Mas, se estamos na escola da Doutrina Espírita, com trabalho gigantesco a realizar, de nossa parte cremos que seja nosso dever respeitar todos os movimentos espiritualistas, sem desconsiderá-los de modo algum, mas cumprir a nossa tarefa do

Evangelho de Jesus tanto quanto eles, os movimentos espiritualistas, estão cumprindo, com fidelidade e grandeza, os compromissos deles diante das doutrinas orientais..."

Salve, Kardec! Slave, Raadda-Bai!

O autor

Madame Blavatsky e a sua Sociedade Espírita Egípcia

Em 1871, uma médium russa de 40 anos de idade, chamada Helena Petrovna Blavatsky, fundaria a sua *Société Spírite* (Sociedade Espírita) no Cairo, em plena capital do Egito.

Pelas ruas da apinhada cidade, os transeuntes egípcios passaram a conhecê-la como a espírita russa que evocava os mortos e que os fazia responder às suas perguntas.

Helena Petrovna Blavatsky, ou simplesmente Madame Blavatsky, começou nessa época a dar consultas espirituais em *Sekke el Ghamma el harmar* — a rua da mesquita vermelha — endereço que costumava atrair clientes frágeis, enlutados, desejosos de estabelecer algum contato com seus entes queridos.

Para seu novo empreendimento, Madame Blavatsky contratou um secretário que dava garantias do sucesso espiritual de sua patroa na evocação de um ente querido qualquer. Mas a maioria de seus clientes costumava sair do *closet* de Helena Blavatsky bastante desanimado, já que os resultados das sessões de evocação se limitavam a alguns *raps*, ou seja, a algumas batidas de ocasião.

Quando os resultados apresentavam-se minguados, o mesmo

secretário era orientado por ela a dizer que os Espíritos não gostavam de aparecer em ambientes simples, como os daquele quarto, já que as instalações do lugar, além de serem inadequadas no ponto de vista de Helena Blavatsky, não haviam sido purificadas corretamente para cada fim proposto. E se mesmo assim algum cliente insistisse em pedir o seu dinheiro de volta, que o ser reclamante voltasse alguns dias depois para novas tentativas, numa situação diferente...

De fato, muitos clientes insatisfeitos retornavam, e o que constatavam dessa situação diferente era uma estranha sessão mediúnica pública, totalmente reconfigurada e apinhada de gente...

E para o intento dessas sessões públicas de efeitos físicos, Helena Blavatsky e seus assistentes prepararam, nesse mesmo quarto, um longo pano vermelho que escorria do teto até tapar a abertura das portas de um grande armário. Alguns curiosos presentes indagavam: "Isso aí é uma sessão de espetáculo barato, em vez de uma reunião séria de evocação particular! Ora, quero meu dinheiro de volta, imediatamente!"

Muitos clientes irritados, diante do não combinado já na primeira consulta, passavam a acusar Blavatsky, a fundadora daquela sociedade espírita para lá de duvidosa...

Para muitos egípcios céticos do Cairo, Madame Blavatsky mostrava ser uma verdadeira charlatã, daquelas que penduravam linhas no teto de *closets* para simular a sobrevivência dos Espíritos por meio de uma luva postiça cheia de algodão... Era o que supostamente ocorria nas sessões públicas da médium Blavatsky...

Diante da confusão que se formara no apartamento, Helena Blavatsky passaria a acusar, de fraude, uma senhora que morava junto com ela, conhecida por Madame Sébire. A confusão estava armada!

Em verdade, por trás desses vários cambalaches mediúnicos, Helena estava enfrentando uma grande crise financeira. Infelizmente, decepcionada consigo mesma, ela passou a pedir emprestado a seus

clientes, prometendo-lhes retribuir cada centavo com jutos. Entretanto, ela não os pagaria com dinheiro vivo, mas com notas promissórias...

Depois de viver em três endereços diferentes no Cairo, não tardou para que partisse para a Rússia, a fim de visitar a irmã. Entre frustrados e decepcionados, a sua primeira sociedade espírita não duraria 15 dias entre calúnias e escândalos de clientes e sócios insatisfeitos, que desistiram de frequentar as *sessões mediúnicas* de Madame Blavatsky.

Tudo estava acabado para a médium de olhos claros que ganhou certa *fama* na cidade mais importante do Egito!

Contrario a tudo isso, a infância russa da então espírita Helena Blavatsky fora recheada por autênticos fenômenos espirituais e mediúnicos, quase sempre inexplicáveis, confusos e recheados de ataques e preconceitos. Era um passado infantil que ela própria não gostava de recordar...

Com extrema facilidade para aprender línguas estrangeiras e um talento musical refinado, a jovem Helena partiria para Londres com a idade de 13 anos, a fim de melhorar suas habilidades como pianista. Ao retornar à Rússia, ela herdaria uma biblioteca de seu bisavô Prince Paul Wassiliévitch, contendo centenas de livros raros sobre alquimia, magia e outras ciências ocultas, obras essas que a permitiu iniciar-se por conta própria nas questões do oculto, passando a lê-las com o mais intenso interesse antes mesmo dos 15 anos de idade.

Em 1848, ela se casaria com Vassilyevitch Nikifor, ex-vice-governador da província de Erivan, no Cáucaso, fronteira entre Europa e Ásia. A união, frustrada, com um homem que tinha três vezes a sua idade durou apenas três semanas. Ainda em lua de mel, muitas brigas e ausências de concessões mútuas acabariam minando a relação do casal. Ela decide, então, fugir do marido montada num cavalo, conseguindo assim se refugiar na casa de seus avós, em Tbilisi, capital

da Geórgia, localizada na fronteira entre Europa e Ásia.

Todavia, os reais motivos dessa ligeira separação não se resumiriam somente a falta de amor, diálogo ou afinidade... Um exame médico atestaria que a recém-casada de 17 anos de idade permaneceria virgem ainda por um bom tempo, tudo por conta de um problema de saúde que a proibia de manter relações sexuais. Por essas e por outras, o casamento chegara ao fim...

Tão logo, Madame Blavatsky partiu para um longo período de viagens por todo o mundo. Diz a lenda blavatsquiana que, muitas vezes, ela viajou sozinha buscando conhecimentos filosóficos, espirituais e esotéricos. Alega-se ainda que, nessas viagens, ela tenha passado por inúmeras experiências extrafísicas, entrado em contato com vários mestres de larga sabedoria — os Mahatmas do Tibete ou Irmãos-adeptos — em que supostamente teria recebido desses, na condição de discípula, um suposto treinamento especial para ampliar seus poderes paranormais de forma controlada.

Segundo apontam alguns biógrafos sobre esse período nebuloso da vida de Helena Blavatsky, ela supostamente retornou dessas viagens pronta para servir de instrumento aos mestres superiores, a fim de que estes pudessem trazer a instrução necessária que o mundo Ocidental tanto ansiava.

Segundo Blavatsky, fora nessas idas e vindas que conheceria o seu próprio mestre, passando a chamá-lo de Moyra, um Espírito pertencente à Grande Irmandade Branca de Mestres, Irmãos ou Mahatmas, como ela o chamará por meio desses três termos, ou simplesmente por M.

De tempos em tempos, esses seres espirituais ordenavam que Madame Blavatsky mudasse de endereço, o que fez com que ela supostamente rodopiasse três vezes em torno da Terra, penetrando nas partes mais remotas do Mundo, incluindo o Tibete, dobrando o Cabo da Boa Esperança, por meio dos Estados Unidos, de leste a oeste, por meio de uma caravana de carros cobertos, na qual pôde constatar

a vida, os costumes, as práticas religiosas e mágicas de culturas as mais variadas.

Artista Blavatsky na França

Em março de 1873, a médium Madame Blavatsky desembarcará em Paris, onde teria a oportunidade de conhecer pessoalmente outro médium como ela — o Sr. Pierre-Gaëtan Leymarie — um republicano francês que nessa época era um dos kardecistas mais importantes da França, além de ser também o mandatário da viúva Kardec nos destinos da Filosofia Espírita pós-Kardec.

Mas o que fez Helena Blavatsky desembarcar numa nascente França esotérica?

Ao certo, seus guias espirituais da Fraternidade Branca descobriram antes dela, na paragens tricolores, o terreno fértil à propagação de uma nova escola oriental no Ocidente...

Naquela época, ela viria do Cairo com o objetivo de excursionar por toda a Europa, aparentemente, na figura de artista, onde deu recitais de piano, partindo depois em missão artística para a Itália, Rússia e Londres — os próximos destinos dessa pianista concertista. Segundo apontam alguns pesquisadores, ela também teria feito supostos bicos em Paris, seja como importadora de penas de avestruz ou decoradora de ambientes burgueses.

Suas andanças orientais, de país em país, traçavam o seu futuro espiritualista ao lado dos invisíveis Mahatmas: cada vez mais a Helena

artista dava a vez para a mística Blavatsky, sendo que os Estados Unidos seria a pátria-mãe de sua predestinação espiritual no lançamento de um projeto esotérico, sempre sob as coordenadas dos seres espirituais tibetanos que a acompanhavam.

Ainda em Paris, ela morou num apartamento na *rue Du Palais*, em companhia do primo Nicolas Hahn e de um amigo íntimo deste, o Sr. Lequeux. Uma doutora chamada L. M. Marquette, que passou a frequentar os seus aposentos na cidade luz, dará o seguinte depoimento sobre Helena Blavatsky ao lado dos Leymarie:

> "Ela passava todo o tempo pintando e escrevendo, raramente saindo do quarto. Tinha poucas amizades, entre as quais, porém, encontravam-se o senhor e a senhora Leymarie. Tenho Madame Blavatsky na conta de uma das mais apreciáveis e interessantes senhoras que jamais conheci (...)."

Essas trocas de amizades permitiram forjar outra troca: a das várias correspondências entre Madame Blavatsky e Leymarie...

Antes de partir de Paris, novamente a pedido de seus guias orientais, ela acertaria alguns detalhes com o casal Leymarie. Prometia mantê-los informados sobre suas atividades místicas nos Estados Unidos. Em troca, Leymarie publicaria, na *Revista Espírita*, as experiências extrassensoriais que ela fosse adquirindo do outro lado do Atlântico... Leymarie só queria ser agradável... Tudo em nome da fraternidade universal...

De fato, um amigo de Leymarie, chamado Camille Chaigneau, dirá que ele se tornou um grande admirador de Madame Blavatsky, com a qual sabia ele que, eventualmente, enfrentaria algumas dificuldades, por conta da personalidade instável dela. Mesmo assim, ele foi o primeiro entre os iniciadores da Teosofia na França.

Mas esse Leymarie não era kardecista? Como assim, teosofista?

Nasce a Sociedade Teosófica

Madame Blavatsky, enfim, deixaria Paris por ordem de seu mestre e instrutor M, dito Morya, com destino a Nova York.

De um dia pra outro, e provida tão somente de dinheiro necessário para custear a sua ida, ela comprou uma passagem de primeira classe do Havre e partiu para a América do espiritualismo moderno.

Anos mais tarde, no seu primeiro livro, ela explicará que "tinha sido enviada da França para a América para provar a realidade dos fenômenos e a falsidade das teorias espiritualistas, tendo recebido um treinamento oculto com os sábios do Himalaia."

Ao que se especula, ela desejava criar uma irmandade de mestres himalaios que, supostamente, a tinha selecionado para que comunicasse a mensagem deles no mundo.

Em julho de 1873, já na América do Norte, Blavatsky foi morar numa hospedaria para mulheres operarias, dependendo do parco dinheiro que lhe chegava pelo trabalho de costura de gravatas com flores artificiais, da montagem de bolsas e dos limpadores de canetas. Enquanto isso, um membro da nobreza russa desencarnava subitamente. Era o pai de Helena Blavatsky, o velho capitão Peter

Hahn...

Meses depois, a família enviaria, pelos correios, a sua herança de direito por meio de uma ordem de pagamento de 1000 rublos, o que fez com que ela mudasse imediatamente para um bairro melhor na cidade de Nova York. Passou por Union Square, foi para East Sixteenth, depois St. Irving Place, entre outras mudanças e novas andanças, como acontecera na abertura de pequenos negócios imobiliários, além da tentativa de fazer fortuna num ramo de granja à criação de frangos.

Logo que passou a conhecer a realidade dos espiritualistas americanos, ditos modernos, todas as suas cartas à família, sob o pseudônimo de Radda-Bai — a assinatura de seus escritos russos — partiam dos Estados Unidos carregadas de manifestações raivosas contra os abusos daquele espiritualismo moderno, que ela chamaria de materialismo espiritualista.

Foram muitas as indignações que publicaria pelos jornais americanos sobre aquelas ciências mediúnicas praticadas pelos norte-americanos na década de 1870. Ela chegaria ao ponto de comparar as pessoas que desencarnavam na América do Norte como sombras, ou seja, espíritos disfarçados e altamente prejudiciais à saúde dos médiuns, suas vítimas passivas...

Mas a sua visita os irmãos Eddy, médiuns rurais famosos à época, foi a última gota que fez transbordar a sua curta paciência. Depois disso, Blavatsky se tornaria uma inimiga velada do espiritualismo americano e moderno.

Em julho de 1874, ela conheceria um homem da lei que mudaria a vida dela para sempre... Era um profissional regulador de seguros, conhecido por Henry Steel Olcott — que fora nomeado coronel durante a Guerra Civil — um curioso pesquisador de fenômenos do espiritualismo moderno.

Tão logo, *Jack* (ela); *Maloney* (ele) estabeleceram mais que uma forte relação de amizade, e de apelidos, união essa que duraria a vida

toda de ambos...

A dupla colocaria na prática a nova escola Ocidental apregoada pelos mestres invisíveis da Madame *Radda-Bai*. E em 16 de fevereiro de 1875, ela escreverá uma correspondência a um professor chamado H. Corson, tentando explicar ainda os motivos que a levaram aos Estados Unidos., anos atrás:

> "Eu estou aqui, neste país, enviado pelo meu Lodge, para revelar a verdade que está por trás deste espiritualismo moderno. Esse é o meu dever mais sagrado: lançar luzes sobre o que é, e denunciar o que não é... Talvez eu tenha chegado aqui cem anos demasiado cedo (...)."

Eis que havia chegado, de fato, uma importante data: o dia 7 de setembro de 1875...

O projeto de cunho orientalista dos mestres espirituais nasceria na Terra com o nome de *Theosophical Society* (Sociedade Teosófica).

O primeiro objetivo original da Sociedade Teosófica seria logo estabelecido: dedicação total à Fraternidade Universal.

Outro objetivo surgiria mais imperativo: "Estudar as filosofias do Oriente, principalmente as da Índia, e apresentá-las gradualmente ao público em várias obras que interpretarão as religiões exotéricas à luz dos ensinamentos esotéricos".

Enquanto isso, personalidades do *merveilleux théosophique*, ou seja, os novos filoteosofistas se reuniam no apartamento de Madame Blavatsky: surgia a ideia de formar uma *sociedade*...

Porém, o que desviava a atenção dos visitantes era o exótico objeto que havia na sala: um babuíno empalhado, com óculos, colete, fraque e gravata, portanto sob um dos braços, um volume de *A origem das espécies*, de Darwin. O pobre animal simbolizava, segundo afirmam alguns pesquisadores, a insensatez da ciência diante da sabedoria da religião...

A nova Sociedade Teosófica não podia parar... Entre setembro e

outubro de 1875 seriam discutidos os estatutos, para logo se estabelecer a criação de um escritório central. Senhor Olcott será nomeado o presidente; enquanto Madame Balvatsky, a secretária-correspondente. E em 17 de novembro realizar-se-á a reunião inaugural...

Consta no *Programa original da Sociedade Teosófica*, documento esse elaborado por Blavatsky, que um membro cristão liberal da Sociedade Teosófica recém-inaugurada levantou objeções ao estudo das religiões orientais e pôs em dúvida a necessidade da abertura daquela sociedade, dizendo ainda que se sentia no direito de julgar outras pessoas...

A resposta de seus fundadores ao desbocado homem, não menos dura, logo viria: "Você não tem direito a esse título! Você é somente um *filoteosofista*, pois quem quer que tenha alcançado a compreensão total do nome e da natureza de um teosofista não fará parte do julgamento de qualquer homem ou ação (...)."

E ante que o desavisado ser quisesse retrucar algo, novo aviso fora lançado em sua direção: "Se você quiser ser um teosofista não deverá fazer como aqueles à sua volta, que evocam um Deus de verdade e amor e servem às tenebrosas forças do poder, da avidez e do acaso (...)."

Apesar dos pesares, dia após a inauguração da S.T. americana, três pessoas seriam expulsas por calúnia e maledicência, conforme ditava o regulamento inicial da Sociedade-mãe, que tempos depois se tornaria obsoleto, não mais expulsando ninguém.

Rapidamente, após o surgimento da Sociedade, sua fundadora Blavatsky embarcou na solidão de seus aposentos para escrever o seu primeiro livro, que se chamaria *Ísis sem véu* — projeto editorial complexo e gigantesco — que contará com forte apoio do íntimo Olcott.

Incrivelmente, ambos passariam a morar no mesmo

apartamento com o babuíno — mas em quartos separados — residência esta apinhada de animais empalhados, enfeites e bugigangas orientais, a qual chamariam juntos de lamasterio, lamaseria ou convento de lamas...

O que se sabe é que, pouco antes de ser inaugurada em 1875, a Sociedade Teosófica — representada como Teosofia, ao lado de seus teósofos ou teosofistas — girou em torno de um senhor chamado Felt, que havia visitado o Egito, estudando as antiguidades daquele país.

Praticante da Cabala, o curioso Felt formulara uma teoria um tanto excêntrica para explicar que os números da cabeça-de-cão e da cabeça-de-falcão, pintados nos monumentos egípcios, não eram meros símbolos soltos em vão, mas sim retratos dos elementais, que se tornariam depois a representação simbólica dos espíritos à Teosofia. O pretensioso Felt afirmava ainda ser capaz de evocar e controlar os tais elementais, anunciando, em seguida, que havia decifrado os papiros secretos e mágicos do antigo Egito.

Assim, a recém-nascida Sociedade Teosófica, altamente influenciada pelas investigações *in loco* do Sr. Felt, assim como pelas teorias de *The hermetic brotherhood of Luxor* (sociedade iniciática ocultista conhecida como a *Irmandade hermética de Luxor*), teve o seu início como uma escola egípcia de ocultismo...

Madame Blavatsky apelidaria a sua nova Sociedade de *caves and jungles of hindustan*, ou melhor, "Cavernas e selvas do Industão" — que é o atual subcontinente indiano, a região peninsular do sul da Ásia, onde se situam a Índia, o Paquistão, Bangladesh, Nepal e Butão.

Madame Blavatsky também rotulará a sua novíssima S.T. com o pejorativo *La Société dês Malcontents Du Spiritisme*, ou seja, A Sociedade dos Descontentes do Espiritismo, indireta grosseira à Filosofia Espírita de Allan Kardec, como também do inocente Leymarie, médium parisiense que dizia ela ser o seu amigo.

Mas a importante conexão que Blavatsky deixaria firmada com o

Espiritismo francês, ainda em 1873, por meio daquelas trocas de confiança com o seu pupilo kardecista Pierre-Gaëtan Leymarie, fez com que a *espírita Blavatsky* olhasse com extremo zelo para a *Revista Espírita*.

Sem achaques declarados — pelo menos por enquanto — ela enxergaria o periódico espírita mais importante da França como um veículo de comunicação mais do que essencial à difusão de suas ideologias e projetos literários teosóficos. Estes seriam enviados a Paris, em breve, por meio de artigos e matérias remetidas dos Estados Unidos para a receptiva *Revue Spirite* fundada por Kardec, em 1858.

Embora o seu zelo sobre o que pensava à época do Espiritismo e dos espiritistas franceses nunca fosse tão bem lapidado, Blavatsky terá muita liberdade, por exemplo, para contar certas sinceridades neste trecho de sua correspondência, que ela encaminharia ao mesmo professor H. Corson, em 20 de março de 1875.

> Você quer saber sobre a Revista Espírita? Vou cumprir com o seu pedido. Conheço bem e considero o Sr. Leymarie, o editor da Revista, o meu amigo. Esta revista ou periódico é o melhor da França. É altamente moral, verdadeiro e interessante.
>
> É claro que a sua direção via puramente a Kardec, para os próprios livros da criação do mestre (sic), ao lado de seus espiritistas franceses, os re-encarnacionistas (sic), como classifica o mesmo Kardec, que deixou a *Revue* como uma herança para Leymarie.
>
> A viúva, Madame A. Kardec, é uma das mulheres mais nobres e mais puras que vivem.
>
> Os espiritistas têm uma ligeira tendência para o ritualismo e para o dogma, mas essas são apenas pequenas sombras da educação católica que herdaram, um hábito inato nestas pessoas que saltaram tão rapidamente da escravidão papista, do materialismo ao espiritualismo.
>
> Sra. Corson não vai se arrepender de fazer uma assinatura com eles. Encontrei uma falha neles para uma coisa, não na *Revista Espírita*, mas o próprio ensino, ou seja, que eles são re-encarnacionistas e missionários zelosos

> para consigo mesmos. Eles nunca poderiam fazer qualquer coisa comigo para me provocar algum desgosto; nós ainda somos amigos. Monsieur e Madame Leymarie são pessoas muito cultas, verdadeiros e sinceros como o ouro (...).

Conhecida agora nos Estados Unidos como Madame Blavatsky, ela começaria a escrever para jornais de qualquer espécie e lugar, a fim de chamar a atenção para os ideais em torno de seu novo teosofismo, de modo a intrometer-se, por vez, entre espíritas e espiritualistas do mundo todo, no uso e abuso do relativo respeito que conquistara da classe de ocultistas e esotéricos em formação frenética pelos continentes afora.

E como representante maior da Teosofia, Helena B. tornar-se-rá o próprio significado do que veio a ser o teosofismo inaugural, de maneira a se sentir a maior representante na Terra do conhecimento de Deus, ou mesmo de todas as religiões e filosofias juntas...

Por fim, segundo diziam os próprios teosofistas da época, o famigerado planeta Terra precisava de uma *femme forte* para trazer aos materialistas do século 19 a seguinte revelação: "A humanidade perdeu suas crenças e seu melhor ideal. O materialismo e as pseudociências os mataram. As crianças de nosso século não têm mais fé (...). Elas terão a fonte de todas as religiões humanas: a Teosofia (conhecimento de Deus) irá fornecê-las (...)."

Spiritheosophistes

A partir de 1875, com a fundação da Sociedade Teosófica, dois kardecistas se tornariam os principais responsáveis pela transmissão das ideias teosóficas na França: Pierre-Gaëtan Leymarie (P.-G.L.) e Dominique Albert Courmes (D.A.C.).

O primeiro, porque era um amigo e admirador de Blavatsky; o segundo, porque descobriu a Teosofia depois de exaustivas leituras de livros e revistas estrangeiras sobre o tema, tornando-se um teósofo convicto, além de pioneiro na defesa da causa teosófica especialmente em território francês.

E a *Revista Espírita* fundada por Kardec, por sua vez, será o principal veículo de divulgação do teosofismo naquele país tricolor.

O primeiro, Sr. Leymarie, fará de tudo para publicar os artigos teosóficos na *Revue*; enquanto o segundo, Sr. Courmes, os escreverá sob o pseudônimo D.A.C.

Sabe-se que Leymarie fora amigo íntimo de Allan Kardec, como também medianeiro de confiança do mestre na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas (S.P.E.E.), que surgira em 1 de abril de 1858. Antes de se tornar espírita, por ocasião do Golpe de Estado francês de 1851, Leymarie, como seguidor fiel das ideias republicanas, fora considerado inimigo do regime, sendo exilado de seu país. Acredita-se que ele, ao lado de mais de 200 socialistas utópicos, tenha vindo tentar a vida na América do Sul... Talvez, pelo pouco que se sabe, pode ainda

ter desembarcado no Brasil...

Em 1859, anistiado e de retorno a Paris, M.P-G. Leymarie — como ficará conhecida a sua assinatura na *Revista Espírita* — casou-se aos 32 anos com a jovem Marina Duclos — dez anos mais nova que ele — assumindo a gestão familiar de uma casa de comércio no ramo da alfaiataria. Certo dia, ao ouvir falar das mesas girantes, fora ao encontro de uma. Entusiasmado com o que viu, começou a participar de algumas sessões com a esposa Marina. Assim, o socialista tornar-se-ia espiritista convicto e amigo de Allan Kardec.

Abraçando a doutrina dos espíritos como um ardente republicano, na S.P.E.E. ele dará exemplos iniciais de dedicação como seguidor das ideias doutrinárias do mestre Allan Kardec.

E como seguidor dos ideais doutrinários da Teosofia, Leymarie terá a comprovação definitiva da fidelidade que Helena Blavatsky era devotada por ele, só que essa constatação se daria na cadeia.

Condenado como falsário, em abril de 1876, por conta do fatídico episódio de *Le Procès dês spirites* (*O processo dos espíritas*), ele já estava preso um ano antes, acusado como cúmplice de um fotógrafo chamado Buguet, em que ambos supostamente teriam fraudado fotografias de espíritos, enganando muitas pessoas enlutadas com a garantia de que seus entes desencarnados surgiam nas tais fotografias dos espíritos.

Curioso observar que à época do processo, Helena Blavatsky encaminhará ao editor do *Journal The Spiritual Scientist*, a seguinte nota de indignação sobre o julgamento de seu amigo parisiense P-G.L.

> "O pobre editor da ***Revista Espírita*** (...) nem uma única acusação mantida poderia ser contra ele (...) testemunho abundante em favor de sua perfeita integridade de caráter (...) infeliz vítima do jesuitismo e da vingança eclesiástica (...)."

Já Dominique Albert Courmes, um ex-fuzileiro naval que não fora preso, mas que terminou a sua carreira militar como comandante

da Marinha, recebendo, ao longo de seus serviços prestados, várias condecorações, incluindo a de oficial da legião de honra. Aposentado voluntariamente, ele passaria a se dedicar inteiramente à divulgação da Teosofia na França, levando, por isso, o reconhecimento histórico de todos os teósofos, por ter veiculado, na *Revista Espírita*, o primeiro artigo teosófico em terras francesas.

Tentando justificar a sua Teosofia miscigenada no Espiritismo, no futuro ele dirá o seguinte na *Revue* de março de 1897:

> Eu fui um estudante de Allan Kardec em minha juventude, e eu ouvi essa grande inteligência a dizer antes de sua morte física, em 1868 (sic), que os espíritas poderiam acolher os muitos desenvolvimentos que ainda comportam os elementos do conhecimento, àqueles que ele havia contribuído para importar.
>
> Estas são as palavras que alguns anos mais tarde quando da véspera da chegada da Teosofia, em 1875, esta acabaria trazendo esses tais desenvolvimentos, permitindo-lhes agora considerar vê-las como uma extensão natural do Espiritismo (...).

Com esse antigo ponto de vista, desmedido, de Courmes — o de que a Teosofia tornou-se uma extensão natural do Espiritismo —, começaram a pulular outros comentários tendenciosos no sentido de que *le Spiritisme est un degré d'acheminement vers la Théosophie* (...), ou seja, que o Espiritismo é um degrau para se chegar à Teosofia.

Mas o velho comandante D.A.C. demonstrou que não esteve somente interessado nos fenômenos espirituais em torno do mestre Kardec e de sua amada Filosofia Espírita. Ele também fazia questão de divulgar, sempre quando surgia oportunidade, que fora um dedicado defensor da memória do Espiritismo quando esta mais precisou dele. Mérito esse que nós espiritistas reconhecemos largamente, mas sem barulho...

Na *Revista Espírita*, mesma edição de março de 1897, D.A.C. deixará um raro depoimento que confere a ele o título de defensor do patrimônio kardecista.

> Nós, como dissemos, contribuímos para a conservação do Espiritismo (...).
>
> Foi durante o terrível ano (...) o Sr. Leymarie deverá se lembrar disso. Foi durante os últimos sete sangrentos dias da Revolta de Paris, isso em 1871, quando a carnificina e o fogo se espalharam por todos os pontos da capital.
>
> Atirei-me, com meus marinheiros, no meio da fornalha — uma força me conduziu a isso — e, voluntariamente, meus jovens oficiais postaram-se à frente da mansão onde resguardávamos os arquivos do Espiritismo. Era 24 de maio (...)
>
> No exato momento em que as chamas estavam para lamber o prédio, eu já havia conseguido tirar de lá todos os documentos do Espiritismo.
>
> Quatro dias depois lá estava eu do outro lado da cidade, em frente ao ateliê onde confeccionavam as esculturas do monumento fúnebre do mestre, que havia morrido recentemente. O resultado de minha ida até lá: eu as preservei de um saque iminente (...) Estes foram os meus atos nesses terríveis dias (...) Mas não é estranho que eles foram designados para mim?

E a contrapartida desse favor prestado à memória da Filosofia Espírita, viria logo no parágrafo seguinte:

> Bem, tendo eu assim servido à causa da literatura espírita, acreditamos que não são menos úteis agora mostrarmos as riquezas da bibliografia teosófica. As obras das madames Blavatsky e Anne Besant são, certamente, notáveis e acessíveis a todos (...)

Como visto, esse sinistro envolvera em cheio a sede da Revista Espírita e do Jornal de Estudos Psicológicos, onde Leymarie e sua equipe, incluindo Courmes, tentaram resguardar os arquivos do Espiritismo colecionados há décadas pelos Kardec na *rue de Lille*, n° 7.

Sabe-se ainda, por meio da Revue, edição de janeiro de 1914, que o mesmo Courmes e seus valentes marinheiros, ao adentrarem no ateliê do famoso escultor Capellaro, a fim de protegerem a estátua funerária de Kardec, além de outras peças que hoje se encontram no cemitério Père-Lachaise, tiveram de cobri-las com barricadas...

Diz a lenda que no espaço do ateliê de Capellaro, o grupo militar

teria esbarrado por acaso numa mesa, e em cima dela estaria aberto *O Evangelho segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec, onde constava uma passagem recomendando perdão ao próximo...

O mesmo artigo de 1914 relatará que, imediatamente, o militar Courmes e seus marinheiros fizeram meia volta e retornaram à sede da Revue, na rue de Lille, para redobrarem a vigilância do prédio contra a certeira invasão de saqueadores de plantão. Assim, aquela explicação de Courmes — a de ter sido designado para proteger o patrimônio dos Kardec — pode ter relação direta com esse chamamento por meio d'*O Evangelho* e sua mensagem específica de perdão...

Em verdade, essa Guerra Civil Parisiense, que se convencionou chamá-la de Comuna de Paris, trouxe dias muito difíceis aos kardecistas da Capital... A Revue, por exemplo, perderá centenas de assinantes nessa época de sangue e lágrimas, e suas matérias pouco seriam publicadas (por exemplo, em 1871), não passando de dez minguados artigos ao mês. Em verdade, quem compraria um jornal espírita com boa parte da população no caos e na miséria sem-fim?

Curioso observar ainda que vários espíritos deixariam suas mensagens de fé e de luta diante da massacrante Comuna. Uma entidade que se apresentaria como Luís, possivelmente São Luís — o espírito protetor da antiga Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas — deixaria um comunicado espiritual sobre aquela guerra — com certa ênfase republicana — registrado na *Revue* de maio de 1871. Eis o seu devir:

> O momento da luta está perto, a França dará o sinal. A transformação não se estenderá somente em Paris, mas em todo o mundo (...). o início da verdade espalhará o seu germe pelo nosso país; e o fogo latente via se espalhar por todo o Globo; a chama divina brilhará para todos os povos; e as mentes que ainda obscurecem nossa opinião, cairão como mágica. Este será o reino do amor e da fraternidade universal.

Embora a Comuna fora o primeiro governo operário da história,

que introduziria reformas importantes na França, como a abolição da pena de morte, a igualdade dos sexos, o salário dos professores duplicado e a redução da carga-horária dos trabalhadores, esse suposto espírito São Luís se esqueceria de mencionar que tal guerra desumana deixaria mais de 80 mil mortos e outros 40 mil presos, torturados e executados...

Mas voltando ao cadinho onde o teosofismo se fundia no Espiritismo, fica a curiosidade de saber por que a dupla kardecista Leymarie-Courmes — os *spirithéosophes* ou *spirithéosophistes* (espiriteósofos ou espiriteosofistas — neologismos nossos) — sentia tanta necessidade de se filiar à Sociedade Teosófica e aos ideais da Teosofia?

Por que os dois tanto defenderem e divulgaram essa filosofia não espírita por anos a fio, especialmente no principal periódico criado por Kardec — a *Revista Espírita*?

Para Courmes, o Espiritismo fez grandes progressos desde a década de 1850, especialmente com a publicação de sua literatura espírita em diferentes línguas, para diversos povos em várias partes do mundo.

Como vimos, D.A.C. acreditava fielmente que como kardecista — estudante da Doutrina desde jovem — a Filosofia Espírita havia evoluído à Teosofia, e que esta última poderia completar o Espiritismo a partir de 1875 com a fundação da S.T.

Imaginava ele que o Kardecismo progrediria por meio das novas ideias da Teosofia, que trariam suplementos à compreensão do estudo dos espíritos elementais e elementares — defendido pelos teosofistas com base no ocultismo egípcio firmado inicialmente por Blavatsky e Olcott.

Para tentar justificar a presença da Teosofia mesclada à Filosofia Espírita, Courmes ou D.A.C. o homem das três siglas, afirmará num artigo futuro que "a Revista é uma coleção de ensaios, em vez de

um jornal dogmático".

Por fim, arrematará suas conclusões à defesa do teosofismo, dizendo que, nos idos de 1868, "o próprio Kardec havia publicado, em seu periódico, um estudo sobre o filosofo chinês Lao-Tsé, e que sua filosofia também não é coerente com todos os aspectos do Espiritismo", como dirá D.A.C.

Outro fato explicável pode estar novamente no futuro, em 1900, quando o velho Courmes dirá num livro que acreditou que a sua Teosofia poderia mesmo colaborar com o Espiritismo às mudanças necessárias quanto aos dogmas espiritistas: que a Doutrina Espírita deveria ser melhorada e complementada por novos desenvolvimentos — como supostamente havia dito Kardec tempos atrás. Portanto, para Courmes, a Teosofia merecia ser conhecida, lida, estudada e aprofundada pelos espíritas franceses, assim como permitirem a sua passagem a estudo nos demais círculos kardecistas do mundo.

Inquestionavelmente, a transmissão das ideias teosóficas — da América à França — se deveu muito a Dominique Albert Courmes, que reforçaria as intenções do teósofo Leymarie na *Revue*, principalmente incentivando-o a publicar, dentre outras matérias, um longo artigo de 16 páginas, todas dedicadas às ideias teosóficas, isso apenas em abril de 1878.

Já Leymarie, durante cinco anos, transitou conhecimentos teosóficos pela *Revista Espírita*, sempre comunicando os leitores kardecistas sobre os novos e velhos autores do teosofismo, como também sofre as ações teosóficas nos Estados Unidos, e depois na Índia, sem descuidar um minuto das reações dos leitores da Revista que, comumente, encaminhavam suas correspondências ao escritório da mesma *Revue*, ora reclamando, ora protestando contra a crescente influência teosófica no periódico fundado por Kardec e também por sua esposa Amélie.

Muitas vezes, Leymarie prefaciará os artigos teosóficos com a seguinte palavra amiga: "Nós recebemos cartas de amizade muito

interessantes do coronel Olcott e de Madame Blavatsky (...)."

Para ele, a Teosofia se justificava no Espiritismo pela bandeira levantada da fraternidade universal... E, claro, pela sua amizade sincera com a fundadora da S.T.

Ele sempre sinalizava na *Revue* a sua vontade de se tornar útil, simpático e agradável à Helena Blavatsky, ou mesmo dar a conhecer, aos seus leitores, o melhor dessa mulher russa e espiritualista.

Suas notas e seus pequenos artigos sobre o teosofismo, publicados na *Revista Espírita*, quase sempre foram pouco assinados por ele, quando não completamente anônimos, mas sempre reconhecíveis pelo seu estio gentil, atencioso e eficiente.

Em nossas observações e análises, chegamos à conclusão que todas as suas comunicações teosóficas na *Revue* trazem adjetivos medidos e bem posicionados, que revelam um Leymarie altamente teosofista — ao mesmo tempo conciliador — aquele que tem no coração a mais sincera intenção fraternal de compartilhar as ideias místicas de sua amiga e irmã, como ele mesmo dirá, bem como disseminar entre os kardecistas os últimos avanços teosofistas, sejam eles ocorridos no Ocidente ou Oriente.

E quando dificuldades editoriais surgirem na *Revista Espírita*, ou melhor, diante da censura da Comissão de Leitura, Leymarie tentará atenuar os danos com as suas persuasivas, apresentando autores teosóficos na *Revue* por meio de notinhas para lá de agradáveis, sempre enfatizando a natureza humana ou social de suas abordagens e destacando suas atividades civilizatórias que passaram, por exemplo, a desempenhar em Adyar, na Índia, no quartel-general da S.T.

Por fim, enquanto o editor Leymarie continuará a ser um kardecista convicto até o fim de seus dias, que chegará em 1901, o marinheiro Courmes tornar-se-á um teósofo persuadido, defensor da causa teosófica até a sua morte, em 1914.

Financiamento espiritista de Ísis sem véu

No final de 1878, desembarcava, com atraso, no endereço dos Leymarie, em Paris, um exemplar de *Ísis sem véu* —obra primeira de Madame Blavatsky.

Saída do prelo americano em 29 de setembro de 1877, com inacreditáveis 1.200 paginas em dois volumes, os mil exemplares iniciais das obras seriam vendidos, a toque de caixa, em incríveis 10 dias...

Helena — ainda na América — fez questão de rabiscar uma dedicatória no par de livros, a fim de remetê-los ao casal de editores parisienses, Leymarie e esposa. Em contrapartida, o prestativo P-G.L. evocou uma nota interessante na *Revista Espírita* de janeiro de 1879, comentando a atenção que sua admiradora prestou-lhes, dizendo ele que "felizmente a gentil autora enviou uma cópia como presente, contendo uma dedicatória ao senhor e à Sra. P-G.L. desta obra de erudição, cheia de espírito socrático (...)"

Espírito socrático?

Os primeiros cinco mil volumes que desembarcaram na França — edições essas norte-americanas e sem tradução para o idioma

francês — passaria a custar, nas livrarias, 37 francos e meio, valor bem salgado para os padrões econômicos de uma arruinada população pós-guerra, que ainda tentava se reerguer das misérias humanas que assolaram o país tricolor anos antes.

Mas do que tratava exatamente a obra de estreia de Helena Blavatsky?

Com *Ísis sem véu*, Madame Blavatsky inaugurava a literatura teosófica no mundo, fundamentando, ao mesmo tempo, a sua nova doutrina secreta, em que publicaria em *Ísis* parte de seu testamento sobre os conhecimentos adquiridos durante suas supostas viagens em busca do que chamou de verdade...

Resumidamente, o primeiro volume da referida obra aborda a infalibilidade da ciência moderna da época, discute as ciências ocultas, as forças ocultas e também desconhecidas da natureza, entre outros estudos. Madame Blavatsky como escritora fluente, em alguns idiomas, exploraria com muita erudição em *Ísis sem véu*, temas para lá de subjetivos, como os das forças ocultas, os elementais e elementares, os fenômenos psíquicos, além dos complicados conceitos sobre o homem interior e exterior...

No seu segundo volume, ele baterá de frente com a teologia à época, discutindo a semelhança da escrito cristã frente às religiões orientais, como o budismo, o hinduísmo, os vedas e o zoatrismo...

Enfim, muita ousadia feminina e russa numa época em que a Igreja Católica europeia estava de olho em cada virgula vinda do ocultismo, recém-instalado na França.

Enquanto isso, o *Jornal de Estudos Psicológicos*, coordenado por Leymarie e amigos, soltaria um artigo estrangeiro enaltecendo o livro primeiro de Blavatsky. A matéria vinha de Madame van Calcar, uma leitora de Haia, Países Baixos, que estava sob forte impressão à frente de *Ísis*, pois, segundo ela, "Madame Blavatsky desenvolveu com dignidade e uma rara erudição a importância desta ciência".

Van Calcar, em júbilo, congratula a nova ciência que ela considera ser o teosofismo:

> Eu aprecio ainda mais a adesão da Sociedade Científica de Estudos Psicológicos, cujas pesquisas se relacionam intimamente com o oculto; atrevo-me a rebater a tese de vocês de que o psicológico nunca irá penetrar os mistérios da natureza humana sem consultar as sabedorias antigas e sem alguma experiência provinda da alta magia, com seus métodos e seus meios (...)

E depois de passar de dois a três meses lendo *Ísis sem véu*, Madame Van Calcar encerrará o seu artigo em tom poético-teosófico:

> Sua *Ísis* ergue-se majestosamente com a Grande Pirâmide no deserto que o materialismo criou em torno de nós, e ela levanta a mão solenemente para o céu (...)

Mas no decorrer de 1881, aquelas mesmas edições norte-americanas — ainda sem tradução — de *Ísis sem véu* estavam com seus dias contados na França. Tudo porque Leymarie e Courmes tiveram a nobre ideia de mandar traduzir os dois primeiros catataus literários de Helena Blavatsky.

Para isso, a dupla contratou — certamente com dinheiro dos sócios kardecistas da *Sociedade* — um dos melhores tradutores franceses que desembarcaria em Paris só para o feito. A comunicação dessa onerosa empreitada, e já em andamento, surgiria bastante animada na *Revista* de julho:

> Senhor Fortis, que assumiu a tarefa de traduzir a notável obra de Madame Blavatsky, *Ísis sem véu*, nos oferece, por antecipação, o resumo do livro. E o que nós realmente sabemos é que está bem calculado para nos inspirar o desejo de ver publicada esta tradução (...).

E arrematará Leymarie, sob aplausos de D.A.C., tentando justificar aos seus leitores kardecistas a importância da (ainda) estranha Teosofia em terreno francês:

> Os estudos dos teosofistas são muito parecidos com os nossos, de modo que não temos qualquer interesse em fazer uma noção precisa deles.

Devemos ser gratos ao Sr. Fortis pela realização desta tradução tão desejada.

Mas essa grande energia empenhada por Leymarie e Courmes na tradução das 1.200 páginas divididas em dois grandiosos volumes, teria, para a dupla teosofista, um preço emocional mais alto do que o monetário...

Em carta ao Sr. Bilière, Helena da América pergunta-lhe, impaciente: "Está pronta a tradução de Ísis?"

E acelera o amigo francês do outro lado do Atlântico: "Neste caso, poderias me enviar um exemplar?"

No silêncio de seu exótico lar americano, a agitada Blavatsky se preocupa com as correções a ser feita na tradução francesa, ajustes esses que os considerou estritamente necessários.

Em nova correspondência datada de 17 de janeiro de 1882, agora ao seu fiel teósofo Courmes, Blavatsky se mostra doente e com vontade de morrer pela tradução que demora a sair: "Que me envies os manuscritos, vou corrigi-los com cuidado, tenho muita pressa, pois quem sabe quanto me resta de vista (...)".

E quando finalmente Leymarie apresentou a Blavatsky a tão esperada tradução feita pelo esforçado Fortis, dizendo ele por carta que o profissional, diante de uma obra tão complexa e subjetiva, poderia ter interpretado mal os seus pensamentos, imediatamente ela atirou os originais no fogo, com o pretexto de que o tarimbado tradutor francês não conhecia a sua Teosofia...

Inacreditavelmente, seria apenas em 1913 que os franceses puderam, por fim, ler e conhecer a referida obra no idioma francês, reunida, na ocasião, em quatro volumes, onde trechos desses seriam publicados n *Revista Teosófica* fundada por ela.

Possivelmente, dinheiro kardecista atirado no fogo... Da inquieta Madame Blavatsky...

Surgimento da Sociedade Científica de Estudos Psicológicos

Pierre-Gaëtan Leymarie estava decidido a completar as renovações em favor da "nova geração de espíritas, em que todos os corações batem em uníssono e se combinam intimamente para proclamar a unidade das forças universais", como ele mesmo dirá aos quatro ventos, ao lado dos novos espíritas teosóficos.

Em 1878, ele mudará por conta própria as sedes da Sociedade para continuação das obras espíritas de Allan Kardec e da Livraria Espírita, que estavam localizadas na *rue de Lille*, n° 7, desde o desencarne do mestre.

E ele ainda era o mandatário de Amélie-Gabrielle Boudet, a viúva de Kardec... Ou seja, na teoria, Leymarie deveria cumprir e não delegar ordens...

A atual mudança para a *rue Nueve-des-Petits-Champs*, n° 5, distrito do Palais-*Royal*, teria deixado Amélie extremamente triste, não só porque o novo endereço estava localizado em região nobre e famosa de Paris, mas principalmente porque fez aumentar o aluguel em 4.600 francos.

E a decisão de promover festas no mesmo local — que deveria obviamente ficar reservado aos trabalhos espirituais — a apavorou demasiadamente, já que tal iniciativa espalhafatosa estava muito longe dos resguardos e das simplicidades do mestre Kardec.

Por influência de um empresário milionário chamado Jean Antonin Guérin, os membros da *Sociedade* foram convencionados a inaugurar, nesse novo endereço, uma estranhíssima organização: a Sociedade Científica de Estudos Psicológicos.

Esse grupo, não espírita, surgia como o ideal de atrair gente de todo o tipo, interessada nas experimentações do magnetismo animal e das mediunidades. Mas não apenas...

Os livres-pensadores Leymarie, Guérin e demais entusiastas retomarão os estudos das obras de Cahagnet, da doutrina de Swedenborg e, claro, dos quatro volumes massacrantes de J-B. Roustang — um influente advogado da cidade de Bordeaux que coordenaria a recepção de uma extensa obra, originariamente concebida em volumes, que seriam intitulados como *Os quatro evangelhos - revelação da revelação*, ditados mecanicamente pelos supostos espíritos evangelistas, Marcos, João, Mateus e Lucas, à médium belga Émilie Collignon que, curiosamente, fora mãe de um dos prefeitos de Paris.

Acontece que esses volumes já haviam sido rejeitados por Kardec desde 1862 — naturalmente por divergirem do Espiritismo...

Todavia, o artigo segundo do estatuto de inauguração dessa Sociedade Científica de Estudos Psicológicos, além de não mencionar uma linha sequer sobre o Espiritismo, dizia ainda que "ela se propunha ao estudo de todas as ciências que se reportam à psicologia". Psicologia?

Um jornalista e historiador conhecido por Victor Du Bled, enviado especial do jornal *La Société Française*, realizará uma visita à sede dessa nova Sociedade Científica de Estudos Psicológicos para

constatar a seguinte miscigenação de crenças que seguirá muito longe da doutrina dos espíritos codificada por Kardec:

> (...) Passando pela porta da frente, há um grande tapete verde e, acima, uma placa com os dizeres: Sociedade Científica de Estudos Psicológicos.
>
> Na verdade, estes senhores acreditam ser psicólogos por excelência, mas são espiritualistas ao grau centésimo; eles não só cuidam do Espiritismo, como também do magnetismo, da telepatia, e eles fazem um pouco de tudo, numa mistura muito estranha...

Tudo leva a crer que a nova Sociedade Científica de Estudos Psicológicos passou a ser uma sociedade amplificadora das ideias teosóficas na França. Quiçá fora criada pensando também na divulgação do teosofismo em paragens francesas. A prova disso estará bem documentada num pequeno artigo de Leymarie chamado *Coup d'oeil rétrospectif sur l'année 1878*, em tradução livre, *visão retrospectiva do ano de 1878*, publicado na capa da *Revue* de janeiro de 1879 com os seguintes dizeres:

> Pelo órgão do coronel Olcott e de Madame Helena Blavatsky, representantes estimados da grande doutrina com seus escritos eruditos, a Sociedade Teosófica de Nova York se *liga de intenções* (grifo nosso) conosco e com a Sociedade Científica de Estudos Psicológicos, que foi fundada em maio de 1878.

Mas o que, afinal, era e a que se destinava essa Sociedade Científica de Estudos Psicológicos criada por Leymarie e companhia? Tratava-se de uma sociedade mais psicológica ou mais teosófica? Blavatsky faria dela uma possível subsidiária em Paris? Podemos, enfim, falar dessa Sociedade Científica de Estudos Psicológicos como uma filial teosófica que pousava pela primeira vez em território francês?

Interessante observar que essa mesma Sociedade Científica de Estudos Psicológicos nasceria no mês seguinte à publicação, na *Revue*, do artigo *Ideias teosóficas*, ainda em 1878. A primeira reunião da Sociedade Científica de Estudos Psicológicos aconteceria no dia 10 de

junho, e a sua inauguração, em 25 de junho, revelando uma formação bastante rápida e não menos precipitada.

Uma hipótese a qual podemos justificar o surgimento arquitetado da Sociedade Científica de Estudos Psicológicos dá-se ao observarmos os objetivos da Sociedade Científica e o da Sociedade Teosófica. De fato, seus propósitos são muito semelhantes: estudo dos fenômenos, reflexões sobre a vida, a morte e o além-túmulo, logicamente com diferenças nas abordagens.

Enquanto para os psicólogos da Sociedade Científica de Estudos Psicológicos estava mais do que comprovada a existência dos Espíritos desencarnados, os que se comunicavam com os encarnados, para a Teosofia essa relação se dava por meio de forças ocultas e diversas. E essas explicações teosóficas iniciais causariam muita confusão à época...

Todavia, uma Sociedade Científica de Kardecistas, obviamente teria a liberdade de estudar as novas ideias *místicas e esotéricas que desembarcavam na França*, oferecendo ao público interessado explicações científicas, rigorosas, dos fenômenos sobrenaturais, também por meio de conferências ou debates.

Entre os kardecistas mais ortodoxos, alguém deve ter defendido a seguinte postura: "Ora, então por que não estudar a Teosofia, já que somos uma sociedade científica e independente?"

Pensavam os livres-pensadores: sendo a Sociedade Científica de Estudos Psicológicos uma divisão, um braço do Espiritismo e da *Revista Espírita* ao esclarecimento da ciência e da psicologia, não haveria motivo algum de criticas e acusações antiespíritas!

Embora Blavatsky, do outro lado do Atlântico, se concentrasse nos seus estudos e nas experimentações ocultistas, inicialmente egípcias; se debruçasse nos mistérios da natureza humana; nos fenômenos paranormais à luz da sabedoria antiga e Oriental do esoterismo, ela fornecerá aos escritórios do *Boletim da sociedade*

Científica de Estudos Psicológicos outras explicações para os mesmo elementos — místicos; outros pontos de vista do mesmo conhecimento — esotérico; estudos antigos com novas abordagens da mesma causa — teosófica.

Mas esse editorial teosófico circulando bem debaixo do nariz dos kardecistas não funcionaria tão bem assim ao passar dos anos. Os pontos de vistas de alguns autores espiritistas franceses quase sempre vinham na contramão das conclusões dos teosofistas americanos...

Um bom exemplo dessas polaridades ideológicas: à distância, Helena discordava das ideias do filosofo roustainguiano Charles Fauvety e também dos pensamentos espiritualistas de d'A. Froment... Por sua vez, Leymarie e o amigo Courmes, teosofistas e kardecistas, concordavam com Blavatsky, com Fauvety e com Froment...

Entretanto, ainda sobre a Sociedade Científica de Estudos Psicológicos, o mesmo livre-pensador Fauvety dirá num artigo futuro, que será publicado no *Boletim da Sociedade Científica de Estudos Psicológicos*, edição de julho de 1883, que ela "foi fundada há alguns anos atrás e acabou falindo, ao que parece, como resultado da controvérsia entre o oculto da Teosofia e o Espiritismo da sociedade psicológica".

Em verdade, os novos teosofistas franceses faziam parte do comitê da Sociedade Científica de Estudos Psicológicos e eram naturalmente convidados a expor suas ideias em público, além de participarem das discussões de pauta como livres-pensadores.

Segundo Faubery, ainda no seu artigo, dirá ele que: "a comissão da Sociedade Científica de Estudos Psicológicos tinha essa postura porque acreditava que isso agradaria a Sociedade Teosófica de Paris", cuja existência e pormenores abordaremos em outro capitulo.

Mas a chapa da fritadeira dos teosofistas da Sociedade Científica de Estudos Psicológicos, que esquentará durante cinco anos (de 1878 a 1883), ao mesmo tempo em que estimularia e inflaria as ideias de

Blavatsky por toda a França, acabou gerando também muitas controvérsias internas, graves o suficiente para que Helena da América sugerisse a divisão da Sociedade em três grupos distintos. Um racha à vista!

Concluímos que a enigmática Sociedade Científica de Estudos Psicológicos fora o órgão mais importante à divulgação e propagação do teosofismo francês, sendo os seus integrantes maiores (os teósfos-kardecistas-roustainguianos, Sr. Leymarie e Sr. Courmes) os pioneiros do Movimento Teosófico na França.

A miscigenada Sociedade Científica de Estudos Psicológicos — nascida teosófica em 1878 — encerrará suas atividades em 1883, sem prestígio algum e ainda por cima debaixo de uma grave crise recheada de conflitos insolúveis.

Por fim, as ações, teosofistas, provocarão reações, kardecistas, desaguando no histórico racha do grupo científico-psicológico em três filias teosóficas francesas diferentes, que continuarão sendo subsidiadas à distância por Helena e Olcott.

E a Filosofia Espírita de Kardec, onde?

Polêmica à vista:
Sociedade Teosófica dos Espíritas Franceses

Indiscutivelmente, a chegada do movimento teosófico na França se estabelecia pela veiculação ininterrupta de dezenas de artigos publicados na *Revista Espírita*.

Esse sucesso da Teosofia em terras tricolores — como o patrocínio de kardecistas — parecia seguir uma lógica bastante precisa: 1875 - criação da Sociedade Teosófica; 1876 - observação (por Leymarie e Courmes) da evolução das ideias teosóficas na América; 1877 - artigo na *Revue* sobre a Sociedade Teosófica de Nova York; 1878 - publicação na *Revue* do suplemento *Idées Théosophiques* (Ideias Teosóficas), com 17 longas páginas; e, por fim, o acinte de 1879 - a criação da *Société Théosophique dês Spirites Français*. Espíritas franceses?

Isso mesmo, essa S.T.E.F. (em português) era uma filial da Sociedade Teosófica que pousou na sede do quartel-general do kardecismo parisiense — o escritório da *Revue* —, ainda sob a responsabilidade de Amélie-Gabrielle Boudet, esposa e herdeira de Allan Kardec.

O que, de fato, Leymarie queria com a criação de uma inacreditável Sociedade Teosófica dos Espíritas Franceses?

Ao que tudo indica — com isso —, ele desejava mesmo passar por cima dos bondosos preceitos de uma senhora de 84 anos de idade...

Mas desde 1878, com a esquisita sobreposição da Sociedade Científica de Estudos Psicológicos na Sociedade para continuação das obras espíritas de Allan Kardec — criação essa da viúva Kardec — Leymarie passaria a deixar muito claro "A nossos leitores", que "Paris era a filial da grande escola teosófica correspondente com os amigos da Índia (em Bombaim)". E ponto final!

Em meio a tantas sinceridades e liberdades de um livre-pensador, nenhuma menção fora feita por ele na *Revista Espírita* sobre a criação dessa Sociedade Teosófica dos Espíritas Franceses. Por que será?

Certamente, o fato de tornar público aos leitores da *Revue* e pagantes da Sociedade (dentro e fora da França) a informação de que havia em curso um grupo de kardecistas interessados em estudar uma filosofia espírita-teosófica, ou mesmo que dirigentes kardecistas desejavam participar de um teosofismo kardecista em Paris, repercutiria negativamente ao chegar a qualquer endereço.

Porém, querendo ou não, isso acabaria acontecendo em meados de 1883, quando não foi mais possível manter na informalidade as atividades daquele grupo de kardecistas teosóficos parisienses, que minguava de tamanho a cada ano.

Todavia, para a Helena (agora na Índia), falar por carta com Dominique Albert Courmes ou Auguste Bilière sobre uma filial da S.T.E.F. na França se tornava bastante comum, como é o caso desta nota da redação sobre a *Théosophie et Spiritisme*, escrita por um teósofo chamado Charles Blech: "Eu tenho certeza de que você poderia inaugurar uma filial francesa, que não faria apenas 'ornamental' (grifo nosso), mas que seria útil de alguma forma".

Algumas linhas adiante, Helena da Índia escrevia outra

consideração "ornamental" nesse sentido, só que agora para o Dr. Thurmam: "Uma filial em Paris sob sua direção poderia fazer maravilhas (...)".

Acredita-se que em 1879 tenha surgido por volta de 185 curiosos em participar da Sociedade Teosófica dos Espíritas Franceses. E mesmo que esse número não represente necessariamente adesões, um pequeno grupo de espiritistas seria formado com a proposta de estudar e compreender, mesmo que informalmente, os ensinamentos ocultos e "egípcios" propostos por Madame Blavatsky.

Entretanto, a maioria desses novos *filo-teosofistas* (sic), como eram chamados os iniciados, era constituída por membros pertencentes à escola de Kardec, o que fez com que esses não prestassem muita atenção ao que vinha acontecendo sobre o teosofismo nos Estados Unidos e depois na Índia, diante das novas descobertas da Teosofia no campo místico-esotérico.

No final do século 20, Jocelyn Godwin, em sua brochura *The biginnings of Theosophy in France* (Os primórdios da Teosofia na França), reportará que em virtude de todos os membros pertencerem à *Kardec School* (Escola de Kardec), durante cinco anos a *Sociedade dos Espíritas Teosóficos da França* (sic), sucursal de Paris, acabaria falindo porque seus membros permaneceram na *virtual ignorance* (ignorância virtual) daquilo que Madame Blavatsky, e outros, estavam ensinando em paragens distantes.

Finalmente Godwin, em seu opúsculo:

> (...) suficientemente ocupados com os eventos em Bombaim, Adyar, Nova York e em Londres, Blavatsky achou melhor deixá-los em paz (...).

Em abril de 1883, prevendo o fim próximo da ornamental S.T.E.F., Blavatsky esbravejará numa carta enviada a Courmes, justamente daquela falta de atitude dos membros da sucursal teosófica parisiense: "A 'filial teosófica" (sic) de Paris me endereça

essa respectiva homenagem, mas reorganizá-la tornou-se impossível (...) Depois de quatro anos ou mais eles ainda não elegeram sequer um presidente, nem mesmo um fictício (...)".

A memória falível de Helena da Índia aponta para "depois de quatro anos ou mais", o que deixa subentendido que a S.T.E.F. pode ter surgido ainda durante o ano de 1878, sido inaugurada em 1879, para durar até meados de 1883 — ocasião essa em que o Comitê de leitura da *Revue* barraria os muitos artigos teosóficos intermediados por Leymarie e Courmes, de Bombaim a Paris.

Ao que tudo indica pelo artigo de Charles Blech, *La réponse dês théosophes* (A resposta dos teósofos), publicado na *Revue* em maio de 1883, Madame Blavatsky não encarava a S.T.E.F. como uma mera ramificação do teosofismo em Paris.

Fato é que o nascimento dessa organização do *Espiritismo teosófico* na França configurou-se para ela, muito mais do que uma simples filial teosófica. A seguinte fala de Blavatsky não nos deixar mentir: "A harmonia fraternal e os acordos relativos prevaleceram durante cinco anos entre a nossa Sociedade Teosófica, com sede na Índia, e a nossa amada filial em Paris".

Essa amada filial — a mesma S.T.E.F. — tornar-se-ia o braço parisiense do "Centro do Poder", como seria chamada a sede oficial da Sociedade Teosófica depois de sua transferência para a Índia, em 1879.

Para a S.T. aterrissada em Adyar, esse centro do poder deveria reunir os verdadeiros teosofistas do mundo, ao passo que do lado de fora da S.T. de Adyar, se consideraria todos os demais estudiosos *filoteosofistas*, ou meros filósofos e sofistas.

Para seus fundadores, a ordem superior ditada pelos mestres deveria ser respeitada e seguida nos seguintes termos, conforme proclamará Blavatsky, em 1886: "A teosofia não deve representar meramente uma coleção de verdades morais ou um pacote de éticas

metafísicas epitomadas em dissertações teosóficas. A teosofia tem de ser tornada prática, e tem, portanto, de ser libertada da discussão inútil (...)".

Porém, os muitos membros da S.T.E.F., como é o caso do maçom Leymarie, haviam convivido diretamente com Allan Kardec, observado e cooperado com o mestre na fundação do Espiritismo no fim da década de 1850. Ao certo, sabiam esses senhores que os ensinamentos dos Espíritos, contidos nas cinco obras fundamentais da Doutrina Espírita (*O Livro dos Espíritos; O Livro dos Médiuns; O Evangelho segundo o Espiritismo; O Céu e o Inferno;* e *A Gênese*) destoavam sobremaneira das vivencias egípcias de 1875 que dariam corpo ao teosofismo moderno codificado por Blavatsky e Olcott.

Isso, de certa forma, fez com que a dupla teósofa previsse que a comunidade kardecista mundial começaria (a qualquer momento) a denunciar, nas ideias místicas do Oriente, certo teor niilista incrustado nos artigos teosóficos da *Revue*, publicados sob a responsabilidade do Comitê de leitura, diante das forças persuasiva de Leymarie e Courmes, para desespero da solitária viúva Kardec, que se revirava de pavor diante de todos esses acintes, em sua residência à *villa Ségur*, na Paris-Luz.

Essas ideias niilistas, de certa forma, combatiam e contrariavam tudo aquilo que Allan Kardec havia estabelecido diante dos conceitos positivistas da fraternidade universal, há tempos ventilados no Espiritismo.

Niilismo (do latim *nihil,* nada), em sua concepção antipositivista, nada mais é que a desvalorização e a morte do sentido; a ausência de finalidade e de respostas aos "porquês" da humanidade... Ou seja, tudo aquilo que a Filosofia Espírita repudiava.

Em contra partida, o que mais fez a doutrina dos Espíritos em todos os tempos fora fornecer respostas simples e claras no combate ao materialismo provindo desse nada niilista...

O Livro dos Espíritos, organizado por meio de perguntas e respostas, é a prova maior desse "tudo", caminhando no sentido da valorização da vida ou da morte, com suas respostas precisas vindas dos Espíritos sobre os porquês da humanidade.

Resumindo: a Teosofia da época impugnava o Espiritismo a sangue frio, se utilizando de sua própria *Revista Espírita* para contradizê-la...

Inacreditavelmente, os kardecistas do principal círculo espírita de Paris demorariam cinco anos para tomarem uma atitude!

Portanto, a suspeita de niilismo à época, justificando os ideais teosofistas era um atentado contra tudo aquilo que o Espiritismo, como terceira revelação, havia construído na intenção divina de trazer os ensinamentos de Jesus à humanidade...

Ao que se sabe, no final de 1883, persistiram menos de 20 membros à frente daquela *Société Théosophique des Spirites Français*, como visto, um pequeno embrião teosófico de espiritistas kardecistas que insistia em existir por conta da chegada de Helena Blavatsky e de coronel Olcott numa Paris em seu pleno verão.

Por fim, o pesquisador teósofo Charles Blech dirá, mais tarde, que a curiosa S.T.E.F. (criação de Leymarie e Courmes), além de fomentar o nascimento do Movimento Teosófico Moderno na França, foi essencial para lançar as bases à inauguração da *Société Théosophique d'Orient et d'Occident* (Sociedade Teosófica do Oriente e do Ocidente), dada por Lady Caithness — uma espírita-católica inglesa que também se convertera ao teosofismo.

Duquesa de Pomar, como também era chamada essa rica feminista, por ironia do destino, se "preocupará mais com o Espiritismo do que com a Teosofia", segundo a fala alquebrada do velho coronel Olcott, em seu discurso presidencial de 1906, às vésperas de seu desencarne.

Suplemento teosófico na Revista Espírita

Allan Kardec decidiu que escreveria — sozinho — todas as matérias do seu primeiro periódico espírita a surgir no mundo... E a sugestão de sua criação partira do *plano espiritual*, por meio de uma médium adolescente chamada Ermance Dufaux.

O ousado projeto editoria do casal Kardec se chamaria *Revue Spirite* (*Revista Espírita*), e começou a circular em 1 de janeiro de 1858, impresso pela tipografia de *Beau*, a mesma de *O Livro dos Espíritos*. E o dinheiro para bancar a primeira edição da *Revue* partira tão somente de Amélie-Gabrielle Boudet, a esposa do Codificador.

A *Revista Espírita* surgiria em Paris (para o mundo) com o subtítulo de *Jornal de Estudos Psicológicos*, trazendo ainda uma epígrafe de peso logo abaixo: "Todo efeito tem uma causa. Toda efeito inteligente tem uma causa inteligente. O poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito".

O que seria, a princípio, um periódico espírita que não inspirou muita confiança em Kardec, no sentido de grandes vendagens, tão logo passaria a dobrar o interesse de leitores por assinaturas, isso sem esforço algum no sentido das publicidades espontâneas, obrigando o mestre lionês a fazer novas reimpressões de anos anteriores, duas

vezes esgotadas...

Um bom exemplo disso estaria na renda da *Revue* que, só no ano de 1868, já havia alcançado 660 assinantes, que pagavam 10 francos por ano, o que gerava à Sociedade um lucro bruto de 6.600 francos anuais...

E nos anos seguintes, passaria de 1.100 o número de seus assinantes, tudo ainda com vantagem de não se pagar pelo papel de impressão e, muito menos, remunerar qualquer artigo de seus colaboradores, como vinha acontecendo há alguns anos, a pedido de Kardec...

O número de páginas da *Revue* também não pararia de crescer, chegando a atingir em determinado ano, 1.878 artigos, isso sem contar os vários suplementos que eram anexados eventualmente.

E por falar nisso, um "suplemento teosófico" seria anexado à *Revue*, na edição de abril de 1878, especialmente para reforçar o lançamento da Teosofia em terras francesas.

Sobre os custos e gastos, um recado seria deixado na 16ª linha do texto desse suplemento:

> (...) Este sacrifício é feito pela Sociedade, sem aumento de preço da Revista; em consequência disso, esse nosso suplemento, que contém 40 páginas, custará meio franco adicional. Quantidades maiores deverão ser reservadas pelos assinantes (...).

Transcrito pelo velho marinheiro Courmes, e publicado por Leymarie sob a autorização do Comitê de leitura da *Revue*, esse extenso suplemento (não espírita) surgiria com dois artigos de Courmes, um de abertura e um de fechamento, incluindo também fragmentos da fala de Blavatsky, e outro artigo com um título bastante curioso: *Premier article du Colonel Olcott* (*Primeiro artigo do Coronel Olcott*)... Obviamente, em terras francesas.

Para evitar algum tipo de confusão ou mal entendido com algum kardecista mais atento, Olcott fez questão de tentar resumir o que

vinha a ser a sua Teosofia:

> Aqui, um breve resumo das ideias a que os teosofistas chegaram:
>
> 1ª Aceitamos a doutrina da imortalidade do Espírito humano, e o fato da comunicação entre este mundo e o outro;
>
> 2ª Acreditamos na realidade, tanto objetiva como subjetiva, dos fenômenos mediúnicos;
>
> 3ª A mediunidade pode ser naturalmente **ativa ou latente** (grifo nosso); neste último caso, o seu desenvolvimento requer esforço exercido em circunstâncias favoráveis. Estamos, portanto, em geral, em bom acordo com os espíritas.

E a primeira contradição viria logo a seguir, na continuação de seu item terceiro. Olcott provavelmente se esquecera de que falava (também) para médiuns franceses e não (apenas) para os médiuns americanos do espiritualismo moderno.

O que mais Kardec fez, desde 1857, com o aconselhamento dos espíritos superiores, fora incentiva a prática mediúnica por meio dos diversos grupos espíritas estabelecidos no mundo. A continuação da fala do militar reformado, certamente não alegrou os dirigentes e médiuns kardecistas, já que os mesmos estavam nessa prática há duas décadas, especialmente por toda a França. Dirá Olcott:

> Onde nós diferimos é no primeiro (**mediunidade ativa**), em que acreditamos que não é bom incentivar ainda a mediunidade, especialmente por causa da maneira como ela é praticada atualmente na América, expondo as pessoas a enormes perigos físicos, psicológicos e morais, esses, muito sensíveis e muito frequentemente produzidos no próprio investigador — uma credulidade cega que está prestes a se transformar em fanatismo ou dogmatismo (...).

Primeiro: ele não falava só com espiritualistas americanos. Reportava-se aos espiritistas e médiuns, em sua maioria, instruídos e sapientes dos riscos que a mediunidade desorientada poderia apresentar.

É sabido ainda que Allan Kardec havia compilado *O Livro dos Médiuns* especialmente para que os medianeiros do mundo pudessem tirar suas dúvidas sobre a mediunidade em si. Portanto, advertências teosofistas como essas estavam fora de cogitação, principalmente na França espírita de Kardec...

Segundo: dizer que a mediunidade pode desvirtuar alguém "expondo as pessoas a enormes perigos físicos, psicológicos e morais", é reafirmar a todos os medianeiros responsáveis que esses correm riscos de sofrer graves consequências, caso sejam levados ou incentivados à prática mediúnica.

Certamente, esse discurso de Olcott fora produzido à época com efeito raso para assustar iniciantes e fazê-los crer ou considerar que a canalização teosófica fosse o caminho mais seguro para se comunicar com os Elementais, quiçá com os Elementares...

Colocar temor em cima da mediunidade, do intercâmbio mediúnico, nos leva a suspeitar que os teósofos do século 19 desejassem mesmo resguardar os caminhos (livres e sagrados) da comunicação com os mortos...

Terceiro: esse acordo teosófico com os preceitos espíritas à época, diante do resumo daquilo que vem a ser o teosofismo — está bastante destoante —, principalmente porque Olcott mostrou que desejava resguardar a prática de um tema que é de estrema importância e relevância no Espiritismo: a mediunidade com Jesus...

Mediunidade orientada (ou de prova) jamais se configura em "uma credulidade cega que está prestes a se transformar em fanatismo ou dogmatismo". Só esse comentário denota o quanto Olcott esteve desinformado e em acordo com as especificidades mediúnicas listadas por Kardec, em *O Livro dos Médiuns*.

Mais adiante em seu artigo, ele resumirá novamente a sua Teosofia, agora em seis tópicos mais corridos. Desta vez, novas contradições com a Doutrina Espírita surgiriam às vistas dos leitores

kardecistas mais ligados nas entrelinhas:

> 1ª A imortalidade pessoal é condicional, possível, virtual, mas não inevitável;

A título de esclarecimento, em *O Livro dos Espíritos*, numa das ocasiões no final da referida obra, há a seguinte menção dos espíritos sobre a questão da *imortalidade da alma* como uma verdade evolutiva que não se teria como evitar:

> (...) Demonstrando a existência e a imortalidade da alma, o Espiritismo reaviva a fé no futuro, levanta os ânimos abatidos, faz suportar com resignação as vicissitudes da vida. Ousaríeis chamar a isto um mal? Duas doutrinas se defrontam: uma, que nega o futuro; outra, que lhe proclama e prova a existência; uma, que nada explica; outra que explica tudo e que, por isso mesmo, se dirige à razão; uma, que é a sanção do egoísmo; outra, que oferece base à justiça, à caridade e ao amor do próximo. A primeira somente mostra o presente e aniquila toda esperança; a segunda consola e desvenda o vasto campo do futuro. Qual a mais preciosa?

Tendo como base as ideias da Teosofia à época, essa aniquila toda esperança ao afirmar, pelo seu dirigente Sr. Olcott, que a imortalidade da alma pode ser perfeitamente evitada...

Em 22 de dezembro de 1899, o célebre espiritista e maçom Léon Denis participará de uma reunião de evocação espiritual nos *Saons Pain*, em Paris. Na ocasião, um Espírito se apresentou como "Jean", fornecendo ao médium da reunião uma mensagem espelhada, ou seja, psicografada de trás para frente. A referida comunicação ostentava a seguinte afirmação: "O Espiritismo é a única filosofia que dá a prova material da imortalidade da alma (...)".

Assim, como evitar a imortalidade da alma se somos, em essência, Espíritos imortais?

Certa feita, Chico Xavier afirmou, em entrevista, que "o Espiritismo não oferece a solução desse problema como novidade, porque o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo é um hino à imortalidade da alma, e ele próprio nos deu o quadro inesquecível da

sua própria ressurreição (...)".

E mesmo os antigos egípcios ou os indianos com suas culturas tão refinadas — pautas de incansáveis estudos dos teósofos —, já acreditavam há tempos que a imortalidade da alma (para qualquer ser vivente) era lei imutável, intocável...

No livro *A Caminho da Luz* — história da civilização à luz do Espiritismo, ditado pelo Espírito Emmanuel — psicografia de Francisco Cândido Xavier, há um capítulo que aborda os *Egípcios e as ciências psíquicas*, onde o mentor de Chico explica que:

> Um dos traços essenciais desse grande povo foi a preocupação insistente e constante da Morte. A sua vida era apenas um esforço para bem morrer. Seus papiros e afrescos estão cheios dos consoladores mistérios do Além-túmulo.
>
> (...) Os mistérios de Ísis e Osíris mais não eram do que símbolos das forças espirituais que presidem aos fenômenos da morte.
>
> As ciências psíquicas da atualidade eram familiares aos magnos sacerdotes dos templos egípcios.
>
> O destino e a comunicação dos mortos e a pluralidade das existências e dos mundos eram, para eles, problemas solucionados e conhecidos (...).

Seguindo com os resumos da Teosofia, segundo Olcott, vejamos o que vem a seguir, dito por ele:

> 2° Os fenômenos mediúnicos psíquicos não são produzidos por espíritos puros, e sim, por almas (perispíritos) de encarnados ou desencarnados, e, geralmente, com a ajuda de Elementais;

Como sabemos no Espiritismo, isso depende de vários fatores, como das condições ambientais, do tempo e da experiência mediúnica, além do merecimento individual dos medianeiros frente à mediação de um Espírito puro, dito de estirpe.

Dizer que os fenômenos mediúnicos psíquicos necessitam geralmente de ajuda de forças da natureza chamadas *elementais* par serem produzidos, segue na contramão da espontaneidade e do livre-

arbítrio resguardado a qualquer espírito, portanto, essa afirmação de Olcott vai contra os preceitos estabelecidos pelo Espiritismo, quando o assunto é intercâmbio mediúnico.

> 3° 'Os elementares' são as almas (corpos astrais) impuras, desencarnados e perecíveis; os 'elementais' são as forças da natureza;

Especificamente sobre os Elementais não fica claro para nós kardecistas o que seriam exatamente essas forças da natureza, que podem parecer qualquer coisa possuidora de psicosfera e energia: seres interplanetários, deuses egípcios, extraterrestres, energia cósmica? São os mistérios de uma doutrina secreta!

> 4° Sobre a passividade do médium (grifo nosso). Os adeptos ou dotados com as marcas do poder mágico revelam, por si, suas atividades. A primeira condição (passividade do médium) é um perigo e deve ser evitada, exceto em excelentes condições (o segundo deve ser investigado);

Pelo que nos foi possível compreender desse item quarto de Olcott, a passividade mediúnica "deve ser evitada" a todo custo, ao passo que a detecção de marcas do poder mágico impregnadas nos medianeiros, como afirmou Olcott à época, é sinal evidente de que o iniciado no teosofismo fora o escolhido para determinada prática mediúnica, sob a proteção ou ajuda dos mesmos *elementais*.

Esse ponto de vista olcottiano é completamente inverso aos ensinamentos da Filosofia Espírita. Médiuns espiritistas não possuem e jamais possuirão marcas de poder mágico que possam distingui-los uns dos outros.

A mediunidade espontânea é ponto comum para qualquer ser humano, já que todos somos médiuns. A única diferença entre um e outro (médium) estará sempre na sua condição moral, que deve ser atingida pelo seu próprio esforço, melhorando-se, instruindo-se, investigando-se e, acima de tudo, evitando o mal...

> 5° Uma vida pura e uma sobriedade perfeita são essenciais ao exercício do poder mágico e à aquisição da verdade espiritual. Os iniciados do Oriente se alimentarão como os vegetais;

Com o devido respeito aos ensinamentos da Teosofia, esse exercício do poder mágico está completamente fora de cogitação, seja no Espiritismo do passado, como no do nosso presente.

> 6° Teosofistas têm as filosofias religiosas do Oriente com as melhores guias da felicidade à Teologia Cristã, e bases mais sólidas da ciência como o método de Aristóteles seguido hoje.

E no final de seu primeiro artigo na *Revista Espírita* (primeiro dos muitos), o velho marinheiro de barbas alvas assinaria (diferente) o seu nome em caixa alta: Henry S. Alcott.

Por fim, todos os artigos desse suplemento avulso surgiam para mostrar que as primeiras mensagens teosóficas em solo francês desembarcavam imponentes e triunfantes na *Revue*, depois que a dupla Courmes-Leymarie observou os primeiros escritos de Blavatsky e Olcott produzidos nos anos de 1876 e 1877.

Reações de vários leitores kardecistas também retornariam ao escritório da *Revue* com força; alguns demonstraram interesses em acolher as ideias teosofias; outros expressaram dúvidas, incertezas e até reclamações, solicitando os sócios, ora outra, explicações detalhadas do que vinha a ser aquelas contrariedades teosóficas que se mostravam antiespíritas.

O seu conselho editorial, que no início abrirá várias exceções às publicações experimentais do teosofismo, no final de 1882 passará a exigir explicações formais de seus autores sobre o teor de qualquer artigo teosófico a ser veiculado na *Revue*...

E aquele afrouxamento editorial de dantes transformar-se-á em restrições, para depois o próprio Comitê de leitura proibir definitivamente os artigos teosóficos, isso nos idos de 1883.

A exclusão das ideias teosóficas na *Revue* será inevitável no futuro... E o possível recado (informal) seria passado à sede da S.T. em Adyar:

Qualquer teosofista na face da Terra não poderá mais publicar

seus artigos no periódico kardecista mais conceituado do mundo. E ponto final...

A condessa mística e seu macaco de pelúcia

O mapa da mina das publicações de matérias teosóficas na *Revista Espírita* mostrou ser bastante rico e habitado. Durante incríveis 38 anos, ou seja, de 1876 a 1914, seriam publicados na *Revue* mais de 52 artigos (diretos e indiretos) sobre o teosofismo. Esse relevante conteúdo teosófico seguiu das pequenas notas da Sociedade Teosófica, textos, réplicas e correspondências de Blavatsky, Olcott e outros, aos extensos suplementos teosóficos, cujo primeiro deles a surgir na *Revue*, comentamos em capítulo anterior.

Tudo, inacreditavelmente tudo seria publicado às vistas da viúva Kardec sem que ninguém fornecesse qualquer satisfação, seja para ela, seja para os sócios ou leitores da *Revue*, e ainda com o consentimento e apoio moral de Leymarie e Courmes, para desespero da octogenária viúva, que seguia acabrunhada em sua residência à *Villa Ségur*.

Como se sabe, os editoriais teosófico começariam a pousar na histórica *Revista* em agosto de 1876, quando o militar reformado Courmes publicará o seu primeiro artigo, *Un écart Du Spiritisme en América* (*Uma lacuna do Espiritismo na América*), ainda com um disfarçado cheiro de Teosofia no ar.

Ele forneceria também a sua primeira réplica pública, ao defender objeções do coronel Olcott — personalidade americana com

a qual Courmes ainda não conhecia pessoalmente.

Mas em maio de 1877, surgiria um novo artigo teosófico na *Revista Espírita* dos Kardec. Dessa vez, com o assumido título: *Société théosophique de New-York*.

A ideia do artigo, bem planejada pela sua estruturação, seria a de apresentar aos leitores kardecistas a formação da Sociedade Teosófica e de seu extenso Comitê. Especificamente na relação dos nomes desse *Comitê*, Henri S. Olcotti aparecerá como presidente (ao lado de outros dois), ao passo que Blavatsky surge em cena como vice-presidente (ao lado de outros 16). Curioso observar ainda que a maioria dos nomes desses senhores e senhoras vinha representada por siglas, como se tornaria praxe no teosofismo de época.

Em junho de 1878, apareceria na *Revue Spirite* um polêmico artigo de seis páginas: *Les Théosophes; Madame Blavatsky* (*Os teósofos; Madame Blavatksy*).

Seu misterioso autor, um repórter americano das siglas E.F. enviaria a sua matéria pronta à França para outro misterioso "homem das letras" ligado ao Comitê de leitura da *Revue*. Acontece que esse publicista francês, ao receber a encomenda do anônimo jornalista E.F., talvez, confiando demais nele, acabou não lendo até o final o referido artigo, cujo conteúdo literalmente caricaturava Blavatsky com "erros e uma historia um pouco fantasiosa", as essas que constarão numa réplica posterior escrita pela própria Helena.

O indecifrável E. F. iniciava o seu burlesco artigo dizendo que os primeiros cinco mil exemplares do livro de estreia de Helena, *Ísis sem véu*, começavam a ser vendido em Paris (ainda sem tradução para o francês) a 37 francos e meio.

O enigmático homem, com sua macaquice literária, geraria inquietações nos teósofos logo nos parágrafos seguintes, ao fornecer pormenores sobre a residência americana de Blavatsky — a "secretária correspondente da Sociedade Teosófica", segundo dirá o

macaqueador E.F.

Dirá ainda o repórter que "o empetecado apartamento de Helena e Olcott possuía um vasto salão com duas grandes bibliotecas, três escritórios e um piano com uma imagem de Buda; uma divindade chinesa e um santuário de ouro (...)".

Seguirá o desconhecido americano E.F. com o seu relato ambiental na provável descrição imaginativa que fará de Blavatsky e de seu lar para lá de exótico:

> Perto de uma das janelas fora colocado um enorme macaco de pelúcia, estranhamente vestido... E a outra janela estava tapada por uma gaiola repleta de canários (vivos).
>
> Em frente, ao final do quarto, havia outra gaiola, dessa vez contendo uma meia dúzia de pardais de Java, todos eles vibrados elétricos contra as grades, sem descansarem um só minuto.
>
> Um enorme ramo de palmeira preenche um canto da sala de estar, e uma cabeça de tigre, com expressão feroz, mostra suas presas formidáveis com a boca entreaberta num outro canto da mesma sala.
>
> Madame Blavatsky oferece, aos seus visitantes, um rico cachimbo oriental forrado com veludo e filigrana de ouro, que termina a sua extremidade num esplendido âmbar bocal — porque em todos os seus gestos há a indulgência graciosa de uma grande dama da aristocracia russa para com seus fumantes fracos.
>
> E quando convenientemente instalada em uma grande cadeira, ela me disse, complacente, em uma linguagem colorida e rápida, por meio de seu sotaque estrangeiro muito pronunciado, mas picante, todas as questões que lhe foram colocadas. A condessa passou quase 30 anos na Índia; de uma natureza mística, ela abraçou a convicção da fé budista...
>
> Fanática de verdade, ela combate o erro onde quer que esteja, e se apresentou a mim com uma energia incrível. A nossa conversa girou em torno da magia: "A magia! Exclamou Madame Blavatsky, a magia é um estudo ainda desconhecido das ciências (...)".

Ao certo, muitos leitores da *Revue*, especialmente os kardecistas

mais ortodoxos, devem ter repudiado essas descrições extravagantes do interior da morada de Helena da América. Muitos espiritualistas, ao lerem aquele artigo caricatural, ficaram boqueabertos quando fossem comparar a vida soberba de Blavatsky — recheada de ostentações — com o estilo sóbrio de vida de Allan Kardec levava ao lado de sua esposa Amélie — simples e sem qualquer necessidade de excessos...

Pela descrição macaqueada do oculto E.F., a fundadora da Sociedade Teosófica fazia questão de se apresentar por meio de uma aparência física escalafobética, ou seja, segundo o repórter norte-americano, ela não resguardava pudor algum diante de seu comportamento excêntrico, desfrutando um estilo de vida não menos estrambólico...

Diante desse cenário confuso, imaginemos, por exemplo, como ficaram as reações daqueles operários humildes em seus distantes centros espíritas do interior da França... Ao lerem essas minúcias caseiras de Blavatsky, na *Revue*, inevitavelmente perguntariam uns para os outros, com um enorme ponto de interrogação em suas faces envelhecidas:

"Quem é essa 'Condessa de natureza mística' com seu 'macaco de pelúcia', cuja residência na América mais parece um museu com seus colecionáveis esotéricos do Oriente?"

Essas estranheza sobre a vida cotidiana de Blavatsky, narradas por jornalistas americanos tendenciosos, ajudaram de certa forma a forjar uma personalidade imaginária à madama, como também colaborariam para introjetar, até os dias atuais, valores místicos à sua imagem e personalidade.

Todas essas minúcias não passariam despercebidas aos leitores mais perscrutadores da *Revista Espírita* que, certamente, seguiram observando e acompanhando o contraste que começou a surgir diante das inevitáveis comparações entre a conhecida simplicidade e bom-senso do saudoso mestre Kardec, com as atuais excentricidades da personalidade complexa de H. P. Blavatsky.

E se os sócios e leitores começassem a reclamar daquele Espiritismo teosófico velado na *Reuve*?

Tão logo, sabendo que o jornalista E. F. causaria uma *macaqueação geral* entre os kardecistas franceses, por meio do seu artigo *Les Théosophes; Madame Blavatsky*, ela encaminhou uma nota-réplica que fora acrescida da seguinte introdução, provavelmente escrita por Leymarie:

> (...) Uma letra de Madame H. Blavatsky nos permite corrigir o que nós incluímos de boa-fé, que agora nós temos que corrigir para fazê-lo como um dever e um prazer; nossa amiga pareceu bastante superestimada no artigo por quem mal a conhece, temos certeza dessa prova. À nossa religião ficou tal surpresa (...).

O incisivo revide, vindo diretamente da América, refletia bem a fúria de Blavatsky, como veremos nesses trechos a seguir:

> Existe uma raça de bípedes — em produção em nosso século a vapor e iconoclasta por excelência — que as academias de ciências, até agora, não conseguiram classificar, sob o título de 'Teratologia', ou ciência para lidar com monstros humanos. Esses monstros, ou *locus naturae*, se referem aos jornalistas que circulam por aqui, como em outros lugares (...). Com esses senhores jornalistas americanos, eu realmente não sei por que bons cidadãos dos Estados Unidos se preocupam em fechar suas portas já que não há fechaduras patenteadas suficientes que resguardem os segredos sagrados de uma família, capazes de impedi-los de escarafunchar as nossas vidas, se intrometendo em tudo, especialmente para substituir a verdade (...).
>
> Há cinco anos que sou vítima dessas perseguições por sensações literárias (...)
>
> Primeiro de tudo, para começar, eu não sou condessa, até onde eu sei... Já para não falar que seria mais do que ridículo o título que esse senhor em deu (...)
>
> No entanto, a embora eu não seja condessa mesmo, eu nunca tive o hábito de oferecer cachimbos aos meus visitantes. Por ser uma democrata, uma viúva, acima de tudo eu não aceito isso — especialmente na minha idade — passar por um papel ridículo e impróprio como esse (...)

> Falando de minha idade, embora os jornais desse país tenham me dado, respectivamente, e por diversas vezes, 25, 60, 86, 92 e até 103 anos, eu nego a me ver obrigada a garantir a seus leitores que eu "passei mais de 30 anos na Índia". Esta é exatamente a minha idade — embora respeitável como ela seja — me oponho violentamente a participar dessa linha do tempo de fantasias...
>
> Eu não abracei a fé budista, nem por convicção ou qualquer outra coisa. É verdade que eu olho para a filosofia de *Gautama Buddha*, como o sistema mais sublime, a mais pura de todas as *lógicas* e, especialmente, entre todas as outras (...)

Mesmo respeitando e concedendo o direito à defesa pessoal de Blavatsky, os membros do Comitê de leitura, diante desse áspero revide, tomariam alguma atitude se a situação das réplicas e tréplicas teosofistas, entre países transatlânticos e jornalistas tendenciosos, fugisse completamente do controle da *Revue*.

Barrar os artigos do teosofismo (talvez) fosse uma maneira sensata de cessar todos aqueles burburinhos kardecistas que se formavam, diante das macaquices dos macaqueiros de plantão, sejam eles periodistas da América ou da Europa.

Certamente, uma atitude sensata seria tomada antes que outro repórter simiesco começasse a alardear que a doutrina dos espíritos (também) estivesse a serviço dos enigmáticos mahatmas... Se é que já não estava!

França, Coração do Mundo, Pátria do Esotérico?

Desde a década de 1850 a França vinha recebendo notícias importadas dos Estados Unidos sobre o Espiritualismo Moderno, principalmente após a histórica eclosão dos fenômenos de efeitos físicos de Hydesville, com as irmãs Fox.

A partir de 1875, com a fundação da Sociedade Teosófica no mesmo solo americano, os franceses do outro lado do Atlântico, já conscientes dos assuntos espirituais (muito por conta da Filosofia Espírita e das obras de Kardec), recepcionariam a Teosofia por meio da generosa ajuda editorial da *Revista Espírita*.

Não apenas o teosofismo aportava em paisagens tricolores. Novas correntes do pensamento espiritualista, sejam elas de origens ocidentais ou orientais, também desembarcavam no território francês, acompanhadas não menos das influências já estabelecidas pelas escolas swedenborgiana, magnetista, maçônica, martinista, cabalista, gnóstica, alquimista, rosacrucianista, teofilantropista, entre outras. Por décadas, juntos e misturados, esses grupos comprimiram força esotérica à formação dos primeiros ocultistas franceses do século 19.

Mas a Revolução Industrial chegava também com a negação da vida por meio de suas máquinas poluidoras de ares e mentes... A luta contra os excessos do materialismo e a supremacia do racionalismo positivista precisava de braços fortes na Europa...

Para isso, o Movimento Teosófico francês faria parte da historia dos combates antimaterialistas que avançariam século 20 adentro, especialmente ao influenciar personalidades de varias épocas, como fora o caso do grande pensador antroposofista Rudolf Steiner (chefe, por dez anos, da seção teosófica austríaca e alemã); de Alexandra David-Néel; de Christmas Humphreys; de C. W. Leadbeater; de Annie Besant; de Alice Bailey; de Mahatma Gandhi; de Albert Einstein; de Jiddu Krishnamurti; de Thomas Edison; de Camille Flammarion; incluindo ainda escritores como James Joyce, Yeats, Fernando Pessoa, T. S. Elliot, D. H. Lawrence; músicos como Mahler, Jean Sibelius, Alexander Scriabrin, Elvis Presley; bem como artistas plásticos que tiveram conexões com as Artes Abstrata e Simbólica , com fora o caso de Wassily Kandinsky, Mondrian, Paul Gauguin e, mais adiante, Salvador Dali com sua turma surrealista.

A miscigenação de crenças misticocultistas na chegada da década de 1880 tornou-se tão grande e complexa que a aproximação das correntes esotéricas ocidentais, com as filosofias orientais, chegou a derivar um tipo estranho de *Budismo Esotérico*, a qual muitos passariam a chamar depois de "Teosofia", cujo conhecimento secreto provinha de supostos livros antigos preservados nos mosteiros do Tibete.

Madame Blavatsky, por sua vez, chegará a entrar em discussões acaloradas com outros místicos de plantão, que passariam a intitular erroneamente essa Teosofia Budista Esotérica, segundo ela, como uma mistura confusa de Neoplatonismo, Gnosticismo, Cabala Judaica ou Hermetismo. As definições sobre o teosofismo continuavam impossíveis e impraticáveis...

Mas essa onda mística e esotérica que varrerá os anos 1880

trará também algumas brechas para erros pontuais de interpretação sobre os antigos pensamentos de Allan Kardec.

Muitos acreditavam que o mandatário da viúva Kardec, o Sr. Pierre-Gaëtan Leymarie, havia cometido um grande deslize exatamente no ano novo de 1882, ao expor mal as antigas convicções do mestre lionês. O velho republicano comentará o seguinte trecho na *Revue*:

> Em conformidade com os pensamentos liberais do autor das cinco obras fundamentais, esses marcham lado a lado com a Sociedade de Estudos Psicológicos e com todas as demais sociedades espiritualistas, teosóficas, swedenborgianas, as do magnetismo e das ciências modernas (...).

Leymarie acertará sobre os pensamentos liberais de Kardec, mas errará ao generalizar que os seus mesmos pensamentos corriam emparelhados, por exemplo, com os da Teosofia — filosofia essa que o mestre de Lion sequer conhecera suas minúcias, já que desencarnaria em 1869.

Tudo isso pode ter uma tentativa de explicação no antigo fato de Kardec ter publicado, na *Revista Espírita* de 1868, um estudo sobre o filosofo chinês Lao-Tsé, e afirmar certa feita que "se um dia a ciência provar que o Espiritismo está errado, devemos ficar com a ciência (...)".

Essas declarações interpretativas (ao pé da letra) fizeram com que os muitos defensores da causa teosófica, como era o caso de Leymarie e Courmes, lançassem mão de reflexões (prontas) como essas — as de que os pensamentos liberais do mestre Kardec marcham lado a lado com as demais escolas filosóficas que, em sua maioria, prestavam contas ao ocultismo vigente.

Enquanto isso, a França se curvava cada vez mais ao esoterismo de mestres espirituais independentes, ao misticismo de deuses enigmáticos, numa época em que parecia haver chegado o auge do enfraquecimento das instituições religiosas, especialmente a Católica.

As maquinações entre Igreja e Estado, além dos abusos de poder e privilégios eclesiásticos — também na disputa pelas indulgencias — traziam para essas instituições seculares grande vulnerabilidade, surgindo revoltas internas e dissidências explícitas, alvo certo às críticas de ateus, liberais e radicais.

Em verdade, crescia no Ocidente um enorme e duradouro apetite público por formas novas e exóticas de crença religiosa, tudo para suplementar e até mesmo substituir as imexíveis formas ortodoxas de cristianismo.

De um lado, a chegada das tecnologias a partir da segunda metade do século 19 esgarçava o sentido sacramental de um mundo mantido e criado pelo poder divino; de outro, cientistas e acadêmicos textuais e históricos, com base nas disciplinas de etimologias e da filosofia, desfaziam o mito da *Bíblia Sagrada*; humanizando a figura do próprio Cristo.

Sob estas fortes ações, o cristianismo se reduzia a pouco mais do que uma historia interessante, com uma moral influente e restrita às instituições cristãs e políticas, nada mais que isso. Assim, o próprio Cristo ressurgiria, não como o único Messias, mas como um dos muitos mestres, Àquele que dividiria espaço ao lado de Lao-Tsé, Sócrates, Manu, Confúcio ou o próprio Buda, cujos ensinamentos circulariam a mancheias entre os teosóficos.

A espiritualidade estava de braços dados com o misticismo e o ocultismo. Literalmente, ambas decolariam na França, assim como em outros países da Europa, enquanto igrejas estabelecidas há séculos declinavam sem-fim... Mas o interesse por religião nunca seria tão forte a partir da década de 1880.... A busca por fontes seguras, com autoridade espiritual, reproduzia discípulos vulneráveis a mestres carismáticos, que surgiam com a pretensão de desvendar os mistérios do Universo.

E haja Universo para tantos mestres e mistérios numa França, Coração do Mundo, Pátria do Esotérico...

Errare humanum est...

Madame Blavatsky já vinha insistindo em descreditar a mediunidade compreendida pelos espíritas há décadas. Ela dizia aos quatro ventos que o contato com os Espíritos desencarnados não tinha importância em si, e que isso era fácil de configurar, por meio de uma demonstração vulgar de efeito físico...

Para uma doutrina da imortalidade da alma e da comunicação com os Espíritos, ficava difícil desconsiderar que essa incisiva observação de Helena Blavatsky não surgia para atingir ou desmoralizar a comunidade kardecista da época.

Em 1877, com a publicação de seu primeiro livro, *Ísis sem véu*, surgirá talvez a sua mais polêmica declaração, expressada no volume I, à página 351, agora sobre a reencarnação. Certamente, sem ter em mãos *O Livro dos Espíritos* (publicado 20 anos antes de *Ísis sem véu*), dirá Blavatsky o seguinte:

> (...) Reencarnação, ou o aparecimento de um mesmo indivíduo, ou melhor, de sua Mônada Astral duas vezes no mesmo planeta, *não é uma regra na natureza, mas uma exceção* (grifos nossos), como o fenômeno teratológico de um bebê de duas cabeças.
>
> É precedido por uma violação das leis da harmonia da natureza, e só acontece quando o último, buscando restaurar seu equilíbrio perturbado, violentamente joga de volta à vida terrena sua Mônada Astral que tinha sido lançada para fora do círculo da necessidade por um crime ou acidente.

> Assim, em casos de aborto, de crianças que morrem antes de certa idade, de idiotice congênita e incurável, a forma original da natureza para produzir um ser humano perfeito, foi interrompida.
>
> Portanto, enquanto sofre a matéria bruta de cada uma dessas várias entidades para dispensar-se no momento da morte, através do vasto reino do ser, do espírito e do Mônada Astral imortal do indivíduo — o último tendo sido separado para animar um quadro e a forma para lançar sua luz divina sobre a organização corpórea — deve-se tentar uma segunda vez para realizar o objetivo da inteligência criativa...

Esse trecho causaria tanta estranheza no meio espírita da época por conta de dois motivos: o primeiro era porque, em síntese, Blavatsky afirmava que a reencarnação na Terra só é permitida "em casos de aborto; de crianças que morrem antes de certa idade; e de idiotice congênita e incurável". O segundo motivo — esse, mais grave, a nosso ver: foi o seu deslize em deixar subentendido, nesse trecho de *Ísis*, que os nossos irmãos que violam as "leis da harmonia da natureza" são aberrações dela própria...

Assim, segundo Blavatsky, a reencarnação na crosta é permitida apenas em três casos: abortos, mortes prematuras e idiotices congênitas e incuráveis....

Acredita-se ainda que existisse um quarto caso como exceção, mas de uma ordem completamente diferente: o das reencarnações messiânicas voluntárias que se produziriam a cada 600 anos mais ou menos, quer dizer, ao final de cada um dos ciclos que os caldeus chamavam Naros, como classificaria Blavatsky.

Depois, em 1882, ela soltará um novo petardo ao afirmar que "o erro medonho que os reencarnacionistas modernos praticam é supor que não pode haver um retorno sobre esta Terra para formas corporais mais baixas; que o homem deve reencarnar como homem novo e de novo sobre esta Terra". A dúvida coletiva ficava por conta de não haver explicações de sua parte quanto sobre o significado do conceito "formas corporais mais baixas (...)".

A correção da fala de Blavatsky, diante daquilo que havia escrito sobre a reencarnação em seu livro de estreia de 1877, viria somente onze anos depois, com o lançamento de sua obra mais importante (e madura), intitulada *A doutrina secreta*, publicada em 1888, em que ela não só faz da reencarnação o seu destaque editorial, como também coloca o homem imortal na posição de um ser concebido sete vezes por meio de constituições ou reencarnações.

Segundo pesquisadores contemporâneos, acredita-se que essa mudança de pensamento teosófico sobre a reencarnação e os reencarnacionistas (como Helena Blavatsky chamava os kardecistas) acontecera com o estabelecimento definitivo da Sociedade Teosófica na Índia.

Mas se nos Estados Unidos, com o Espiritualismo Moderno, seus seguidores espiritualistas já vinham negando a reencarnação — aquela compreendida por Kardec via Espiritismo francês —; na Índia, os mestres espirituais a enalteceram, obviamente pela concepção Oriental de entendimento...

E em sua própria defesa, Blavatsky retornará em 1888 dizendo que não houve contradição alguma em seus pensamentos passados sobre a reencarnação, mas sim, "incompletude pessoal" com o que ela descobriria mais tarde sobre o tema.

Mesmo sabendo em latim que *errare humanum est* (errar é humano), ficaria tarde demais para ela acertar as contas com os leitores da *Revista Espírita*...

Segundo consta na excelente obra, *Secular Spirituality*, de autoria de Lynn L. Sharp, o movimento kardecista francês, que acompanhava de perto as mudanças da Teosofia pela *Revue*, reagiria rapidamente com protestos e acusações, respingando sobras de farpas em cima do gentil P.-G. Leymarie:

> (...) Leymarie enfrentaria uma série de contratempos. Primeiro, em 1889, com o fechamento de sua Sociedade Teosófica dos Espíritas Franceses,

depois com a tradução de algumas obras sobre os ensinamentos da Sociedade Teosófica e de Blavatsky que, juntos, negavam tanto a realidade dos espíritos dos mortos como sua reencarnação. (Blavatsky mais tarde mudou de ideia sobre esse último).

Isso horrorizou totalmente os membros espíritas dessa nova Sociedade Teosófica de Paris (...).

É fato que para a Filosofia Espírita de todos os tempos, a reencarnação é certeza inabalável, onde a doutrina da terceira revelação é, em si, a própria Doutrina Reencarnacionista, ou doutrina da reencarnação — aquela que trouxe, por meio de Kardec, em sua obra primeira, *O Livro dos Espíritos*, o capítulo IV - *Da pluralidade das existências*, especialmente elaborada com a ajuda dos Espíritos para o esclarecimento deste tema que, naturalmente, era bastante polêmico no século 19.

Comecemos, então, observando a questão de número 166, formulada por Kardec aos Espíritos:

Como pode a alma, que não alcançou a perfeição durante a vida corpórea, acabar de depurar-se?

"Sofrendo a prova de uma nova existência."

a) — Como realizar essa nova existência? Será pela sua transformação como Espírito?

"Depurando-se, a alma indubitavelmente experimenta uma transformação, mas para isso necessária lhe é a prova da vida corporal."

b) — A alma passa então por muitas existências corporais?

"Sim, todos contamos muitas existências. Os que dizem o contrário pretendem manter-vos na ignorância em que eles próprios se encontram. Esse o desejo deles."

c) — Parece resultar desse princípio que a alma, depois de haver deixado o corpo, toma outro, ou, então, que reencarna em novo corpo. É assim que se deve entender?

"Evidentemente."

167) — Qual o fim objetivado com a reencarnação?

"Expiação, melhoramento progressivo da Humanidade. Sem isto, onde a justiça?"

168) — É limitado o número das existências corporais, ou o Espírito reencarna perpetuamente?

"A cada nova existência, o Espírito dá um passo para diante na senda do progresso. Desde que se ache limpo de todas as impurezas, não tem mais necessidade das provas da vida corporal."

169) — É invariável o número das encarnações para todos os Espíritos?

"Não; aquele que caminha depressa, a muitas provas se forra. Todavia, as encarnações sucessivas são sempre muito numerosas, porquanto o progresso é quase infinito."

170) — O que fica sendo o Espírito depois da sua última reencarnação?

"Espírito bem-aventurado; puro Espírito."

A logo a seguir, outra importante constatação dos Espíritos:

A doutrina da reencarnação, isto é, a que consiste em admitir para o Espírito muitas existências sucessivas, é a única que corresponde à ideia que formamos da justiça de Deus para com os homens que se acham em condição moral inferior; a única que pode explicar o futuro e firmas as nossas esperanças, pois que nos oferece os meios de resgatarmos os nossos erros por novas provações. A razão no-la indica e os Espíritos a ensinam.

Ainda sobre a antiga afirmação de Blavatsky, a de que a reencarnação na Terra é permitida apenas em três casos: "abortos, mortes prematuras e idiotices congênitas e incuráveis", encontra-se, a título de esclarecimento, em *O Livro dos Espíritos*, item específico sobre os abortos, o que segue:

357) — Que consequências têm para o Espírito o aborto?

"É uma existência nulificada e que ele terá de recomeçar."

Sobre o tema "mortes prematuras", Kardec questionará os amigos espirituais sobre o seguinte:

198) — Não tendo podido praticar o mal, o Espírito de uma criança que morreu em tenra idade pertence a alguma das categorias superiores?

"Se não fez o mal, igualmente não fez o bem e Deus não o isenta das provas que tenha de padecer. Se for um Espírito puro, não é pelo fato de ter animado apenas uma criança, mas porque já progredira até a pureza."

199) — Por que tão frequentemente a vida se interrompe na infância?

"A curta duração da vida da criança pode representar, para o Espírito que a animava, o complemento de existência precedentemente interrompida antes do momento em que deveria terminar, e sua morte, também não raro, constitui provação ou expiação para os pais."

a) — Que sucede ao Espírito de uma criança que morreu pequenina?

"Recomeça outra existência."

Kardec complementará a lição dos Espíritos com a seguinte fala, não menos lúcida e lógica:

Se uma única existência tivesse o homem e se, extinguindo-se-lhe ela, sua sorte ficasse decidida para a eternidade, qual seria o mérito de metade do gênero humano, da que morre na infância, para gozar, sem esforços, da felicidade eterna e com que direito se acharia isenta das condições, às vezes tão duras, a que se vê submetida à outra metade?

Semelhante ordem de coisas não corresponderia à justiça de Deus. Com a reencarnação, a igualdade é real para todos. O futuro a todos toca sem exceção e sem favor para quem quer que seja. Os retardatários só de si mesmos se podem queixar. Forçoso é que o homem tenha o merecimento de seus atos, como tem deles a responsabilidade.

E por último, sobre "idiotismo, loucura", os Espíritos dirão o seguinte:

371) — Tem alguma fundamento o pretender-se que a alma dos cretinos e dos idiotas é de natureza inferior?

"Nenhum. Eles trazem almas humanas, não raro mais inteligentes do que supondes, mas que sofrem da insuficiência dos meios de que dispõem para se comunicar; da mesma forma que o mudo sofre da impossibilidade de falar."

3712) — Que objetivo visa a providência criando seres desgraçados, como os cretinos e os idiotas?

"Os que habitam corpos de idiotas são Espíritos sujeitos a uma punição. Sofrem por efeito do constrangimento que experimentam e da impossibilidade em que estão de se manifestarem mediante órgãos não desenvolvidos ou desmantelados."

373) — Qual será o mérito da existência de seres que, como os cretinos e os idiotas, não podendo fazer o bem e nem o mal, se acham incapacitados de progredir?

"É uma expiação decorrente do abuso que fizeram de certas faculdades. É um estacionamento temporário."

Portanto, para todos os efeitos e causas, dirá P.-G. Leymarie no final de um de seus muitos artigos teosóficos publicados na *Revue*:

Errare humanum est...

Regras da Sociedade Teosófica

Bertha-Victorie-Alexandrine Thierry de Maugras — mais conhecida no meio kardecista como Madame Berthe Fropo — era amiga dos Kardec, tendo em Amélie-Gabrielle Boudet, a esposa do Codificador, uma confidente para todas as horas...

Ao que sabemos, depois da sórdida Guerra de 1871, as inseparáveis Amélie-Fropo vinham promovendo concorridas sessões de evocação espiritual na casa-máter do Espiritismo: a residência dos Kardec na *Villa Ségur*, n° 39.

Esses encontros programados, onde o Espírito Kardec passaria algumas vezes para deixar suas mensagens imperativas, ocorreram até meados de 1883, cessando para sempre com o desencarne da octogenária Amélie — por puro desgosto —, ao constatar ela a colcha de retalhos (místicos e esotéricos) que havia se transformado a *Revista Espírita* de seu querido esposo.

Se a Filosofia Espírita periclitava, logicamente as amigas kardecistas não deixariam isso acontecer, e tudo que esteve ao alcance da viúva Kardec e de Berthe Fropo fora feito, a fim de contornar o perigo que o Espiritismo corria, segundo as duas afirmavam à época.

Um bom exemplo disso fora a publicação da brochura *Beacoup*

de Lumière (*Muita Luz*). Cansada de contatar tantas irregularidades da Sociedade Científica de Estudos Psicológicos, Madame Fropo decidiu publicar — sozinha e por conta própria — o seu dossiê-protesto *Muita Luz*, isso em 1884, pouco mais de um ano após o desencarne da sua amiga Amélie.

A nossa intenção com a análise de alguns trechos dessa referida brochura de Fropo é a de que não fique qualquer tipo de dúvida de que, à época, muitos kardecistas, como fora o caso da corajosa Berthe, reagiram abertamente diante do que chamamos nesta obra, com todo o respeito possível, de Espiritismo teosófico.

Indignada, Madame Fropo dirá o seguinte, em sua brocura-petardo:

> Senhor Leymarie se sentindo mestre absoluto, e querendo em sua pretensão orgulhosa passar por um estudioso, aceitou todas as sociedades mais ou menos científicas.
>
> Ele foi adepto (sic) da Sociedade Teosófica fundada pelo Coronel Olcott e Madame Blavatsky, (sic) em Bombaim. Ele e a esposa receberam um brevet, uma licença, sendo ele nomeado Presidente da França para a filial teosófica (*). (*) ver Regras da Sociedade Theosophical (página 9). (sic)
>
> A Societé de La libre Pensée Religieuse (Sociedade do livre pensamento religioso), criada pelo filósofo Fauvety para os funerais de civis, possui uma bandeira e um manto mortuário salpicados de estrelas e sóis dourados, verdadeiros farrapos, o suficiente para rir às custas dos espíritas e do Espiritismo.
>
> Em seguida, uma sociedade muito difundida (de acordo com o Sr. Leymarie), com o título de Pneumatologia Universelle (Pneumatologia Universal), que é dividida em decúrias e centúrias, e que reúne ainda os homens mais cultos e aqueles que pertencem às classes mais latas, recebeu assim o Sr. Leymarie o título de Presidente da Trigésima Segunda Decúria, com sede social em Paris. A Revista Espírita do Ocidente será o órgão desta Sociedade. (Revista de 1 de janeiro de 1881, p. 5). (sic)
>
> É para servir de abrigo a todas as divulgações orgulhosas que o Ser. Kardec fundou a *Revue*?

> Todas essas ações desesperam Madame Kardec, mas o que ela poderia fazer sozinha, uma vez que os membros da comissão não se reuniam às assembleias gerais, e nem sequer respondiam a suas cartas?

Como visto, essas declarações acima servem mais como revelações do que um mero desabafo. Como o amigo leitor notará logo abaixo, Fropo citará ainda vários artigos teosóficos, tendo ela em mãos um documento constando as *Rules of the Théosophical Society*, ou seja, as regras da Sociedade Teosófica.

Lembrando que essas regras eram válidas ao teosofismo das décadas de 1870 e 1880, naturalmente não tendo mais correspondência com as regras da Teosofia da atualidade. É o que acreditamos!

E que fique bem claro que as opiniões e pontos de vistas (abaixo) da kardecista Fropo não são os mesmos do autor kardecista que vos escreve agora.

Mas voltando ao nosso estudo espiriteosofista, Berthe abrirá, em seu opúsculo, um capítulo específico que chamou de *Théosophisme* (teosofismo), só para falar da concordância de alguns senhores kardecistas, em especial, Leymarie, com os regimentos teosóficos de Blavatsky, que serviram também para dar vida à polêmica Sociedade Teosófica dos Espíritas Franceses.

Como veremos em suas enfáticas colocações — tecidas muitas vezes entre parênteses e em itálico — essas revelam o quanto ela esteve desgostosa com os mandos e desmandos de P.-G.L., o mandatário da viúva Kardec.

Afinal, criar uma filial parisiense da sociedade teosófica bem debaixo do nariz da vovó Kardec fora, sem dúvidas, um desrespeito tamanho com uma senhora que nasceu em 1795, e que ainda era a bandeira do legado espírita deixado pelo esposo Kardec.

A ênfase nas palavras de Fropo — algumas vezes quase em tom de apelo — é bastante considerável para nós pesquisadores porque

parte de uma mulher que esteve durante décadas ao lado de Allan Kardec e de sua esposa Amélie.

Portanto, a nosso ver, tais declarações (inéditas) são autênticas, merecendo a nossa maior consideração. Como seguem:

Teosofia

Ah! Aqui vai uma infâmia: eu culpo o Sr. Leymarie de ter rebaixado a nossa bela filosofia à Teosofia, antes de se tornar um seguidor dessa doutrina antiga. Esta é uma traição hedionda e nós temos que perguntar para ele quais foram os motivos desta ação tão feia.

Eu estou olhando para os estatutos da Sociedade Teosófica fundada pelo Coronel Olcott, presidente, e Madame Blavatsky (sic), secretária, seus eternos fundadores.

Artigo primeiro. O objetivo da Sociedade é o de formar uma fraternidade universal de toda a humanidade, sem distinção de raça, credo nem de cor.

Artigo 2°. De propagar o estudo da literatura e das ciências orientais e justificar a sua importância (pelo alto custo dos livros, sua deslealdade para com a Srta. Miss Blackwell, vimos como era a propaganda espírita).

Artigo 3°. A Sociedade se divide em filiais, e cada uma tem o direito de eleger um membro para representar o Conselho Geral, cuja sede será definida em vez de ser na residência de seu fundador.

Artigo 4°. A Sociedade está sob a dependência de um Conselho Geral e do presidente, seu fundador. Toda filial deve a sua existência à Sociedade-Mãe, sem a autorização da qual nenhuma filial pode ser fundada ou continuada.

Artigo 5°. Nenhum oficial, nenhum membro da Sociedade Teosófica terá o direito de pregar suas próprias crenças (Aqui o Sr. Leymarie foi incapaz de demonstrar a importância da Doutrina de Allan Kardec, já que ele faz, ao seu fundador e na frente de muitas testemunhas, o juramento solene à Sociedade Teosófica).

Artigo 6°. Nenhum membro terá direito de buscar socorros peculiares a um irmão mais rico, nem ceder a um pobre. O empréstimo é estritamente proibido. Depois de um primeiro aviso sério, a violação dessas duas clausulas

irá resultar em suspensão ou expulsão (Eles estão longe de nosso maravilhoso aforismo: "Fora da caridade não há salvação". Que fraternidade! E que solidariedade!).

Artigos 7°, 8° 9°. São dedicados à formação de filiais locais, ainda sob a autorização da Sociedade-mãe, onde seu fundador tem todo o poder.

Artigo 10°. A Sociedade possui três seções, as duas primeiras são superiores e não estão sujeitas a quaisquer códigos de leis ou de conhecimento público. A terceira seção inclui membros ativos e admissões, dando o direito de participar de reuniões, o livre acesso à biblioteca, e o titular adquire a simpatia de todos os ramos espalhados pelo universo.

Artigo 11°. A contribuição será de 25 francos.

Artigo 12°. Três tipos de membros compõem a Terceira seção. Membros ativos, correspondentes e contribuintes.

A grade de membros correspondentes abrange pessoas de distinção e suficientemente capazes de fornecer informações relevantes à Sociedade.

O diploma do membro honorário é exclusivamente reservado às pessoas de destaque, ajudando a aumentar o conhecimento teosófico ou por ter prestado grandes serviços.

Artigo 13°. Membros ativos. Qualquer pessoa tem esse direito, sem distinção de sexo, de raça, de credo ou casta.

Os candidatos devem apresentar um pedido por escrito (Formulário A) declarando a sua adesão aos pontos de vistas e crenças da Sociedade; esta declaração deve ser assinada por vários membros teósofos. O candidato será iniciado após ter passado três semanas, por meio de *sinais secretos, senhas,* pelas quais os teosofistas saberão reconhecer, ao mesmo tempo em que esse, solenemente, deixará conosco a sua *honra* (Formulário B) por escrito, repetindo em voz alta o seu compromisso diante de testemunhas.

Artigo 14°. Qualquer membro que incorre na aplicação dos artigos do Código Penal do pais em que vive, será expulso da Sociedade, depois de uma investigação dos fatos que ele fora acusado ou condenado (E pensar que o Sr. Leymarie se atreveu a ser nomeado Presidente da filial de Paris, com um artigo como este!).

Artigo 15°. Qualquer membro condenado por calúnia contra um irmão

ou irmã teósofo, seja por escrito, ou por proferir palavras insultuosas contra qualquer membro será expulso (Só por este artigo, Sr. Leymarie não poderia ser teósofo).

— Eu gostaria de poder transmitir aos meus F.E.C. — *Fréres Em Croyance* (Irmãos Em Crença), as leis gerais da Teosofia. Mas isso será difícil, eu que não sou uma escritora, e as explicações dos iniciados mais altos são tão confusas, contraditórias, que se torna quase impossível de obtermos uma definição mais clara.

Vejamos o que escreve Madame Blavatsky:

Do homem.

Ele está dividido em sete elementos ou princípios...

Primeiro princípio. A física do corpo apodrece e desaparece.

Princípio 2°. A vida (fluido vital) que nos é fornecida (*) do reservatório inesgotável da vida universal.

(*) Por quem?

Princípio 3°. O corpo astral (duplo) emanado do corpo físico, que desaparece com o corpo quando ele deixa de existir, e que chamamos *ilusório*, porque ele não tem substância e não pode durar.

Princípio 4°. A vontade que dirige os 1° e 2° princípios.

Princípio 5°. Inteligência humana ou animal, ou instinto bruto.

Princípio 7°. O Espírito, o último é o que os cristãos chamam de Logos — e nós — nosso Deus pessoal, não sabemos de qualquer outro (grifo de Fropo).

— Estes são os sete elementos que compõem o homem.

A morte corporal dissocia três. O corpo, o princípio vital e o corpo astral que está constituído do duplo perfeito ou sombra ilusória do corpo físico.

São quatro os elementos que compõem o desencarnado humano.

Que parece ser a quarta forma astral do elemento.

A quinta, a inteligência, animal ou psíquica, consciência pessoal ou sentido íntimo, a memória, o afeto, as lembranças, as aquisições, pertencentes

a ambos os homens e aos animais superiores.

Estes três princípios, matéria astral, forma astral e inteligência animal, constituem a alma animal (ou perispírito).

O que se segue ao sexto elemento; é a inteligência superior (a razão pura) a consciência moral no homem perfeito; o sétimo, enfim, o Espírito que ainda não foi criado, emanação do Eterno, ou alma divina.

A cada um segundo suas obras...

Madame Berthe Fropo publicará ainda, em seu barulhento opúsculo *Muita Luz*, mais dois itens onde comenta os conceitos e as opiniões da Teosofia (da época) sobre temas intocáveis e de extrema importância ao Espiritismo: reencarnação e comunicação com os Espíritos.

Seus apelos e tons de indignação continuam bem ressaltados em seus textos, o que nos deixa dúvidas sobre os reais motivos que a levaram a se expor publicamente, Leymarie e companhia, por meio desse dossiê-protesto.

Que a Filosofia Espírita esteve vulnerável na década de 1880, não há dúvidas! Mas será que por trás de toda essa ânsia em revelar os bastidores do Espiritismo francês, incluindo as peripécias de Leymarie, não esteve também o apoio moral e o dinheiro da viúva Kardec para o financiamento dessa brochura *boca no trombone*?

Ficam ao caro leitor tais conclusões!

Eis a continuação do trabalho investigativo dessa nobre e corajosa mulher, que certamente enfrentou a pressão dos societários

da Sociedade Científica de Estudos Psicológicos, incluindo os revides do Sr. Leymarie. A seguir:

Reencarnação

Os teosofistas admitem a reencarnação na Terra apenas uma vez, no entanto, as crianças mortas e os idiotas podem reencarnar duas vezes porque eles são considerados *fracassos da natureza* (sic).

Os homens muito bons, após a morte, passam por uma gestação mais ou menos longa no mundo invisível, enquanto se preparam para passar com seu 4° elemento, por uma reencarnação em outro planeta.

Os homens nem muito bons, nem muito maus, aqueles que ainda não deixaram de fora a centelha divina da alma, não vão perder a sua imortalidade. Eles não podem esperar por uma reencarnação após uma longa gestação por existências erráticas numerosas.

Finalmente, entre os muitos maus, ou o sétimo elemento, desaparecem *antes mesmo da morte terrena*. O sexto elemento, ou o eu pessoal, se dissolve e é destruído pela perda que ele fez do sentido divino. Restam ainda o 4° e o 5° elementos, que constituem um ser que os ocultistas chamam de Elementar, e que pode viver na Terra, muito inteligente, como o é.

Comunicação dos Espíritos

Os teosofistas não admitem a comunicação dos encarnados com os Espíritos superiores, somente os médiuns sobem até eles, e isso é muito raro. Mas aqueles que se comunicam, principalmente com os espíritos, são os Elementares, ou seja, os homens mortos muito maus!

Madame Blavatsky chamou esses seres infelizes de vampiros inconscientes, trapos (do vestuário perispiritual), e eles, como ela disse, pertencem à necromancia (magia negra), encorajando estas larvas a desempenharem um papel de aparições materiais e psíquicas.

Mais tarde, ela acrescentou: "Os espíritas querem nos fazer crer que todos os seus Espíritos são anjos de luz? Que eles provaram ser verdadeiros e justos; que eles jamais mentem ou enganam alguém? Pois bem! Nós ocultistas, dizemos que isso é uma blasfêmia horrível a nosso ver, o fato de dar a esses

seres de transição o nome sagrado de Espírito e de alma."

Ela disse, enfim: "O Espiritismo também é contrário às nossas doutrinas; dizem que o Ocultismo Oriental é centelha de Allan Kardec." (Boletim de Estudos Psicológicos, 15 de julho de 1883).

E esta é a doutrina que o Sr. Leymarie aceitou, a que ele aderiu, uma vez que está engajado por um juramento solene em sua honra, por isso estava convencido de sua superioridade sobre o Espiritismo; uma vez que ele fora nomeado presidente da filial da França residida em Paris, onde ele fazia toda a propaganda teosófica. Posso citar os nomes de muitos espíritas que foram treinados por suas calorosas convicções, com o desejo de ajuda mútua à conquista de novos adeptos...

Para provar ainda mais o seu zelo ao coronel Olcott e à Madame Blavatsky, ele prometeu três mil francos do dinheiro de Allan Kardec ao Sr. Frotis, para traduzir *Ísis sem véu*. Obra de Madame Blavatsky, foi ele mesmo quem me disse e anunciou no *Boletim da Sociedade Científica de Estudos Psicológicos*, de 15 de março de 1883 (p. 42).

Faço um apelo a todos os espíritas, meus irmãos, esse homem pode permanecer à frente do Espiritismo, uma vez que não é espírita?

Aquele que não tem fé, que tem apenas interesses, aquele que renega a doutrina que ele mesmo deveria defender e proteger, a aviltando e preferindo outra...

Nesse momento, ele quer entrar na fase teológica para se estabelecer nessa religião e privar a nossa bela filosofia por meio de conferências, de cerimônias e, mais tarde, por dogmas, tudo por amor ao dinheiro, para agradar às ideias de Guérin, o milionário. Ele se fez Roustinista (sic), e preconizou as ideias subversivas sobre a natureza de Jesus, na mesma hora que faz o mesmo estudo sobre a inexistência de Cristo.

Em nome do nosso venerável mestre Kardec, não podemos deixar que a nossa doutrina da vida permaneça nas mãos de um homem sem fé, sem convicção e que a renegou.

Faço um apelo a todos os espíritas acionistas da sociedade anônima fundada por Madame Allan Kardec, para se reunirem em assembleia geral; eles têm todo o direito como acionistas. Se eles são espíritas sinceros, honestos, de

grandes corações, que desejam a felicidade de nossa humanidade inteira, pela propagação da doutrina em toda a sua pureza, devem considerar que é bom para eles e, especialmente, um dever, e que, se eles não se unirem, seja por medo ou inércia, seria um abandono covarde de nossa filosofia amada, que, acreditem em mim, está em perigo, em grande perigo. Como é que é possível respeitar o Espiritismo quando vemos sua representação e seu avanço, dados por pessoas sem moral, sem crença e sem lealdade?

A *Revista* de Allan Kardec não é mais que uma abominável rapsódia. Sob o pretexto de ecletismo, ele insere todas as ideias mais subversivas, distorcendo o julgamento de todos os nossos irmãos que não possuem instrução suficiente para fazer justiça a todos esses projetos ridículos que estão perturbados, e que podem tornar-se uma credulidade perigosa para nossa paz.

Estudemos os ensinamentos de nosso querido mestre Allan Kardec, aceitemos o seu alto nível de inteligência condensado por trinta anos de trabalhos persistentes e, acima de tudo, vamos compreendê-lo, aplicando em nós mesmos, tornando-nos melhor, justos e fraternos, dedicados à consoladora doutrina que nos foi revelada pelos Espíritos.

Jesus que nos ensinou o amor, a caridade e a fraternidade, e teve, no entanto, em um momento de indignação, a necessidade de perseguir os vendilhões do templo e as cintas que ele usou ainda não estão gastas.

Eu acho que cumpro essa missão que me foi reservada... Essa é também a dos espíritas acionistas, a de agir agora para salvar a *Villa Ségur* que, no pensamento do mestre, foi destinada a um abrigo para o refúgio dos espíritas de idade. Ele queria criar, além disso, uma grande construção para estabelecer um local para reuniões, além de um museu e uma biblioteca espírita.

Essas expressões de indignação da *femme forte* Fropo — que seriam rapidamente combatidas por Leymarie em sua brochura *Ficções e Insinuações* — partiam de uma mulher forte que esteve ao lado de um dos kardecistas mais importantes do Espiritismo: Gabriel Delanne.

Com o consentimento de Madame Kardec, a dupla fundaria *L'Union Spirite Française* (*União Espírita Francesa*), inaugurada em 24

de dezembro de 1882, sob supostos pedidos do Espírito Allan Kardec, por meio de mensagens psicografadas na residência de Amélie, nos idos de 1880.

Madame Berthe Fropo também esteve com o inestimável Delanne à frente do jornal espiritista mais contundente do século 19: *Le Spiritisme*.

Esse barulhento periódico kardecista (que perdurou por mais de 12 anos com edições ininterruptas) esteve a serviço das penas de Delanne e Fropo, que trabalharam juntos no mesmo escritório publicando matérias incendiárias e artigos pontiagudos, em sua maioria, anti-roustainguianos ou mesmo antiteosofistas.

Como reafirmava os dois parceiros, tudo era escrito e publicado em nome da ética espírita e da integridade doutrinária — valores esses apregoados pelo mestre Kardec e por sua amada esposa Amélie.

Por meio do *Le Spiritisme*, a dupla jamais deixou de denunciar abusos, desvios, desonestidades e a típica falta de caráter, de moral e de ética que pululavam cada vez mais entre os círculos espíritas, principalmente os de Paris.

Eis que em 9 de novembro de 1898, a inesquecível viúva Berthe Fropo desencarnaria com seus 67 anos de idade, em sua residência na *boulevard des Invalides*, n° 34.

O jornal *Le Progrès Spirite*, do Sr. Laurent de Faget, seria o único periódico espírita francês a publicar a triste notícia da precoce partida dessa "Joana d'Arc dos kardecistas".

Sob o título de *Obituário de Madame Fropo*, o editor Faget a recordará como "boa e respeitável espírita, que foi lembrada por muitos anos como uma das mais valentes, fortes e defensoras da nossa causa":

"Amiga devotada e sempre fiel do mestre e de sua companheira, ela gostava de recordar a memória do senhor e da Sra. Allan Kardec —

memória essa tão cara a todos os espíritas sinceros."

Madame Fropo era a líder de um grupo kardecista e, todos os domingos, ela se reunia com seus vários amigos espíritas, juntando-se a um número seleto de iniciantes. Ao todo, ela lembrou ou ensinou os mais altos princípios do Espiritismo, especialmente aproveitando o lado filosófico e moral de nossa Doutrina. Seu exemplo vale a pena seguir; a sua fé é para se admirar.

Sua coragem não excluiu sua bondade: quantos infelizes foram consolados, apoiados, ajudados por ela, materialmente e moralmente!

E como ela mesma disse: *À chacun selon ses oeuvres* — a cada um segundo suas obras.

Diferenças entre Espiritismo e Teosofismo

Ainda no início de 1880, muitos espiritualistas começaram a notar significativas desigualdades filosofias, ideológicas, morais e comportamentais entre a doutrina dos Espíritos e a doutrina dos mahatmas. A *Revista Espírita* era a prova viva disso há anos!

Teósofos franceses mais aficionados acreditavam à época que, embora existissem algumas pequenas discordâncias entre as duas doutrinas — a da terceira revelação e a secreta —, estava muito claro para eles que o teosofismo surgia ao mundo como evolução do Espiritismo...

Exageros à parte, vejamos por meio desses dois exemplos o que começou a circular na imprensa religiosa da época, especificamente sobre essas tais diferenças — Mahatmas do lado teosófico; Espírito da Verdade do lado espiritista.

Um jornal chamado *Le Spiritualisme Moderne*, edição de maio de 1889, abrirá suas colunas com um artigo contundente, dizendo:

> A doutrina teosófica, de importação mais recente na França do Espiritismo, tem encontrado, e ainda encontra nos dias de hoje, uma forte oposição entre os espíritas. Esta oposição é pelo menos singular. Ambas as doutrinas, mesmo reconhecendo seus pontos fundamentais, nos parece estranho que possam ser hostis uma com a outra (...)

Passados 34 anos, surge a *Revue Apologétique*, edição de junho de 1923, que, por meio de uma matéria intitulada *Théosophie et Théosophisme* (*Teosofia e Teosofismo*), apontava as seguintes diferenças entre o teosofismo surgido na América e a Filosofia Espírita nascida na França:

> No início, e até mesmo antes da morte de Allan Kardec, uma corrente de pensamento se dividiu e foi delineada no Espiritismo francês. Alguns adeptos foram especialmente seduzidos à estranheza dos fenômenos e à atração ao *merveilleux* (maravilhoso) que, justamente, coincidiu com a ascensão das grandes descobertas científicas.
>
> Outros se agarrariam ao aspecto doutrinário, à medida que lentamente o Espiritismo se transformava numa Filosofia. Na França, Léon Denis é o representante mais proeminente desta concepção (...)

Quase sem querer, querendo, a *Revue Apologétique* faria uma revelação bastante relevante sobre a médium russa espírita:

> Quando Madame Blavatsky veio para a França, depois de 1867, ela iniciou sua escola esotérica com um discípulo de Allan Kardec, o Sr. V. Michal, sendo colocada no grupo "experimental" dos espíritas.
>
> Foi provavelmente a "Doutrina Espírita" (sic) para ela uma espécie de casaco de pele divertido, a qual desejava, acima de tudo, fundar o seu próprio grupo ocultista que se chamaria *Clube dos Milagres*.

Voltando então a 1889, o jornal *Le Spiritualisme Moderne* retorna dizendo que, com efeito, o Espiritismo e a Teosofia reconhecem a imortalidade da alma, a pluralidade das existências, a lei de ação e reação, a evolução dos princípios e da comunicação possível entre os vivos e os mortos.

O mesmo periódico dirá que o Espiritismo critica a Teosofia pela extrema complicação dos seus ensinamentos, ao passo que os teósofos afirmam que a Doutrina Espírita se limita muito facilmente à interpretação superficial...

Em contrapartida, o referido artigo da *Revue Apologétique* explicará que o Espiritismo, de fato, se apresenta como uma *revelação*

atual dos Espíritos, e seu testemunho é a única prova real da *Doutrina Espírita*:

> Muito diferente é o teosofismo; sem duvida que essa filosofia quer primeiro dar o seu testemunho à doutrina da fé, já que são os *mahatmas* que fazem as revelações; mas essa doutrina existia bem antes deles. O fato é que quando desenvolvemos as nossas faculdades latentes, enquanto a verdade vai se manifestando, elas serão reveladas na íntegra pela intuição de nossa alma.
>
> É claro que esta é a *doutrina esotérica*, reservada para iniciados, como para seus associados; nela há um esoterismo que serve como isca para alcançar o sagrado — essa isca é a reencarnação —, cuja remoção de sanções do além-túmulo modifica o seu caráter definitivo, na tentativa de reconciliar o nosso apetite ao gozo por meio das reivindicações de justiça somadas às indulgencias...

Em seu livro *Le Spiritisme*, a pesquisadora (não espírita) Yvonne Castellan afirmará que:

> A teosofia interfere no Espiritismo, todavia, as sociedades espírita e teosófica fundirão pontos em comum (...); a Teosofia condena explicitamente a evocação de defuntos (...). Espiritismo e Teosofia, doutrinas próximas e distantes, em todo caso, uma interferiu na outra.

Mas o enigmático autor J.-B.D. (talvez um teósofo por detrás das três siglas) encerrará a sua matéria no jornal *Le Spiritualisme Moderne*, com um tom mais brando, quiçá imparcial, com a tentativa de sugerir uma boa reconciliação entre teosofistas e espíritas:

> (...) Não, o verdadeiro espírita, o verdadeiro teósofo, o verdadeiro espiritualista, não deve condenar nem combater nada, exceto lutar contra o mal e a falsidade.
>
> Eles não devem condenar as teorias que não admitem, nem querer impor como um artigo de fé as doutrinas que eles professam... Não!
>
> (...) Esperamos que a nossa tentativa de reaproximação não seja em vão; e que ainda será muito constatada a Teosofia, bem longe de ser a inimiga do Espiritismo, vindo assim, quem sabe um dia, confirmar as doutrinas de Allan Kardec.

Já o autor daquela mesma matéria, *Théosophie et Théosofisme*, o cético A. Girard, jornalista esse da *Revue Apologétique* que encerrará o seu artigo com um tom mais pessimistas, quiçá irônico, na defesa (apologética) de que a fé pode ser comprovada pela razão, diante da seguinte tentativa de explicar as diferenças entre a Teosofia e o Espiritismo:

> De qualquer forma, a Teosofia e o Espiritismo, que tivemos que dissociar, de repente, unem-se pelas suas tendências profundas. Tanto uma como a outra *fazem desaparecer Deus* (grifo nosso) diante da humanidade ideal.
>
> O Espiritismo, de fato, praticamente *ignora Deus* para ter de lidar seriamente com os desencarnados, que são homens em marcha à sublimação de seu ser.
>
> O teosofismo é o épico do *eu* humano após identificar-se com o *eu* divino.
>
> Ambas são "religiões da Humanidade", ou se você preferir (e isso se aplica especialmente ao teosofismo) teorias místicas da irreligião.

Ainda sobre essa afirmação de A. Gerard, a de que a Filosofia Espírita faz desaparecer Deus diante da humanidade ideal, talvez esse senhor não soubesse quem foi Allan Kardec, e que, por meio de *O Livro dos Espíritos*, publicado em 1857, ele havia feito justamente o contrário — ressurgindo Deus — ao perguntar aos Espíritos sobre (Que é Deus?): Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas.

Não satisfeito, o mestre lionês foi mais adiante:

> Poder-se-ia dizer que Deus é o infinito?
>
> Definição incompleta. Pobreza de linguagem humana, insuficiente para definir o que está acima da linguagem dos homens.

Ainda inquieto, questionará novamente as entidades:

> Onde se pode encontrar a prova da existência de Deus?
>
> Num axioma que aplicais às vossas ciências. Não há efeito sem causa.

> Procurai a causa de tudo o que não é obra do homem e a vossa razão responderá.

Kardec completará o que vem a seguir:

> Para crer-se em Deus, basta se lance o olhar sobre as obras da Criação. O Universo existe, logo tem uma causa. Duvidar da existência de Deus é negar que todo efeito tenha uma causa e avançar que o nada pôde fazer alguma coisa.

Por fim, sobre a Doutrina Espírita como possível "teoria mística da irreligião", talvez A. Girard ainda não saiba, mas, especialmente no Brasil, *o coração do mundo, a pátria do Evangelho*, o mesmo Espiritismo francês, ao cruzar o Atlântico para pousar em terras tupiniquins, reconfigurar-se numa filosofia com bases cientificas e consequências religiosas...

1883

O ano que não acabou

O ano da graça de 1883 começava muito triste para a comunidade kardecista mundial...

Amélie-Gabrielle Boudet, a esposa do mestre lionês, desencarnava subitamente em sua residência na *Villa Ségur*, no coração de Paris...

Fora a própria Madame Berthe Fropo que deixaria registrada as minúcias oficiais do passamento de sua amiga e viúva Kardec, detalhes esses que até os dias de hoje não haviam pousado nos anais do Movimento Espírita. Por que será?

Duas hipóteses ficam subentendidas:

Primeira: não houve qualquer interesse por parte dos membros dirigentes do Espiritismo francês à época (incluindo Leymarie e societários) de tornar públicas as circunstancias da morte de Amélie...

Segunda: as minúcias de seu desencarne à Villa Ségur foram mantidas — em segredo — no pequeno círculo dos kardecistas de Paris. A prova disso estará num suplemento especial comunicando a morte de Amélie, que fora confeccionado para ser enviado (com

atrasos) aos leitores da *Revista*: nenhuma linha sequer sobre os detalhes do acidente caseiro que a viúva sofrera na morada da Villa Ségur (...)

Mas por que tanta falta de interesse ou algum possível segredo esteve resguardado? Por que passados mais de 130 anos, nós, kardecistas da atualidade, ainda não sabemos das circunstâncias da morte daquela que fora a mulher mais importante da Filosofia Espírita?

Novamente, Madame Fropo, sem papas na língua, prezando pela verdade e transparência, resolvera revelar esses porquês em sua brochura bilíngue *Muita Luz*:

> Na sexta-feira, dia 19 de janeiro de 1883, ela teve um mal súbito ao deixar a sua cama; ela caiu e bateu com a cabeça na quina do mármore de sua cômoda, o que fez perder a consciência. Auxiliada por uma criada, eu a coloquei para deitar, mas pelo sorriso (trejeito) de sua boca, eu notei que ela teve uma congestão cerebral (...)
>
> Eu fui buscar o médico, que me declarou que ela estava perdida...

Mas o que teria ocasionado essa súbita morte, já que o próprio Leymarie dirá na *Revue* que a *femme forte* do Espiritismo, que ficou por mais de 14 anos à frente da Doutrina, estava muito bem de saúde (e muito lúcida) antes de partir para junto de seu amado esposo na Espiritualidade Maior?

P.-G. Leymarie confirmará o seguinte, no famoso periódico dos Kardec:

> Madame Allan Kardec conservou todas as suas faculdades físicas, porque na sua idade, ela lia e escrevia sem o auxílio de seus óculos; as últimas cartas que ela enviou para os amigos, em dezembro de 1882 e janeiro de 1883, mostra como teve o pleno uso das suas forças materiais e intelectuais (...)

No enterro, Berthe Fropo, ao lado de Gabriel Delanne, ambos chateados, devem ter trocado olhares incisivos entre si, desviando automaticamente suas atenções para Leymarie — aquele senhor de

barbas longas que ajudava a segurar uma das alças do caixão que guardava os despojos mortais da mulher mais antiga e querida do Espiritismo: a nossa vovó Kardec...

As falas seguintes, em riste, são da corajosa Fropo:

"Senhor Leymarie quis fazer o enterro pela *Sociedade do Livre-pensamento religioso*. Eu me opus com força, dizendo que ela jamais havia pertencido a essa sociedade, e que ela seria enterrada como fora o seu marido. Eles aceitaram a minha decisão. E somente nas cartas de participação do funeral fizeram-na membro do *Comitê*, ela que era a fundadora da *Sociedade Anônima!*"

Ao certo, a ficha de Leymarie podia ser facilmente "levantada", seja por Fropo ou mesmo por Delanne, até para que a dupla pudesse encontrar alguma explicação despretensiosa sobre os motivos que influenciaram a morte repentina de Amélie que, dias antes, vendia saúde por onde passava...

Durante a triste cerimônia de despedida no *cimetière du Père-Lachaise*, os dois amigos e editores do jornal *Le Spiritisme*, talvez, como seres humanos imperfeitos, podem ter olhado para a inconfundível figura de Leymarie a fim de escarafunchar nela as possíveis causas que levavam a octogenária viúva Kardec de retorno à Pátria Espiritual.

E uma sequência precisa de fatos históricos deixava algumas evidências no ar: em 1869, após o desencarne de Kardec, Sr. Leymarie surgira anunciando ser o herdeiro direto do mestre, frente aos destinos do Espiritismo; em 1873, Leymarie se consorciava com Blavatsky, escancarando a *Revue* à propagação das ideias teosóficas na França e fazendo do periódico de Kardec "uma abominável rapsódia, sob o pretexto do ecletismo", como dirá Fropo; em 1876, Leymarie seria condenado pela justiça francesa como falsário, diante daquele episodio da *fotografia dos Espíritos*, que desaguou no histórico *Le Procès dês spirites* (*O processo dos Espíritos*); em 1878, novo escândalo o envolvia na fundação da Sociedade Teosófica dos Espíritas Franceses

— grupo esse não espírita, e que fora apoiado e defendido pela então Sociedade Científica de Estudos Psicológicos com seu *Boletim do Órgão do Movimento dos Livres-Pensadores Religiosos* e do *Espiritualismo Moderno*.

Por fim, em meados de 1880, Sr. Leymarie (multiplural) concluiria a sua filiação à enigmática *Sociedade do Livre Pensamento Religioso* e à indecifrável sociedade da *Pneumatologia Universal*. Algo mais?

Além de roustainguiano convicto, mantendo durante anos parcerias duvidosas com o milionário J. Guérin — o mandatário de J.-B. Roustaing —, esse mesmo P.-G. Leymarie maçom, livre-pensador, apresentava-se ao mundo também como um "teósofo kardecista" no molho do que se convencionou chamar de Espiritualismo Moderno de uma França mística...

Esse "tudo ao mesmo tempo agora", vindo de um Leymarie ocultista, místico e esotérico, que escancarou a *Revista Espírita* para as filosofias (não espíritas) que desembarcavam na França a partir da década de 1870, como dirá novamente Fropo, agora em destaque: "desesperaram Madame Kardec (...)"

Portanto, o carregado ano de 1883 trazia ainda, com a chegada inesperada da morte de Amélie, a saudosa simbologia kardecista do mestre ao lado de sua amada esposa empunhando *O Livro dos Espíritos*... Memórias e recordações simples de um tempo onde a filosofia espírita, nos moldes originais defendidos por Allan Kardec — o bom-senso encarnado — parecia nunca mais retornar...

Certamente, a morte da viúva Kardec deixou um imenso hiato no Movimento Espiritista global, empurrando ainda mais as influências mistiocultistas daquele *fin du siècle* para dentro da Filosofia Espírita.

E se o Espiritismo francês encontrava-se confuso, miscigenado, o que viria depois do desencarne da Sra. Amélie-Gabrielle Boudet?

Inquietações kardecistas

Depois de agosto de 1878, com primeira objeção na *Revue* às ideias teosóficas, por meio da inquietação de um italiano chamdo E. Rossi de Giustiniani, o Comitê de leitura começaria a rever as cortesias de entrada dos artigos do teosofismo na *Revista Espírita*.

Com argumentos bem fundamentados, Sr. Giustiniani se juntaria a outros leitores kardecistas antiteosóficos, muitos deles, distantes da França, na defesa dos preceitos de Allan Kardec e de sua viúva Amélie.

O primeiro exemplo vinha diretamente da ilha de Java. Um respeitado correspondente da *Revista*, o barão de Fengnagell de Pekalongan, fora autorizado a publicar seus petardos defendendo aquilo que a viúva Kardec sempre acreditava: *que o Espiritismo deveria ser respeitado em sua essência e autenticidade doutrinárias, apregoadas por Kardec, sob orientação dos Espíritos e o comando geral do Espírito da Verdade...*

Outros artigos contra os largos espaços angariados pelos teosofistas no editorial eclético da *Revue* seriam também remetidos de médias e longas distâncias.

Outro exemplo estava em Élise Van Calcar, da Holanda, que encaminhará o seu artigo: *Um assinante da Revista*.

Outros defensores estrangeiros surgiriam à tona, como fora o caso do próprio milionário roustainguiano Jean Guérin, que bradará

alto de Villeneuve-de-Rions.

O filósofo e livre-pensador Charles Fauvety por sua vez, esbravejará também de Asnières contra a Teosofia. E até a feminista Sophie Rosen-Dufaure, que convivia pacificamente com Leymarie e Courmes, em Paris, tentará intervier pessoalmente contra a circulação desmedida do teosofismo no Espiritismo, por meio das reuniões da Sociedade Científica de Estudos Psicológicos, que participava ao lado de seu marido.

Por fim, um signatário francês chamado Francis Vallès, inspetor geral de *Ponts-et-chaussées* (Escola Nacional de Pontes e Estradas), assinou um polêmico artigo na *Revue*, opondo-se veementemente contra a presença de matérias teosóficas no periódico kardecista mais famoso do mundo.

As incoerências de conceitos e ideias entre as duas filosofias começavam a surgir aos poucos de forma ainda mais contundente...

A começar que, para compreender corretamente as minúcias da Sociedade Teosófica e de seu teosofismo, muito distantes da França, os kardecistas franceses deveriam (necessariamente) aprender o inglês, já que os textos de *Ísis sem véu*, por exemplo, ainda não haviam sido traduzidos para o francês, por conta daquele "capricho de Blavatsky" à tradução norte-americana.

Portanto, sem saber ao certo o teor das ideias contidas no livro primeiro da teosofia, ficava muito difícil estabelecer opiniões favoráveis (ou contra) às verdades teosóficas. Ser um kardecista adepto (às cegas) da Teosofia, nem pensar!

A própria revista mensal dos teosofistas, a *Théosophist*, que narrava todos os passos do teosofismo pelo mundo, era publicada (somente) em inglês, assim como os conhecimentos contidos em *O mundo Oculto* (de 1881), e o *Budismo esotérico* (de 1883), livros esses escritos em inglês britânico por Sinett, além de vários artigos teosóficos que circulavam, em sua grande maioria, em inglês

americano e outros idiomas que não necessariamente o francês.

Eis que em dezembro de 1879, um correspondente (indignado) de nome François Vallès, por meio de seu artigo irônico, *Invitation à l'école théosophique* (*Convite à escola teosófic*a), publicado na *Revue*, dirá que Ísis sem véu era um "livro (inexistente no idioma francês), e que não nos permite sabermos, de maneira alguma, o que ele contém (...)" Uma incongruência idiomática tamanha!

Leitores e sócios franceses da *Revista*, sapientes de que não tinham obrigação alguma de conhecer outras línguas para compreender os ensinamentos de crenças alheias e não espíritas, devem ter estranhado sobremaneira as muitas incongruências místicas que pousavam nas mesas do escritório da *Revue*.

Anos antes, os mesmos sócios e leitores do periódico de Kardec começariam a ser alertados que existia, de fato, lacunas consideráveis entre o teosofismo e o Espiritismo, isso quando a Teosofia ainda morava na América, entre 1875 e 1878.

Enfim, diferenças geravam desconfianças!

Em contrapartida, ao remeter notícias francesas ao território americano, coronel Olcott divulgará na década de 1870, que as obras fundamentais de Allan Kardec "ainda não eram conhecidas e reconhecidas nos Estados Unidos" por uma simples falta de tradução do idioma francês para o inglês. Logicamente, sem compreender o que Kardec dizia ao mundo (em francês) não se podia ajuizar valor ou dar importância aos ensinamentos universais dos Espíritos...

Por essas e por outras, o *espiritualismo moderno* triunfaria por décadas sem "concorrentes diretos" na América do Norte, negando descaradamente qualquer tipo de reencarnação imaginável...

Em abril de 1878, Olcott apresentaria, aos leitores da *Revue*, como vimos em capitulo anterior, um extenso suplemento teosófico. Porém, ao tentar explicar que uma questão importante agitava os Estados Unidos e a Inglaterra diante de discussões acaloradas entre

americanos e ingleses (especificamente sobre o profundo significado dos *elementais* e *elementares*), ele confundirá ainda mais a cabeça dos kardecistas franceses com seus emaranhados apontamentos teosóficos, que trafegavam no sentido da natureza (reticente) dos Espíritos que habitavam os mais altos graus da espiritualidade.

A dúvida geral seria inevitável: se Allan Kardec, por meio de *O Livro dos Médiuns*, já havia codificado minuciosamente a classificação dos Espíritos — dos maus aos angélicos — qual seria a necessidade de colocar importância a duas novas classes (Elementais e Elementares), que mais confundiam que explicavam?

Para engrossar ainda mais o caldo das misturas, Helena Blavatsky encaminhará à *Revue* o seu mais novo artigo, *Idées erronées sur les doctrines théosophiques* (*Ideias errôneas sobre as doutrinas teosóficas*), onde somará outros embaraços por meio de uso de metáforas, ao dizer que o homem é uma trindade e que seu corpo psíquico é um *Tetraktis* ou *maternidade* (maternidade?), conceitos esses estranhíssimos e muito distantes daqueles que os Espíritos haviam repassado à Kardec, para que ele os publicasse na maioria de suas cinco obras fundamentais.

E as inquietações vindas dos kardecistas começavam a se inflar por todos os lados onde havia um exemplar com artigos teosóficos e um leitor do periódico do mestre Allan Kardec, frente àquela "abominável rapsódia sob o pretexto de ecletismo" que havia se transformado a *Revista Espírita*, segundo denunciava a inquieta Madame Berthe Fropo.

Comitê de leitura da Revue barra artigos teosóficos

Em janeiro de 1883, o teósofo D. A. Courmes lançará na *Revista Espírita* um artigo de três páginas com o seguinte parágrafo introdutório:

> O *Comitê de Leitura da Revista Espírita* nem sempre recebe escritos teosóficos, alegando os seguintes motivos: as informações do Sr. Olcott, de Madame Blavatsky e de seus principais colaboradores no jornal *Theosophist* estariam em oposição com os ensinamentos do Espiritismo formulados por Allan Kardec.
>
> Essas informações parecem nada dizer contra a *Revue*, edificada depois de 25 anos; eles também não teriam, de qualquer forma, elementos como provas suficientes; eles alegam que a *Revue*, enfim, não pode impor uma mão para combater a si mesma...

A princípio, essa introdução, mais parece ser uma explicação de Courmes aos leitores da *Revista* por conta da diminuição brusca de artigos teosofistas, já que no ano anterior, em 1882, apenas três minguadas matérias foram veiculadas em toda a *Revue*.

Todavia, o motivo principal de Courmes com esses parágrafos era o de passar uma espécie de "recado" ao Comitê de redação, que já ele havia declarado naquele momento sua oposição contrária à publicação de qualquer artigo sobre a Teosofia.

Logo no segundo parágrafo, na continuação de suas justificativas por meio de seu artigo, *Sobre os escritos teosóficos*, D.A.C. tentará argumentar as igualdades existentes entre teosofismo e Espiritismo, passando também um novo recado aos membros do Comitê de leitura:

> Por estas razões, pode argumentar-se que:
>
> As ideias teosofistas diferem apenas em certos pontos e não em toda a teoria kardecista; elas concordam, porém, com a maior parte desta teoria, e bem mais do que o espiritualismo americano, que não admite nenhum tipo de reencarnação.
>
> Este ponto será ainda demonstrado através da leitura da tese teosofista *Natureza dos Espíritos*, que eu encaminharei em breve ao Comitê...

Como constatamos por meio de nossas pesquisas e estudos, também vistos em capítulos anteriores, o Espiritismo da época difere (absolutamente) da Teosofia, especificamente quando comparamos os conceitos de reencarnação e pluralidade das existências que foram estabelecidos pelas duas filosofias no século 19.

Senhor D.A.C. acertará ao dizer que há discrepâncias bem maiores entre o espiritualismo moderno e o Espiritismo codificado por Allan Kardec na França de 1857.

A título de esclarecimento, esse artigo de Courmes, *Natureza dos Espíritos*, ou não fora enviado ao Comitê, ou não autorizariam a sua publicação, pois a referida matéria não constará nos meses posteriores, muito menos em qualquer outro espaço editorial futuro da *Revue*.

Seguindo então com as justificativas de D.A.C., encontramos os seguintes pensamentos em seus terceiro e quarto parágrafos:

> As ideias teosofistas são apresentadas sob as mesmas condições de autenticidade, grosso modo, as quais foram os princípios kardecistas. Essas, na verdade, provem de uma serie de depoimentos de desencarnados, obtidos medianimicamente e ordenados, por comparação, e construídas em corpo de doutrina por um homem, é claro, da maior razão. Mas essas também são derivadas da investigação com pessoas honradas e eminentemente esclarecidas e, além disso, elas estão de acordo com a tradição mais respeitável, que tem o seu valor.
>
> Daqui se segue um maior conhecimento da realidade do assunto e das opiniões, mas provavelmente, a Teosofia não é a inimiga do Espiritismo, ela simplesmente se apresenta como sua assistente ao caminho do progresso.

Essa afirmação de Courmes de que a Teosofia "se apresenta como assistente ao caminho do progresso" do Espiritismo denunciava a sua ideologia blavatsquiana de que o teosofismo poderia colaborar com a Doutrina dos Espíritos no sentido de aplicar as mudanças necessárias para se combater os dogmas espiritistas que, segundo Courmes, mantinham-se imutáveis em Kardec desde a década de 1850.

Trocando em miúdos, D.A.C. acreditava que esse *dogmatismo espírita* que, em verdade, trata-se de todos os princípios originais estabelecidos pelos Espíritos; as conclusões empíricas levantadas por Allan Kardec; os preceitos e as máximas da equipe do Espírito da Verdade, ou seja, tudo isso que vinha dos ensinamentos do Cristo deveria sofrer alterações rápidas e necessárias para se ajustar à década mística de 1880.

Em verdade, a Teosofia de Blavatsky, de Olcott, de Leymarie e de Courmes estava disposta a implementar uma espécie de *atualização* na Filosofia Espírita, por meio de sua grande irmandade branca de mestres, irmãos ou mahatmas que, no fundo, ninguém do lado de fora dessa *doutrina secreta* sabia ao certo quem eram esses seres astrais e quais as suas reais intenções, ao escarafuncharem os preceitos kardecistas há tempos esclarecidos...

No quinto parágrafo de Courmes surgiriam alguns tons irônicos,

a fim de atingir novamente os membros do Comitê de leitura, que já deveriam estar com todas as paciências esgotadas com o dedicado teósofo D.A.C.

> Por outro lado, a *Revue Spirite* é realmente uma coleção de estudos (sic) e não um jornal dogmático, por que então não se admitir em suas colunas que as opiniões veem de dentro de uma direção exclusivamente determinada; por que não imitar o jornal *Spiritualist*, que inseriu os artigos em questão, provindos do jornal *Théosophist* e muitos outros, sem impor, por isso, sua fé a seus leitores?

Comandante D.A.C., literalmente perdendo as estribeiras no seu mar agitado de reivindicações, colocará no seu artigo, com onze linhas, uma ruidosa nota de rodapé, após essa interrogação acima, deixando escapar o quanto se encontrava irritado com o bloqueio dos artigos teosóficos pelo Comitê de redação:

> O autor do artigo parece ignorar que muitos espíritas são intolerantes e não querem admitir que a Revue pudesse se ocupar de teorias ou doutrinas que não tenham sido admitidas e controladas por Allan Kardec; parece ignorar àqueles que denunciam as tendências subversivas do Comitê de leitura e declaram que ele quer destruir o trabalho de *O Livro dos Espíritos*.
>
> Os espíritas, mais realistas que o rei, esses que assumem que as nossas doutrinas são completas, abrangentes, inamovíveis e infalíveis, esses não devem suportar a crítica ou a comparação; esquecendo-se de que o movimento é a vida.
>
> Se nós ficarmos apenas no ABC do que deve ser revelado, como foi dito por Allan Kardec, aí sim é necessário que estudemos e comparemos se não queremos continuar pisando no mesmo local.

Evidentemente que Courmes deixará claro, em seu incisivo adendo acima, que "ficar apenas no ABC" ou "pisando no mesmo local" são ações que a Filosofia Espírita vinha praticando há décadas, e que agora havia a necessidade, segundo o militar reformado, de uma reformulação geral pela Teosofia, ou seja, a chegada de novas diretrizes que os teosofistas estavam dispostos a trazer aos espiritistas...

No sétimo e último parágrafo de sua matéria-protesto, D.A.C. reforçará a ideia de que esse "Espiritismo ortodoxo", segundo intitulava, devia olhar para o futuro cientifico e dar voz às descobertas das filosofias místicas e esotéricas, como era o caso da própria Teosofia:

> Allan Kardec, do resto, disse que o Espiritismo, como ele concebeu, deveria permanecer essencialmente reconhecido, perfectível em seus resultados, mas disse com todas as letras que a Doutrina nunca deveria *viver do passado*, já que isso não nos colocaria a par de tudo o que iria acontecer.
>
> Por isso estou inclinado a concluir que ele havia incluído, em sua coleção de ensaios, como registro documental, a exposição de ideias teosofistas.
>
> Em 1868, também, este homem eminente, cuja memória é tão querida por nós, gentilmente publicou na sua *Revista* um estudo sobre o filósofo chinês Laot-Seu (sic), que eu havia enviado ao Extremo Oriente, e esta filosofia não está de acordo com todos os aspectos do Espiritismo.
>
> É verdade que, em 1876, em 1877, após a morte de Allan Kardec, o Comitê de Leitura, pelo contrário, se recusou a inserção de um artigo muito interessante sobre aparições autênticas de animais-fantasmas (sic), escrito pela pena do príncipe Wittgenstein, e que um espírita *muito avançado* havia me autorizado a traduzir.
>
> Acredite em meus sentimentos dedicados e fraternos. D.A.C.

Ainda na edição de junho de 1883, da mesma *Revue*, D.A. Courmes conseguiria ultrapassar a barreira de bloqueio teosófico imposto pelo Comitê de leitura, para publicar mais um artigo teosófico, intitulado: *Un catéchisme Bouddhiste* (*Um catecismo Budista*). Desta vez ele ressurgiria sem insinuações ou ironias...

Entretanto, algumas farpas trocadas entre Madame Blavatsky e o engenheiro ocultista Tremeschini — um dos influentes membros da Sociedade Teosófica dos Espíritas Franceses — ofuscaram as rusgas entre Courmes e o Comitê.

Um incêndio maior entre teosofistas e espiritistas franceses

roubava maiores atenções...

Até julho de 1883, nenhuma refutação havia partido da pena de H.P.Blavatsky com destino à Paris. A partir dessa data, surgiriam nas colunas do boletim mensal da Sociedade de Estudos Científicos e Psicológicos (periódico esse que vinha anexado à *Revista Espírita*) duras respostas de Helena Blavatsky às acusações e supostos equívocos publicados em edições anteriores sobre o teosofismo, principalmente as remetidas e proclamadas por Tremeschini.

Ainda em 17 de maio, completamente indignada, a senhora dos olhos claros escreverá essa longa correspondência ao Sr. Charles Fauvety, o editor do boletim da S.E.C.P., com sua réplica sobre as pesadas acusações de Tremeschini.

Eis um pequeno trecho contido em sua carta:

> O boletim mensal da sociedade de que você é o presidente, esse de abril de 1883, foi lido e traduzido por um de nossos membros da filial dos ocultistas da Sociedade Teosófica — e este deve ser o nome da filial de vocês — assim como de todas as demais sociedades (...)
>
> De uma forma muito inesperada, eu venho pedir-lhe justiça... Esta carta será seguida de uma resposta formal que esperamos que você tenha a amabilidade de publicar no seu boletim informativo.
>
> É impossível, para mim, dentro de uma carta formal, dizer-lhe todos os erros e as más interpretações que foram cometidas nos discursos das conferências de 6 e 21 de março...

Blavatsky estava se referindo às conferências públicas promovidas por Tremeschini que, segundo ela, "quando ninguém defende o teosofismo, mas todo mundo reconhece a sua queda por um inimigo invisível, os dois lados, amigos e inimigos, teosofistas e espiritualistas, passam a rasgar em pedaços um sistema que não sabem nem a primeira palavra".

Em verdade, o ruidoso italiano Tremeschini — que curiosamente defendia a Sociedade Teosófica dos Espíritas Franceses,

ao lado de Courmes e Leymarie, começou a criar (por pura ignorância sobre os preceitos teosóficos do Oriente) novas especificidades ao teosofismo, evidenciando, por conta própria, sua falta de conhecimento das filosofias orientais, fato esse que gerou enormes atritos e ruídos provindos de Blavatsky e Olcott que, certamente, se morderam de raiva na distante adyar, na Índia. Um fogo amigo à vista?

E até o final de julho, aquele texto-protesto da correspondência de Helena ainda não havia sido publicado por Fauvety, o que a deixou mais irritada ainda.

Ao que se sabe, o filosofo evitou publicar, na quentura do momento, a longa e abrangente refutação dela, isso para evitar mais incêndios verbais entre teósofos e espiritistas. O que, de fato,, não teve como evitar fora o grande racha que se estabelecera por meio de discussões infindáveis, tendo Blavatsky que ordenar (à distância) que a Sociedade Científica do Espiritismo fosse repartida em três, para que as dissidências teosóficas que se avolumavam encontrassem definitivamente a sua paz em frentes diferentes e distintas.

Mas, enfim, o artigo *A resposta dos teosofistas*, escrito por Helena Blavatsky, seria publicado no Boletim de Fauvety, ocupando trinta infinitas páginas.

Carregado de supostos erros conceituais sobre os preceitos do Espiritismo (possivelmente devido ao seu esquecimento do idioma francês), Blavatsky tomou as afirmações do teósofo Tremeschini como considerações falsas e sem fundamento algum, tentando justificar depois, por carta à Fauvety, os porquês de tantos erros em suas colocações:

> Por dez ou onze anos eu já não tenho mais a oportunidade de falar ou escrever em francês, então eu comecei a esquecer. Mas eu tenho a confiança na sua intuição e, especialmente, em seu sentido íntimo de justiça.
>
> Como já tive a honra de lhe dizer, nós nunca vamos atacar ninguém, mas nos cabe defendermos a nós mesmos quando somos atacados injustamente.

> Tremeschini em nada agradou o Movimento Teosófico, já que nos apresentou ao seu público como charlatães que pregam uma falsa ciência. Portanto, faça-me o favor de não publicar tais acusações vindas dele...

Entre mortos e feridos diante desse fogo-amigo, o fato é que o Comitê de leitura da *Revista Espírita* — à beira de um colapso — não publicou sequer uma linha (isso em 1884) sobre qualquer coisa que viesse de Blavastky, de Olcott, de Tremeschini, de Leymarie, de Courmes, dos mahatmas, ou de qualquer outro ser ou assunto que permeasse o ocultismo teosófico existente na face da Terra... Era um ponto final.

Kardecistas contra teosofistas

depois daquele grande racha, entre acusações e insinuações, e para agradar a Sociedade Teosófica de Paris, o Comitê da Sociedade Científica de Estudos Psicológicos pensou em abrir o seu Boletim para novos artigos e debates, assim como promover algumas conferências públicas, em formato de reuniões, a fim de que todos pudessem expor suas ideias teosóficas entre os kardecistas franceses. Tudo em nome da paz, sob o pretexto da fraternidade universal...

Mas o que era para ser um encontro amistoso acabou se transformando numa fornalha de discussões intermináveis entre teosofistas e kardecistas. Certo numero de membros de uma comissão teosófica seria convocado como representantes das doutrinas do ocultismo. Só que esses senhores presentes, quando tiveram oportunidade de discursar suas defesas, não abriram suas bocas nas conferências... Abster-se-iam de participar das discussões.

Todos os teosofistas franceses conhecidos foram convocados às reuniões, mas muitos dos que estavam presentes, como vimos, ficaram em silêncio, embora o presidente Fauvety oferecesse gentilmente a palavra para que algum adversário tivesse a chance de colocar suas opiniões.

Para piorar os encontros, o teósofo Tremeschini, a feminista kardecista Sophie Rosen-Dufaure e um senhor chamado Waoquier, entre erros de interpretações e incapacidade de tradução correta dos conceitos da Teosofia moderna para o francês (segundo acusaria Blavatsky por carta), acabariam atirando mais combustível na fogueira das discussões, que haviam perdido de vez o controle e o bom-senso.

A kardecista Sophie Rosen, personalidade influente entre os membros do Comitê de Leitura, por meio de seu artigo *L'errear de Madame A.A. (O erro de Madame A.A.)*, publicado na *Revue* em agosto de 1883, dirá que não conseguia compreender como o Boletim e a Revista Espírita haviam autorizado publicações de artigos que caminhavam na direção contrária das ideias de Allan Kardec:

> Muitos assinantes lamentaram a vasta condescendência da *Revue* à publicação de artigos onde as nossas melhores convicções, que adquiriram experiências, forma desacreditadas com essa desenvoltura do que não justifica a sombra de uma prova (...)
>
> O Espiritismo é uma fonte suficiente de explicações e não precisa ir à procura de novos gêneros do tipo dessa teosofia teosófica...

Uma série de artigos no *Boletim da Sociedade Científica de Estudos Psicológicos* seriam trocados entre o teósofo Tremeschini e mãe Blavatsky. Um exemplo disso está na matéria *Réponse de M. Tremeschini (Resposta do Sr. Tremeschini),* onde o inquieto homem rotula que passou a existir uma espécie de "Ocultismo teosófico proposto por Helena Blavatsky"; uma "doutrina niilista pregada pelos teosofistas", em atuação escancarada no movimento espírita francês.

Tão logo, de Adyar, na Índia, Madame Blavatsky esbravejará alto, principalmente contra Tresmechini — o traidor do Movimento Teosófico.

Em carta à Courmes, de junho de 1883, ela dirá o seguinte sobre o tio kardecista que se mostrava antiteosófico ao cubo:

"Eles são muito estúpidos, essa Sra. Sophie Rosen e o Sr. Warroquier... E Tremeschini, este não é apenas mesquinho, como também muito desonesto (...)"

Como constatado, as acusações contra o teosofismo no Espiritismo vinha também de muito longe, por meio de vários artigos de colaboradores estrangeiros que pousavam na *Revue*, como fora o caso dos novos correspondentes da Grã-Bretanha, da Holanda e outro da distante Argélia.

Um caso típico fora o do barão de Fengnagell. Habitante de Pekalongan, uma cidade indonésia localizada na costa norte da ilha de Java, suas ideias entre os kardecistas franceses ganhariam certa força em 1883, ao lado do trio Sophie Rosen, Waronquier e Tremeschini, ao lançar uma hipótese de que a Teosofia era o retorno do Panteísmo, ou seja, daquela doutrina filosófica (altamente) combatida por Kardec, e caracterizada por uma extrema aproximação ou identificação total entre Deus e o Universo.

Na concepção do barão Fengnagell, os teosofistas modernos afirmavam (indiretamente) que o Espiritismo seria uma concepção materialista do mundo, que confundia o Criador com a Criação...

Em contrapartida, no passado, Kardec há havia argumentado, por meio de seu excelente comentário no item 16 de *O Livro dos Espíritos*, "que não sabemos tudo o que Deus é, mas sabemos o que ele não pode ser (...)"

Enfim, nós espíritas acreditamos que Deus não pode ser confundido com o mundo, da mesma maneira que um artista não pode ser confundido com suas obras...

O Espiritismo, portanto, não pode ser considerado nenhuma forma de Panteísmo. Jamais fora ou será!

Barão de Fengnagell, mesmo escrevendo de uma longa distância, também se opôs à interpretação feita pelos teosofistas sobre versículos do Evangelho, a qual considerou já bem explicada numa das

obras de Kardec (*O Evangelho segundo o Espiritismo*), e concluiu que, sobre esse tema, os teósofos estavam mal informados e completamente desorientados...

Ele lamentará ainda que os mesmos teosofistas não apreciavam o verdadeiro Espiritismo, "nossa doutrina consoladora", e teme que "para quem admite suas ideias sem restrições só resta fazer uma escolha entre o panteísmo e o materialismo".

As polêmicas se estenderão ainda por 14 meses, de 1882 até 1883. Alguns kardecistas franceses, os mais agitados, ainda tentavam protestar em público, dizendo que os ensinamentos de Allan Kardec haviam sido totalmente desviados em favor dos artigos de Helena Blavatsky e de sua Sociedade Secreta indiana.

As acusações partiam da hipótese dela ter (sorrateiramente) lucrado com a generosidade da *Revista Espírita*, de seus dirigentes e, principalmente, da mulher mais querida do Espiritismo: a viúva Allan Kardec.

Nessa época de embates, nem sempre amistosos, as ideias teosóficas foram cada vez mais percebidas em contradição com a Doutrina Espírita. Assim, os conceitos do teosofismo de Blavatsky e Olcott, assim como as persuasivas de Courmes e Leymarie, não seriam mais bem-vindos nas colunas editoriais da *Revue*.

Um suposto receio dos kardecistas franceses era o de que essas filosofias místicas, muitas delas importadas do Oriente, pudessem instalar um tipo de niilismo moderno no Oriente (tendo o teosofismo na França o seu representante maior), já que os próprios teosofistas apresentavam sua filosofia supostamente niilista, ao lado do Budismo.

Em curtas palavras: havia a dúvida no ar de que o teosofismo da época passaria a defender a redução ao nada; ao aniquilamento; à não existência; à destruição completa do ego, onde prevaleceria o entendimento místico de que a maioria dos desencarnados seriam aniquilados ao chegarem do lado de lá...

Como observamos, as maiores discussões entre espiritistas e kardecistas da década de 1880 geraram em torno do que aconteceria com a morte física do homem eterno ao chegar à Espiritualidade Maior.

Espiritistas, ao lado de Kardec, já tinham a certeza da vida eterna e da reencarnação; teosofistas, ao lado de Blavatsky, defendiam outras formas de enxergar a pluralidade das existências e da vida infinita...

Por fim, as discussões, os desentendimentos que observamos provaram ser mesmo o resultado de uma (enorme) diferença de significados cunhados sob os termos: mente, alma, Espírito, perispírito, pluralidade das existências, reencarnação — conceitos esses que as duas filosofias traziam à tona e reverberavam particularmente, diante de um final de século 19 carregado de inquietações no campo místico-religioso.

Helena da India retorna a Paris

literalmente, os espiritistas franceses não estavam mais dispostos a simpatizar com as teorias dos teosofistas indianos...

Os kardecistas à época podiam naturalmente justificar a comunicabilidade espiritual com provas práticas experimentais, com bases cientificas. E como justificariam os teosofistas de uma doutrina secreta?

De forma rápida e prática, o que fornecia de substancial o teosofismo, diante das pesquisas cientificas para provar a realidade da imortalidade da alma?

Ademais, havia pouquíssimas informações na França sobre as ações da sociedade teosófica que, além de manter o seu quartel-general há milhares de quilômetros de Paris, ainda insistia em manter os seus principais livros, como era o caso de *Ísis sem véu*, sem qualquer tradução para o francês, o que acabou deixando subdesenvolvido o pouquíssimo conhecimento teosofista por falta de literatura específica, que ainda inexistia em terras francesas.

Manter experimentos secretos na Índia, com iniciados anônimos ou conselheiros superiores desconhecidos, sem saber ao certo se ocorriam (ou não) testes científicos às portas fechadas, deixavam

fortes evidências de que essa filosofia mística podia não ser tão confiável assim para propagá-la em larga escala no País tricolor.

Por essas e por outras, foi que Madame Blavatsky decidiu, em 20 de fevereiro de 1884, viajar para a França, desembarcando inicialmente em Marselha.

Curioso observar que na cabine do navio em que viajava, ao atravessar o Canal de Suez, inaugurado em 1869, ela trabalhava freneticamente na tradução francesa de *Ísis sem Véu*.

Porém, antes de partir do Oriente "para rever Leymarie, meu velho amigo, e também o seu inimigo velho, Dr. Fortin" (como comunicará à Courmes numa carta de 17 de julho de 1883), ela deixou Madras com destino à Ootacamund, ou Ooty, no sul da Índia, "para me salvar do calor que me cozinhava pela metade (...)"

Mas essa partida programada de Helena da Índia podia ser especialmente justificada para tentar acabar com as disputas entre dois grupos parisienses que seguiam polarizados: os kardecistas franceses — que desejam ficar somente com Kardec; e os *spirithéosophistes* — que queriam atualizar Kardec com as ideias teosóficas modernas...

Chegando a Marselha somente no dia 13 de março de 1884, a alquebrada Blavatsky surgirá acompanhada de dois hindus: Mohini Chatterji e Padshah.

Novamente, Charles Blech dirá que "o comandante Courmes, em grande uniforme, acompanhado por seu amigo, Barão Spedalieri, recepcionará Blavatsky por meio de uma pomposa comitiva pela cidade. E, para o espanto de Courmes, ela surgirá ostentado seu vestuário um pouco excêntrico, que consistia em uma camisa vermelha e chapéu com penas (...)"

Com as magnéticas figuras hindus ao seu lado, depois de Marselha, a fundadora da S.T. era esperada em Nice (ainda há quase mil quilômetros de Paris), no palácio da teósofa, espírita e médium,

Lady Caithness, a famosa Duquesa de Pomar.

Interessante dizer que nesses encontros burgueses, realizados em alto estilo, Olcott relatará posteriormente que "uma noite fora especialmente dedicada à Camille Flammarion, astrônomo de Paris, que depois acabou sendo um dos membros da nossa Sociedade; ele está em Nice, aonde uma grande plateia veio ouvir suas três palestras que realizará no *théâtre Saint-Michel* (...)"

Entretanto, a chegada da comitiva em Paris se daria somente em abril de 1884, e seria acompanhada de perto pela imprensa francesa, que não pouparia Blavatsky, muito menos seus dois hindus, Mohini e Padishah.

O *Journal Rappel*, por exemplo, estamparia na capa de seu periódico o irônico título: *Ameaça de invasão*. E para o dono do artigo, o jornalista Victor Meunier, a chegada de Helena Blavatsky na Paris-Luz, ao lado de seus dois pupilos, tratava-se de uma "invasão budista", que se sucedia à "epidemia do Espiritismo"; "e seus professores seriam pior que a luta religiosa (...)"

Patrocinada interinamente por Lady Caithness, a cinquentona Madame Blavatsky ficaria hospedada num apartamento de número 46 da *rue Notre-Dame des Champs*, onde havia um grande salão para reuniões que possibilitava o atendimento de vários teosofistas franceses e estrangeiros, que viriam para conhecer e discutir as ideias de Helena Blavatsky.

Mas havia um problema maior para ela resolver em solo parisiense: colocar um fim às discussões que os grupos dos *spirithéosophistes* de Paris haviam inflado, principalmente sobre as incompreensões dos conceitos teosóficos vindos da Índia, que contradiziam sobremaneira as teorias de Allan Kardec.

Para isso, a volumosa Sra. Blavatsky teve de se deslocar, ao lado do filosofo Charles Fauvety, do seu conforto de Paris à Asnières-sur-Seine (há onze quilômetros de distância) para uma reunião acalorada,

a fim de discutir as inquietações que haviam se formado entre espiritistas e teosofistas, surgidas no ano anterior.

Estariam presentes à reunião o espírita P.-G. Leymarie com sua esposa; o romancista Eugene Nus; a maçom Maria Deraisme (representando sua loja maçônica mista); e ainda madame Fauvety. Todos lá estariam pagando reverências à Helena, que prometia colocar um fim naqueles bate-bocas, estabelecendo um acordo definitivo de paz frente ao racha que havia se constituído entre os espiriteosofistas.

Durante uma reunião "tranquila e séria de três horas", surgiram alguns tímidos acordos. Somente...

Os kardecistas exigiram dos teósofos "evidências científicas sem subterfúgios" sobre aquilo que defendiam das tais "verdades absolutas avançadas (...)"

E mesmo com a inusitada cantoria de algumas estrofes em sânscrito, da "forma maravilhosa" transmitida por alguns Espíritos Vedas ao brâmane Mohini, a pedido de Eugene Nus e com o consentimento de Blavatsky, os kardecistas decidiram "manter o seu livre arbítrio e o direito de julgar severamente quaisquer novas teorias usando a fé e razão simples", como dirá Leymarie, um ano depois na *Revue*. Leymarie afirmando isso?

A arrastada reunião terminaria seca por meio de um — cuidem-se — balbuciado às pressas por Leymarie...

Ao que tudo indica, Blavatsky pareceu sair da primeira e última reunião bastante derrotada, quiçá desiludida... ao escrever para um amigo chamdo Bilière, ela confessará que "cheirou no ar um pouco de animosidade", e isso pareceu ser para ela "uma epidemia entre os teosofistas de Paris (...)"

Madame Blavatsky tentará ainda, nos dias seguintes, realizar conciliações à frente de seus antagonistas; recebe-os no seu endereço provisório; tenta defender-se das histórias impossíveis que tecem sobre a sua personalidade exótica; esquiva-se com firmes argumentos

das difamações sistemáticas lançadas pelo Dr. Fortin... Tudo em vão!

Hora de desmontar a lona e debandar para o Oriente...

A partir daquela reunião (sem muito sucesso), madame Blavatsky, sua sociedade teosófica e o seu teosofismo não mais seriam aceitos pelos kardecistas franceses da forma como vinha acontecendo no passado...

A *Revista Espírita*, definitivamente, fechava suas largas colunas editoriais a qualquer teosofista de plantão...

Por fim, os *spirithéosophistes* Courmes e Leymarie deveriam sair de cena na mesma velocidade que entraram: num piscar de olhos!

E também já passava da hora daquela caravana de teosofistas sair de Paris, enxugar suas lágrimas e partir imediatamente do país...

P.-G. Leymarie, por sua vez, pode ter se despedido de sua amiga russa — velozmente — com um congelante *Prenez garde à vous! (Cuide-se!)*

H.P.B. e P.G.L. – a amizade que azedou

"Meu amigo Leymarie é fanático, e também kardecista (...) eu confio um pouco no Sr. Bilière, mas não no Sr. Leymarie (...)"

Este pequeno trecho, escrito por Blavatsky à D.A. Courmes, ficaria registrado numa correspondência sua, a de 17 de janeiro de 1882.

Aquela relação de amizade firmada dez anos atrás mostrava não ser a mesma, talvez por um único motivo: maledicência!

O amigão Leymarie, amor amigo de Helena Blavastky, tornou-se agora um ser irritante para seus olhos, já que o velho republicano de origem humilde passou a evitar as ideias teosóficas de Blavatsky, para empunhar ainda mais alto a bandeira kardecista.

Novamente, ela desabafaria à Courmes: "um verdadeiro lamento. Ele me acusa de traí-los, de trair os caros espíritas (...)"

E ao Sr. Biliére, ela dirá o seguinte, em certo tom de desespero: "Meu amigo Leymarie está muito enganado (...)"

A ruptura da amizade se dava supostamente pelo fato de Blavatsky não compreender ao certo porque o Comitê de leitura da

Revue passou a barrar todos os escritos teosóficos. Ela poderia ter perguntado a esmo: *Por que Leymarie não usou suas influências para evitar esse absurdo?*

Mas o motivo maior de Leymarie ter esfriado com Blavatsky (talvez) tenha sido o que ele e outros confrades passaram a ouvir dos teósofos indianos, naquele histórico encontro que acontecera em Asnières...

Para começar, em plena reunião, os franceses ficariam sabendo que as privações materiais exigidas pelo quartel-general de Adyar, aos aspirantes à Teosofia, eram tamanhas, impraticáveis ao homem francês, quiçá, absurdas...

Madame Blavatsky notou que o maçom Leymarie, além de permanecer ao lado dos kardecistas, respeitando os teosofistas, cobrara da comitiva mais provas científicas, a fim de se convencer de que estava mesmo no caminho certo frente à divulgação do teosofismo em sua Pátria.

Em uma nota de redação, um único artigo publicado na *Revista Espírita*, em dezembro de 1885, Leymarie tentará explicar aos seus leitores os motivos (também das privações materiais) que levaram os presentes naquela reunião de 1884 a congelarem relações francesas com os teósofos indianos:

> Depois de uma discussão seguida, tranquila e séria de três horas, as nossas exigências *muito precisas*, não obtiveram soluções, nem respostas; os nossos adversários nada concluíram, mostraram apenas argumentos sem critérios, já conhecidos da velha filosofia, e tudo isso sem *provas* científicas, sem fato *brutal* que pudesse confirmar suas teorias.
>
> Para compreendê-los teríamos que ter uma formação especial, vivendo apenas de legumes, se privando de vinhos, de líquidos fermentados, só bebendo água potável, dormindo em uma esteira, sermos castos, em uma palavra, eles matam o corpo para fortalecer o espírito.
>
> Nós acreditamos e respeitamos isso, e acreditamos ainda na boa-fé dos teosofistas presentes, mas observamos que foram incapazes de responder às

nossas perguntas (...)"

Privações materiais, fanatismos kardecistas, incapacidades dos teósofos de responder às perguntas dos adversários, vida vegetariana, ou seja, tudo isso pode ter colaborado para que aquela antiga amizade entre Blavatsky e Leymarie azedasse de vez, para desespero do comandante Courmes.

Ainda em seu artigo de 1885, Leymarie deixará escapar o quanto esteve desgostoso com Blavatsky e os demais teósofos, na ocasião da visita que fizeram em território francês:

> Queridos teosofistas que gastaram seu tempo nos denegrindo durante a estadia de seus mestres em Paris, assim como seus secretários, que fazem isso por conta própria... Vocês devoraram com gosto a nossa França e a Inglaterra; triste Madame Blavatsky e coronel Olcott, que *vieram para revolucionar o mundo intelectual europeu*, mas teria sido melhor vocês terem nos mostrado a lógica da Teosofia, sem complicações (...)

Abaixo, Leymarie se mostra como alguém que nunca fora teósofo, muito menos teosofista ardente, já que nos parece que o Kardecismo era suficiente para ele, que continuará pedindo respostas ao teosofismo de 1884:

> Vocês têm verdades superiores, absolutas, ditas por vocês; precisamos provar isso corretamente, de uma maneira científica, sem subterfúgios e pelo fato brutal; que chamamos isso especialmente de moderação e respeito por aqueles que não aceitam suas teorias.
>
> Vocês invalidaram a Doutrina Espírita que chamaram de enganosa e nebulosa! Provem para nós, com linguagem simples, se Allan Kardec, com sua compreensível lógica, não tem razão?
>
> É fácil amontoar palavras em si, para exigir uma formação especial, de alta iniciação, que só pode ser obtida, sucessivamente, e por meio de suas teorias filosóficas, muito respeitáveis, provavelmente, incluindo seus chefes de escolas que são impotentes para demonstrar-nos que os méritos aos homens, no papel de peritos: Eugene Nus, Charles Fauvety etc.

Essa irritação tão visível do conciliador Leymarie surgia

também por conta da discordância com sua "amiga" Helena sobre as causas dos fenômenos paranormais, frente à natureza e o papel dos Espíritos. Sobre esse tema, Leymarie não mais aceitará as explicações que partiam dos sábios hindus...

Em janeiro de 1886, em seu artigo na *Revue*, intitulado *Um olhar sobre as novas doutrinas*, o seu conhecido discurso teosofista, cordial e amoroso, havia se modificado da água para o vinho, como dirá diante dessa dura colocação:

> O Espiritismo não deixará o seu ideal aos milagrosos mahatmas; que fiquem eles esperando debaixo de seu elmo (...)

Essa "virada de casaca" causaria certo estranhamento geral no futuro, a começar pelo que disse um jornalista chamado Jean Bouvery, especialmente sobre as parcerias místicas dele com a Teosofia, isso em abril de 1901, num artigo chamado *Necrologia*, publicado três meses após o desencarne de P.-G. Leymarie:

> Senhor Leymarie manteve-se distante da intransigência de seu Kardecismo para se aproximar da Teosofia — o que certamente não foi um progresso, em minha opinião. Isso é marchar para uma velha religião dogmática galvanizada e escovada: o Budismo.

Já a *Enciclopédia Universal*, edição de 1990, compreenderá, no futuro, o esotérico Leymarie como um "zeloso propagador da Sociedade Teosófica"...

Em 1886, a *Revista Espírita* seria contatada pela *Sociètè Atmique de Paris*, para que essa publicasse um artigo bastante negativo sobre os teosofistas.

Sob o título bem sugestivo, eis o petardo em francês: *La Théosophie Bouddhique, c'est Le Nihilisme*; em tradução livre: *A Teosofia Budista é Niilista*.

Era o recado direto dos kardecistas franceses aos teosofistas indianos, incluindo Blavatsky e coronel Olcott, com suas sobras em Courmes, o velho D.A.C.

Novamente, o artigo seria precedido de uma nota explicativa sobre o "dever de honrar a verdade" para permitir que "os leitores sejam bons juízes diante da Teosofia".

Os membros da mesma *Sociètè Atmique de Paris* deixariam um (amargo) parágrafo final que, em verdade, refletia agora as mesmas opiniões de Leymarie, como as do Comitê de leitura da *Revue*.

> Mas por que querem colocar essa trágica e inestimável caricatura! Um Budismo em Paris?

Depois de 1886, ninguém mais ouviria falar de uma reaproximação — mesmo à distância — entre mãe Blavatsky e pai Leymarie.

Por que será que tudo azedaria entre velhos amigos?

Camille Flammarion e sua S.T.O.O

Em maio de 1884, o quartel-general em Adyar, na Índia, registrava a existência de 53 teósofos franceses inscritos em sua Sociedade Teosófica, lista essa que considerava os membros novos e velhos da Sociedade Científica de Estudos Psicológicos, os remanescentes da Sociedade Teosófica dos Espíritas Franceses, além daqueles da Sociedade Teosófica do Oriente e do Ocidente, fundada um ano antes na França, e que já possuía 27 membros.

O pesquisador e teósofo Charles Blech dirá que a Teosofia na França começou oficialmente com a fundação dessa Sociedade Teosófica do Oriente e do Ocidente, presidida pela Duquesa de Pomar, conhecida também como Lady Caithness.

Não seriam apenas espiritistas que se juntariam à S.T. de Blavatsky e Olcott. Sabe-se hoje que pensadores e cientistas eminentes se converteriam às ideias do teosofismo, como fora o caso de Thomas Edison, William Crookes, Mohandas Gandhi, Rudolf Steiner e até Albert Einstein, décadas mais tarde.

Segundo um historiador chamado Noël Richard-Nafarre, esse dirá que "Einstein provou que a matéria e a energia eram duas manifestações diferentes da mesma substância universal, como

reivindicado pelos escritos de Blavatsky, cujos textos, além disso, afirmavam a divisibilidade do átomo".

Surgira também, entre adeptos da Teosofia na década de 1880, o astrônomo francês Camille Flammarion, que ficaria muito conhecido no Movimento Espírita francês. Alguns diziam que ele havia se convertido à doutrina dos espíritos ainda em 1860, ao lado do casal Kardec; outros dizem que não, que ele fora mais teosofista que propriamente um espiritista.

No enterro de Allan Kardec, em 1869, após o discurso de Levent, o próximo a falar à beira de seu túmulo seria o mesmo jovem Flammarion — um amigo muito querido dos Kardec.

A Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, a antiga S.P.E.E., decidira convidá-lo para uma ligeira palestra à tumba do mestre Kardec. Inicialmente, o astrônomo se reportaria aos espíritas presentes com uma fala direcionada *"à natureza cientifica dos estudos espíritas e ao perigo do Espiritismo ser arrastado para o misticismo"*. Exatamente isso: "ser arrastado para o misticismo", como acontecerá décadas depois...

O seu discurso seria tão convincente, diante de sua eloquência e argumentação precisas que, dias depois, sob a alcunha da viúva Kardec, os membros convidariam Flammarion a suceder o mestre na presidência da Sociedade — o que ele recusaria de pronto:

> Eu recusei, dizendo que nove décimos dos seus discípulos continuariam a ver no Espiritismo, durante muito tempo ainda, uma religião mais do que uma ciência, e que a identidade dos Espíritos estava longe ainda de ser provada (...)

Mas essa recusa, diante do oferecimento de um cargo tão importante, pode ter também alguma relação com as dúvidas que Flammarion ainda mantinha, especialmente sobre um método de comunicação especial, que os espíritas mantinham diante dos mortos — método esse que os espiritistas da S.P.E.E. utilizavam (fielmente) desde a década de 1850, por influência amorosa de Allan Kardec: a

psicografia.

Flammarion suspeitava que as comunicações psicográficas não traduzissem condignamente as influências extrafísicas. Tratavam-se, puramente, de reflexos cerebrais excitados, produzidos pelos próprios medianeiros. Em uma palavra: para o astrônomo — cria fiel do método experimental cientifico — a psicografia dava margem à autossugestão, o que não acontecia, por exemplo, com os médiuns mecânicos, esses sim, ma exceção no ponto de vista de Camille Flammarion...

Outra questão que ainda mantinha o futuro autor de *A pluralidade dos mundos habitados* cético e distante dos espíritas parisienses era um experiência decepcionante que teve em certa ocasião que acompanhou uma das sessões de estudo na S.P.E.E., tendo o respeitável mestre Kardec à frente.

A presença do astrônomo Flammarion teria motivado a vinda de outro astrônomo — o Espírito Galileu Galilei. O pai da revolução científica do século 17 deixaria uma inusitada mensagem, sob o título *Uranografia Geral*. Kardec, empolgadíssimo com a presença de ilustre personalidade astral, a publicaria em seu livro *A Gênese*, fazendo questão de enviar, posteriormente à Flammarion, uma cópia autografada dessa obra, para que ele nunca mais se esquecesse daquela experiência de ter testemunhado o nascimento de tão preciosa mensagem de teor astronômico, a do insigne Espírito Galileu Galilei.

Todavia, em seu livro de 1907, *As forças naturais incomuns*, Flammarion deixará um depoimento (azedo) sobre este texto do suposto Espírito Galileu:

> Estas páginas astronômicas nada me ensinaram...
>
> Eu estava prestes a concluir que elas repetiam o que eu já sabia, e que o Espírito Galileu não tinha nada mais interessante para se fazer... Esta mensagem, certamente, foi uma espécie de *sonho acordado* (...)

Mas ao contrário da extinta e informal Sociedade Teosófica dos Espíritas Franceses, a atual Sociedade Teosófica do Oriente e do Ocidente surge constituída no formato de uma organização oficial, com estatuto e presidente.

No Boletim de julho de 1883, da Sociedade Científica de Estudos Psicológicos, o filosofo Charles Fauvety dirá que "uma filial da Sociedade Teosófica fora constituída em Paris, que será algo mais do que aquela filial que existiu há alguns anos atrás (...)

Dizendo que "será algo mais", porque muitas novas características são esperadas para tomar parte nela, e estes elementos serão trazidos, tanto da aristocracia do talento, como do nome e da fortuna. Duquesa de Pomar, "uma grande senhora", será a chefe da Sociedade (...)"

Por fim, acredita-se que a adesão de Flammarion à S.T.O.O. deu-se pouco tempo antes de sua visita à Nice, em março de 1884, ocasião em que uma noite havia sido dedicada a ele, ao lado de Blavatsky e de Lady Caithness, nas suas três palestras realizadas no *théâtre Saint-Michel*.

A mulher dos cabelos de prata

Em 1888, Madame Blavatsky publicará *A doutrina secreta*, *Síntese da ciência, religião e filosofia* — importante obra da literatura teosofista — que ajudará a converter muitos materialistas em teosofistas.

De acordo com as informações contidas na excelente *Enciclopédia do Sobrenatural*, editada por Richard Cavendish, os dois volumes d'*A Doutrina Secreta* de Helena Blavatsky, escritos no formato de coletânea de pensamentos científicos, filosóficos e religiosos, é também "ligeiramente menos confusa que *Ísis sem véu*, já que a autora, em grande parte, contou com a ajuda competente de Bertram Keightley, Richard Harte e G.R.S. Mead (...)"

Eis que no dia 10 de maio de 1889, uma mulher materialista de 48 anos de idade chamada Annie Wood Besant, se converteria à Teosofia. Rapidamente, Madame Besant se tornará celebridade no final do século 19, reconhecida por sua agitação ideológica em favor da reforma social e do controle da natalidade.

Imprimindo um caráter progressista ao teosofismo, Besant (que do materialismo havia saltado para o ateísmo; e do Socialismo se converteu à Teosofia) demonstrou grande capacidade de equilibrar o

aspecto ocultista blavatsquiano da S.T. com os ideais do coronel Olcott, preocupado com a educação e a tradução de textos orientais.

Dedicando boa parte de sua longa vida de 85 anos de idade à Teosofia e às causas humanitárias e sociais, Madame Besant, como socialista e maçom do 33°, participaria ativamente do desenvolvimento social e educacional de centenas de mulheres e crianças inglesas e hindus, além de integrar, em 1930, ao lado de Mahatma Gandhi, a histórica "Marcha do Sal" para a independência da Índia.

De acordo com trechos de um livro raro de 1918, chamado *Annie Besant, presidente de La Sociètè Théosophique: um abrégé de sa vie (Annie Besant, presidente da Sociedade Teosófica: um resumo de sua vida)*, do autor Aimée Blech, Madame Besant chegou a morar com Blavatsky e outros discípulos em Londres, à *avenue Road* — endereço esse que se tornaria a filial da Sociedade Teosófica da Inglaterra, onde ela passaria a compartilhar uma (dura) vida teosófica em grupo, numa espécie de falange.

Diz ainda a biografia de Blech que esses foram dias dificílimos para Besant, já que Blavatsky cerceava com mãos de ferro a rotina de seus discípulos ingleses, impondo-lhes rigorosas regras que incluíam, dentre outros regimes, uma vida diária repleta de penitencias e sacrifícios: início das atividades espirituais ás cinco da manhã, para qualquer estação do ano; para os estudos transcendentais, os iniciados de Madame Blavatsky, incluindo Besant, deveriam se reunir pontualmente numa sala fria destinada às longas meditações e ao desenvolvimento das faculdades internas.

Completamente subjulgada por Blavatsky, Annie Besant e o seu grupo viveram muitos anos de provações sob as ordens da fundadora maior do teosofismo.

Após a morte de Helena, em maio de 1891, Besant passou a trabalhar diretamente com o coronel Olcott, que a deixaria responsável pela divulgação da Teosofia no mundo.

Para isso, ela deveria viajar por Londres, Estados Unidos, Itália e também por Paris, sempre divulgando a palavra teosófica por meio de concorridas conferências, algumas realizadas três vezes num único dia.

Ao que se sabe, A.W.B. fora uma oradora eloquente, às vezes dramática, sustentando sua audiência sob o poderoso magnetismo de seus olhos, e sob o feitiço de suas palavras.

Ao lado de Olcott, Besant viveu um regime de muita criatividade, de meditação, de pesquisas ocultas e de trabalho interior. Sob sua alcunha, ela publicaria muitas obras teosóficas, e já havia escrito várias delas na época de sua provação londrina, ao lado da exigente chefe Helena Blavatsky.

Antes da virada do século, a comunidade teosofista seria convidada a participar do *Premier Congrès Spirite et Spiritualiste International de 1889 (Primeiro Congresso Espírita e Espiritualista de 1889)*, cuja organização ficou a cargo de P.-G. Leymarie, que se ofereceu para fazer parte da comissão organizadora, a fim de tentar espargir as ideias contraditórias que persistiam entre teosofistas e espiritistas, isso, desde o histórico encontro de 1884.

A abertura desse mega evento se daria no salão de festas da principal Loja Maçônica de Paris: o *Grande Oriente da França*. E a *Revista Espírita*, edição de 15 de maio de 1889, traria estampada em sua capa o anúncio de que esse congresso seria realizado em Paris, de 9 a 15 de setembro daquele mesmo ano.

Ainda segundo a *Revista*, só na França, deveriam comparecer mais de 50 representantes de cidades como Lyon, Bordeaux, Tours, Marselha e Toulouse, além da presença de mais de uma dezena de países.

Para termos uma noção precisa das pretensões desse Congresso, sua ideia central era promover a união universal de todas as escolas filosóficas religiosas à época, por meio de uma aliança

internacional que se firmaria a partir daquele encontro.

Esse grandioso evento recebera em torno de 40 mil pessoas, que estiveram à frente de 80 delegados representando mais de 34 grupos espíritas e espiritualistas (swedenborguianos, filósofos, magnetistas, cabalistas, budistas, maçons, teosofistas, teofilantropistas), além de outros defensores da teoria psíquica geral.

Ainda nesse Congresso seria instituído um Comitê de Propaganda só para organizar e divulgar a crescente e infinita demanda de novos congressos. Todos esses encontros, que perduraram por uma semana, foram devidamente documentados e vendidos depois no formato de extensas brochuras, sempre sob o pretexto da "divulgação do Espiritismo".

Curioso observar que quem presidiu a conferência de Annie Besant fora o próprio Léon Denis, ao lado de Paul Gillard, que "eloquentemente ouviram o seu discurso teosófico fora muito aplaudido", segundo afirmaria o jornal *Echos du Monde Théosophique*.

O mesmo periódico dirá ainda que a magnética Besant conduziu também os trabalhos do Congresso Vegetariano, sobre os vários aspectos do Vegetarianismo, considerando o seu viés cientifico, econômico e moral. Um dos membros dos trabalhos explanou os pontos de vistas teosóficos sobre o vegetarianismo explicado por Annie Besant, e ambos foram em seguida muito aplaudidos.

Annie Besant sempre se voltou à Índia, ao seu povo, cultura e filosofia. Por meio de suas longas estadias em Varanasi, ela estabelecera íntimos contatos com brâmanes educados nas ciências sagradas.

Em 1903, A.W.B. se mudaria definitivamente para o quartel-general da Sociedade Teosófica, em Adyar. A exótica residência teosófica representa uma verdadeira construção hindu, tendo ao seu redor um vasto parque rodeado por límpidas águas.

No Oriente, ela construiria um imponente colégio hindu, o

Central Hindu College, onde mestres teosofistas, hindus e europeus educariam, à época, mais de 1.200 alunos em poucos anos.

Em 1908, surgiria uma grande oportunidade para a corajosa A.W.B. Ela seria eleita presidente internacional da Sociedade Teosófica, posição que ocuparia até o seu desencarne, ocorrido em 1933.

Mas o que faria ocupar o cargo mais importante da Sociedade Teosófica?

A resposta para isso está na repentina morte do coronel Olcott, em 1907, que supostamente indicou Besant como a sua sucessora direta. Diz a lenda que Madame Blavatsky também havia deixado, por escrito, que Besant deveria ser a sucessora primeira de Olcott à presidência da S.T., após a morte do velho coronel.

E boatos alardeavam que uma intervenção oculta superior também apontou A.W.B. como a dirigente maior dos destinos da Teosofia no mundo. E esses comentários surgiram muito antes da morte do coronel Olcott...

Mas essas supostas indicações, provindas de Olcott, de Blavatsky ou dos Espíritos Mahatmas, não seriam aceitas com paz e tranquilidade por alguns teósofo do alto escalão de Adyar... Ambiçoes hostis também existiam no quartel-general teosofista.

O resultado das votações que colocaria Besant no topo do teosofismo mundial geraram acaloradas discussões e dúvidas, seguidas por uma grande crise reverberada por inimizades, invejas e rivalidade antigas.

Nessa época conturbada, partidarismos seriam criados e desfeitos; amizades floresceriam por um tempo para serem substituídas por outras; ídolos teosóficos que estavam no alto de um pedestal seriam pixados pela fofoca e maledicência; e os teósofos adoradores do passado tornar-se-iam acusadores de qualquer tipo de admiração fanática ou atração magnética por algum dirigente.

Fora nesse meio (ameaçador) que Madame Besant tornar-se-ia a segunda presidente eleita da S.T., mesmo com dez adversário contrários ao resultado das eleições.

Como visto, os tempos eram outros depois das mortes dos fundadores Olcott e Blavatsky...

Segundo conta na mesma obra de Aimée Blech, Madame A.W.B. "era grande demais para se ofender com questões puramente pessoais, já que não guardava rancor de ninguém". O autor relatará ainda um dado curioso sobre essas qualidades pessoais de Besant:

> Na Aydar de 1912, durante um julgamento de A. Besant à frente de um hindu de que ela havia legalmente adotado duas crianças, esse pai mudou de ideia e as quis de volta, e um dos nossos membros de Paris, esse sentado ao seu lado, viu sair muita piedade do olhar fixo de Besant em direção ao pai hindu que a processava (...)

Ainda nesta rara biografia, relatará Aimée Blech que a Sociedade Teosófica nunca foi tão bem-sucedida na gestão presidencial de Annie Besant. Novas filiais foram erguidas e diversas outras atividades sociais se multiplicaram pelo mundo.

A presidente, incansável, viajava para todas as partes irradiando a palavra Teosófica no arrebatamento de corações e mentes. Dirá novamente o biógrafo Blech:

> Esta mulher, sob a profunda e penetrante aura de seus cabelos de prata, sempre vestida de branco quando falava em público, deixava uma impressão inesquecível em seus interlocutores. Ela parecia ler os pensamentos de seus ouvintes; muitas vezes respondendo mentalmente a uma objeção que esses pretendiam fazer da plateia. E havia tanta sinceridade e autoridade em suas nobres palavras, sempre respeitadas, mesmo por céticos que a ouviam atentamente (...)

No entanto, seria na França que a sua respeitável autoridade espiritual se sobressairá. Ela falava francês com facilidade, sempre encontrando a expressão certa, às vezes por meio de simbologias e analogias impecáveis. Novamente, o biógrafo Aimée Blech deixará

outra boa lembrança da dirigente maior dos teosofistas no século 20:

> Nós nunca nos esqueceremos daquela noite memorável quando ela falou de Giordano Bruno na Sorbonne, diante de uma plateia de quatro a cinco mil pessoas. Isso foi no dia 15 de junho de 1911.
>
> Quando ela entrou no recinto, a sala inteira ficou de PE, como se movida por um impulso irresistível de simpatia e respeito.
>
> Durante a conferência, o silêncio foi perfeito e a sua preleção foi saudada com calorosos aplausos.
>
> Essas foram as atais influências que a nobre mulher exerceu sobre aquela multidão, introduzindo o seu magnetismo, sua sinceridade e convicção por meio de sua força espiritual de respeito...

Em 1913, Annie Besant enfrentaria uma das suas maiores crises dentro da Sociedade Teosófica, isso, um ano e meio antes de estourar a Primeira Guerra Mundial...

A crise se daria por conta de uma cisão inquietante que surgira entre os membros de uma filial teosófica alemã, liderada pelo seu secretário-geral Rudolf Steiner.

Os teosofistas alemães desejavam se separar (em massa) da Sociedade-mãe de Besant para constituírem a Sociedade Antroposófica liderada por Steiner — que se tornaria uma personalidade intelectual de destaque, conquistando algumas faculdades ocultas que o impunham respeito por onde passava.

Todavia, os discípulos mais próximos de Annie Besant, indignados com as novas ideias do genial Steiner, rapidamente o consideraram um usurpador, e chegaram mesmo a acreditar que ele desejava, com a sua cisão alemã à distância, substituir (sorrateiramente) a líder espiritual da Sociedade Teosófica.

Assim, entre incertezas e ameaças imagináveis, o quartel-general da S.T., em Adyar, decidiu agilizar a ruptura com o antroposófico Steiner, sob o consentimento e pesar de Annie Besant.

Diante dessa importante dissolução, Besant manteve uma

atitude muito elevada e de extrema tolerância para com Steiner. Seguindo sua habitual regra de conduta, Besant reconheceu nele um espírito altamente intelectual, criativo, de uma cultura filosófica rara, recomendando continuamente tolerância e paciência a seus discípulos, que, por conseguinte, ficaram bastante chateados com as ações steinelistas vindas da despedaçada filial alemã.

Em 28 de julho de 1914, a Primeira Guerra Mundial bateu à porta de Annie Besant... E a sua resposta contra esse grande mal europeu veio carregada de luz e amor, nos seguintes termos:

> Quanto a nós, que somos os agentes da Grande Fraternidade Branca — essa que olha para o amor com virtude suprema; que procura fazer parte da futura era da fraternidade e da cooperação, nós não podemos fazer melhor do que seguirmos esses guardiões da humanidade, trabalhando ao lado deles para o triunfo dos aliados que representam o direito contra a força. Dessa forma, a humanidade estará salva da selvageria (...)

Afinal, o que é a Teosofia?

Em junho de 1859, por meio da brochura *O que é o Espiritismo*, Allan Kardec definiu que "o Espiritismo é, ao mesmo tempo, uma ciência de observação e uma doutrina filosófica".

O mestre Kardec dirá ainda nesse opúsculo que "como ciência prática, envolve as revelações entre nós e os Espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que emanam dessas relações".

Em contrapartida, numa reunião da Sociedade Teosófica, realizada ainda na América, em 30 de março de 1877, o seu Comitê de organização definiu que "a Sociedade Teosófica tem sido desde a sua fundação uma organização secreta", e que "qualquer revelação do que está acontecendo, feita sem a permissão direta deve ser considerado um ato desonroso (...)"

Ou seja, pelo que se compreende da Teosofia do século 19 (grosso modo), é que ela se conservou de alguma forma oculta, escondida, algo que não ficou aparente; colocada de maneira que não fosse visto; que se ocultou; que e dissimulou; nasceu íntima, particular; que se limitou a um conhecimento reservado a poucos (só aos iniciados?) em virtude do mistério que a envolve.

Como se sabe, essa postura (secreta) é completamente oposta ao sentido do Espiritismo como Terceira Revelação — a do *evangelho redivivo de Jesus*.

Todavia, acreditamos que o respeito à Teosofia (do passado e a do presente), assim como às escolas esotéricas e aos teosofistas sinceros, deve ser mantido por nós kardecistas em qualquer espaço ou tempo...

Em janeiro de 1881, seis anos após a fundação da Teosofia nos Estados Unidos, Madame Blavatsky endereçará, aos leitores da *Revue*, o seu artigo: *Qu'est-ce que La Théosophie? (O que é a Teosofia).*

Sucintamente, dirá ela que "a Teosofia é a antiga religião da sabedoria, a doutrina esotérica uma vez revelada, agora obscurecida. A ideia principal é que a Teosofia parte de um Ser Supremo, desconhecido e insondável (...)"

Assim, enquanto Kardec diz que o Espiritismo "como ciência prática, envolve as relações entre nós e os Espíritos", e "como filosofia, compreende todas as consequências morais que emanam dessas relações"; Blavatsky explicará que a sua Teosofia "parte de um Ser Supremo, desconhecido e insondável".

Quem seria exatamente esse Ser supremo? Os Elementares? Deus?

No século 20, vários dicionários religiosos tentarão definir a (secreta) Teosofia aos pobres mortais do mundo. Vejamos a seguir algumas tentativas:

Em 1928, o *Dictionnaire d'apologétique de La foi catholique* dirá que a Teosofia é uma "forma de espiritualidade panteísta, com base num caráter de ensino religioso filosófico com práticas sincréticas e ocultas do tipo espíritas"

Em 1946, o *Dictionnaire de théologie catholique* definirá a Teosofia como "todas as verdades que constituem as bases para todas

as religiões. De acordo com a Sociedade Teosófica, é o 'reavivamento de erros gnósticos, com base em uma alegada tradição esotérica'."

Os *Thesaurus de l'Encyclopédia Universalis*, edição de 1975, explicará que "surgiu uma certa confusão, a partir de 1875, quando Madame Blavatsky fundou a Sociedade Teosófica, porque aquela era uma configuração diferente. Infelizmente, muitas vezes, é nesta Sociedade que se pensa hoje quando alguém pronuncia a palavra Teosofia".

No *Dictionnaire des religions*, ediçao de 1984, há um alerta aos leitores de que "a busca divina pode ser feita sem qualquer dogma de qualquer ortodoxia, tanto a filosófica como a religiosa. A Teosofia usa uma interpretação das coisas na alegação da tradição esotérica, assim, reservado aos iniciados, mas que pode ser determinado por experiência pessoal. A Teosofia Oriental, que nasceu dessa corrente Ocidental e reencontrou-se com a do Ocidente (Sociedade Teosófica), descrita como 'teosofismo' por René Guénon, esse é a-religoso ou até mesmo antirreligoso".

O *Dictionnaire de spiritualité ascétique et mystique*, edição de 1991, é enfático em afirmar que "não há nenhuma doutrina teosófica; o que há é uma atitude do espírito e de uma forma de busca. Especificamente o que a Teosofia fala: da Teosofia judaico-cristã; da Cabala judaica; da tradição xiita; das obras escritas por Blavatsky; e do conhecimento esotérico de Deus".

Já o *Dictionnaire critique de l'ésotérisme*, de 1988, deixa ainda mais subjetivo o conceito teosófico, dizendo que a "Teosofia não é uma doutrina, mas uma atitude de espírito e uma forma específica de busca".

Para o Dicionário Houaiss, edição brasileira de 2009, a Teosofia significa um "conjunto de doutrinas religiosas de caráter sincrético, místico e iniciático, acrescidas eventualmente de reflexões filosóficas, que buscam o conhecimento da divindade para alcançar a elevação espiritual".

Ainda em uma das edições de 1882, do *Boletim da Sociedade Científica do Espiritismo*, comandado por Leymarie e amigos, há outro artigo intitulado *Qu'est-ce la Théosophie? (O que é a Teosofia?)*, que traz a sua explicação por meio de 15 conceitos, fornecidos, desta vez, por uma autoridade espiritual, um Paramahansa do Himalaia — ser esse que para os teósofos pertence a mais alta ordem de San Yayis. O que seria San Yayis? Quem saberá!

Eis as definições do santo homem:

1. Teosofia é aquele ramo da perfeição humana que podemos fazer contato com a causa eterna da natureza invisível, onde a natureza física é apenas uma quimera;
2. Teosofia é a ciência que nos leva da animalidade à divindade;
3. Teosofia é aquele ramo da filosofia humana que, em teoria, nos ensina o que há em nós, além da inteligência e da personalidade individual (ego);
4. Teosofia é o ramo da química que nos permite gerar a nossa imortalidade;
5. Teosofia é aquele ramo da pintura de nós mesmos, que o tempo não pode apagar;
6. Teosofia é aquele ramo da agricultura que podemos guardar as sementes, sem levantar uma árvore;
7. Teosofia é aquele ramo da ótica, que amplia o alcance da nossa visão e nos faz ver além do físico;
8. Teosofia é aquele ramo da cirurgia humana entre a natureza física e a natureza moral;
9. Teosofia é aquele ramo da arquitetura que nos mostra o universo em um ovo;
10. Teosofia é aquele ramo da música que harmoniza a natureza física do espírito;
11. Teosofia é aquele ramo da arte da jardinagem que nos ensina a tirar os galhos das árvores que apodreceram;

12. Teosofia é aquele ramo das artes de cura, que nos ensina como a natureza é purificada por meio das causas e efeitos;
13. Teosofia é aquele ramo da arte da engenharia que preenche o abismo que separa a vida da morte;
14. Teosofia é a arte militar nos ensinando a domar o tempo e a morte — os dois inimigos mais poderosos do homem;
15. Teosofia é um poder capaz de colocar-nos a saborear a doçura requintada, contida em nosso próprio eu.

Mesmo sabendo, pelos vários dicionários que a Teosofia vem do grego *Theos*: Deus ou Divino; e *Sophia*: a sabedoria, a ciência, o conhecimento, vários lexicógrafos do século 20 são categóricos em afirmar que o termo *teosofia* pode ser facilmente confundido, e que é difícil definir a sua direção exata, já que este conceito escapa dos contornos nítidos do aristotelismo formal.

Assim, os mesmos afirmam que cada teósofo poderá ressignificar o seu próprio conceito sobre a Teosofia, interiorizando-a da forma que achar conveniente.

Por fim, o ex-presidente da Sociedade Teosófica internacional, Sr. Nilakantas Sri Ram, deixará a sua contribuição no sentido de tentar significar a Teosofia:

"A palavra 'teosofia' não se encontra definida na constituição da Sociedade Teosófica, nem em qualquer outro documento oficial da mesma. É evidente que com isso procurou-se fazer com que cada um de nós busque por si mesmo seu significado e sua natureza (...)".

Podemos assim descobrir o que é Teosofia tomando em consideração esses pensamentos e escritos vindos de um passado remoto, estudando o que chamamos a moderna literatura teosófica e também acrescentar nossas próprias investigações e meditações. Na própria palavra existe uma indicação para orientar essa busca. Ela pode ser traduzida como sabedoria divina. Algumas pessoas preferem chamá-la de "Sabedoria Espiritual"; porém, então, é necessário decidir

o que se entendo por sabedoria e por espiritual...

O que é o teosofismo, afinal?!

Propagação do Teosofismo na França

Indiscutivelmente, a *Revista Espírita* deixava um legado incalculável ao misticismo de fim de século: a propagação da teosofia em toda a França...

Como visto, de 1876 a 1884, o teosofismo atingiu o seu auge de divulgações ininterruptas em território francês, especialmente por meio do antigo periódico de Allan Kardec.

Após esse período, com aquele bloqueio das colunas editoriais na *Revue*, os teosofistas tiveram que encontrar novas maneiras de propagar suas ideias entre os franceses.

Pesquisadores estrangeiros, como é o caso de Charles Blech e Joscelyn Godwin, acreditam que o movimento teosófico efetivamente começou na França após aquela histórica passagem da comitiva de Blavatsky, na Paris de 1884, que teria servido também para tentar assentar a paz entre teosofistas e espiritistas.

Em verdade, a dupla de pesquisadores acredita que essa visita estratégica se daria para estudar, programar e impulsionar o desenvolvimento de novas filiais a serem instaladas em Paris, como também nas províncias, depois do retorno da comitiva à Índia. A prova disso se confirmaria 16 anos depois...

Em 1900, a S.T. já contava com quatro importantes filiais teosóficas em Paris: *le Sentier (o Caminho)*, dirigida por P. Tourniel; l*e Disciple (o Discípulo)*, sob responsabilidade de Paul Gillard; e *le Lotus*, comandada pelo ex-oficial da marinha, o nosso vovô D.A.Courmes.

Pouco tempo depois, surgiria ainda a filial *l'Essor*, sob a liderança de Aimée Blech, que se encarregou de divulgar pessoalmente as ideias teosóficas na França, percorrendo longos caminhos até as filias das províncias, a fim de orientá-las e subsidiá-las.

Mas um relatório elaborado em 1908 aponta que já havia 24 filiais da S.T. na França, seis delas somente em Paris, onde todas permaneciam subordinadas à seção europeia, em Londres, que congregava todas as filiais teosóficas da Europa.

Em 1914, em plena Primeira Guerra Mundial, a somatória das filiais teosóficas em terras francesas já chegava a 49, sendo nove instaladas em Paris.

Em verdade, o Movimento Teosofista fora lentamente desenvolvido na França, em comparação com outras nações europeias, que formaram mais rapidamente as suas filiais. Portanto, pode-se dizer que o teosofismo, além de ter desembarcado suas filiais muito tarde em solo francês, encontrou-se por diversas vezes "defasado" entre os iniciados franceses, também por conta da falta de traduções, para o francês, de sua literatura teosofista, assim como pela enorme distância que havia entre as filiais teosóficas de Paris e a Sociedade-mãe na Índia.

Certa feita, coronel Henry Stell Olcott dirá em um de seus retornos de inauguração de uma filial francesa, e também durante a Convenção Anual de Adyar, que "a França fora o túmulo das filiais teosóficas; que hoje, um novo zelo se revela".

Especificamente sobre a expressão"zelo", Olcott se refere aos infindáveis episódios amargos com os kardecistas franceses

(ocorridos de 1878 a 1884), que a cada ano negavam a Teosofia de Blavatsky como complemento do Espiritismo de Kardec.

E essa lentidão na formação das filiais francesas também pode ser justificada pelas suas curtas vidas. O primeiro exemplo vem d'A Sociedade Teosófica do Oriente e do Ocidente, que teria existência efêmera (de 1883 a 1885).

Outra filial chamada Ísis, criada em 1887, seria desfeita em favor da Hermès, que apareceu em 1888, para se dissolver em 1890, substituída pela então *Le Lotus*...

Essa última, em especial, se manteria viva até 1899, reforçada por sete filiais; depois *Le Lotus* perduraria por mais 14 anos, expandindo o Movimento Teosófico para mais 33 filiais em todo o território francês.

Eis que em 1913, o teosofismo teria a sua maior representação arquitetônica em paragens francesas: uma espécie de "quartel-general" da Sociedade Teosófica em Paris seria erguida por meio de um ostentoso prédio com janelas em arcos inspirados no Oriente, além dos mosaicos coloridos na fachada, que substituíam o estilo clássico habitual...

A mega sede teosófica francesa (localizada à *Square Rapp*, próxima à Torre Eiffel) surgiu na primeira década do século 20, com a pretensão de abrigar uma sala de conferências que acomodasse ate 800 teosofistas ávidos pelos aprendizados místicos. E até os dias de hoje, esse mesmo prédio ostenta em sua larga fachada, os seguintes dizeres: *Société Théosophique de France*.

Enquanto a Teosofia ascendia com força no confuso século 20 que se iniciava, o Espiritismo francês decaia de cabeça para se extinguir de vez no mar secreto das correntes místicas e esotéricas...

Ao contrário do ascendente quartel-general da *Société Théosophique de France*, a memorável residência dos Kardec, na *Villa Ségur*, já havia caído nas mãos (milionárias) de supostos herdeiros —

desconhecidos — que lutavam há décadas na justiça contra o "herdeiro Leymarie", tudo pelo patrimônio que reivindicavam direito.

E com a extinção da *Sociedade da Livraria Espírita* fundada pelo senhor e Sra. Allan Kardec, Leymarie fundou a sua própria lojinha, a *Librairie Leymarie Edite-URS*, onde continuaria a publicar as obras de Allan Kardec em vários idiomas, sempre ao lado das edições não espíritas.

A antiga e conceituada *Revista Espírita*, edição de janeiro de 1897, persistia com o enigmático subtítulo *Jornal de Estudos Psicológicos e Espiritualismo Experimental* que, apesar de estar para completar 40 anos com edições ininterruptas, denunciava um editorial muito mais eclético do que o da década anterior.

Em sua atual "tabela de matérias", numa nota sobre mudança de endereço, Leymarie não ocultará o seu posicionamento editorial: "Nossa livraria, como no passado, é responsável pelo fornecimento de todos os volumes que tratam do Espiritismo, ciências psíquicas, Espiritualismo, Magnetismo, Ocultismo, Teosofia etc."

E toda a coleção completa da famosa *La Revue Spirite*, com suas dezenas de volumes (de 1858 a 1895), podia ser adquirida na nova livraria esotérica de Leymarie pela bagatela de 150 francos.

Agora, com nova sede na *rue Saint-Jacques*, n° 42, o escritório da *Revista* se manteria nesse endereço até a fundação da histórica *Maison des Spirite*, do milionário Jean Meyer, empreendimento esse que seria inaugurado só em 1923, onde Meyer assumiria a continuidade das publicações da *Revista Espírita*.

E por incrível que pareça, essa mesma *Librairie Leymarie* existe até os dias de hoje no mesmo endereço, na *rue Saint-jacques*, n° 42, onde lá se pode notar uma pequena loja rebatizada como o letreiro *Librairie et Editions Leymarie*, havendo ainda, acima de sua fachada, outra enigmática placa menor trazendo os inacreditáveis dizeres (em verde e amarelo): *Occultisme Leymarie*.

É interessante notar que no próprio site dessa Livraria há uma explicação sobre como esta Loja de livros divide o expediente entre "vendas de obras ocultistas e psíquicas" e "literatura de cartas para uma consulta sem compromisso (...)". É fato: comércio livre de tarô e cartomancia!

O teosofista, maçom e roustainguiano Leymarie é recordado na França atual muito mais como um ocultista do que como um espiritista. Não bastou ele ter vivido com os Kardec e absorvido toda a singeleza doutrinária da Filosofia Espírita...

O que ficou do père Leymarie, e de seu eclético histórico permeado de influências esotéricas, fora a imagem de um místico, muito distante da simplicidade espírita que se conhece e que se deve praticar. Não é à toa que, atualmente, os europeus enxergam o Kardecismo francês como uma pseudorreligião...

Tudo leva a crer que, no dia 15 de novembro de 1897, *père Leymarie* — o velho leão republicano, o septuagenário teosofista de todas as decúrias e centúrias, sóis e estrelas — concederia gratuitamente à Federação Espírita Brasileira o direito de publicar em português todas as obras de Allan Kardec. Todavia, a autorização veio com o expresso pedido aos febianos cariocas de manter fidelidade aos originais do *mestre*.

Diz a lenda que Leymarie pode ainda ter enviado para os cofres dessa mesma FEB de 1897 algumas relíquias do casal Kardec, talvez aquelas mesmas que alguém conseguira salvar do "auto-de-fé de 1883", ocorrido na residência da *Villa Ségur* dias depois do desencarne da viúva Kardec, e relatado minuciosamente por viúva Fropo em sua brochura *Muita Luz*:

> Mas o que me fez tremer de indignação, foi assistir a um verdadeiro auto-de-fé. Senhor Vautier caminhava no jardim entre pilhas de papeis e cartas. Quantas comunicações interessantes, quantas anotações deixadas pelo mestre, tudo foi destruído (...)

Assim, para apagar qualquer incêndio ou pisoteadas do passado,

entraria em cena a doce figura de Dr. Bezerra de Menezes — o médico dos pobres —, que seria o responsável por essas importantes captações de doações francesas providas de Leymarie...

Acredita-se que, dessa maneira, entre abolicionistas e republicanos roustainguianos de ambos os países, tenha se iniciado o processo de transferência das tarefas de continuação da Filosofia Espírita em terras brasileiras — muito longe do ocultismo que se avolumava irreversivelmente pelas terras tricolores da França...

Artigos na Revue sobre a Teosofia (de 1876-1889)

— 40 artigos sobre a Teosofia, dos quais 24 trouxeram a assinatura de teosofistas;
— 9 artigos contestando as ideias teosóficas;
— 1 sobre a oposição do Conselho Editorial da *Revista Espírita* sobre publicar qualquer artigo que aborde a Teosofia.

No Boletim da Sociedade Científica de Estudos Psicológicos e na *Revista Espírita* (entre 1882 e 1883)

— 9 artigos sobre Teosofia;
— 7 artigos contestando as ideias teosóficas;
— 1 com polêmicas;
— 5 artigos trocados entre Helena Blavatsky e Mr. Tremeschini;
— 1 sobre o "mal-entendido" de Charles Fauvety.

1876

Agosto

Un écart du spiritisme en Amérique. D.A.C. (Dominique Albert Courmes)
Objections aux idées d'Olcott, p. 252.

1877

Maio

Sociètè Théosophique de New York -- Le comité de la société Théosophique, p. 157.

1878

Janeiro

Coup d'oeil rétrospectif sur l'année 1877 - La Rédaction Isis unveiled. H.P.B. (Helena Pretovna Blavatsky), p. 4.

Fevereiro

Une Rectification. D.A.C.
Révision du jugement de février 1876, p. 25.

Abril

Idées Théosophiques - artigos de H.S.O. (Henry Steel Olcott)
Fragments. H.P.B., p. 121-134.
Réflexions au sujet des idées Théosophiques. D.A.C., p. 134-137.

Junho

Les Théosophes; Madame Blavatsky. E.F., p. 214.

Julho

Les Théosophes... (continuação), p. 252.

Agosto

Les Elémentaires et les Elementals. E. Rossi de Giustiniani, p. 289
Objections aux idées théosophiques

Setembro

Le spiritualisme en Amérique. E. de Kislingbury
Traduit du Spiritualist. H.P.B. e H.S.O., p. 345
A propos du dégagement de l'Ame. Guérin, p. 355
D'aprés les théosophes

Outrubro

La véritable Mme Blavatsky - H.P.B.
Réponse aux articles de juin Juillet, p. 377
Objections aux principes des théosophes. Baron de Fengnagell Pekalongan (ile de Java) P. 388

1879

Janeiro

Coup d'oeil rétrospectif sur l'année 1878 - La Rédaction. H.P.B. et H.S.O. estimes, p. 1
Idées incorrectes sur les doctrines théosophiques. H.P.B., p. 32-39
Réponse à E. Rossi de Giustiniani

Junho

Dernières réflexions d'un Oriental à Mme. H.P. Blavatsky. E. Rossi de Giustiniani, p. 223-225

Setembro

Réponse définitive d'une théosophe à M. Rossi de Giustiniani. H.P.B., p. 367-371

Dezembro

Invitation à l'école théosophique - Fois Vallès, p. 469-475
De bien vouoir entrer dans La voie des explications

1880

Março

Ce que veulent les Théosophes, leur but. C. Steiner, p. 102-106
Discours O. Hume et Discours H.S.O. - Extrait du Pioneer Bénarès, le 12 décembre 1879

Junho

Lettre sur le Théosophisme. Elise Van Calcar, p. 219-225
Au president de la S.S.E.P.

Agosto

La clef de la Théosophie selon Le Dr. G. Wyld. G. Wyld.

Setembro

(traduit et présenté par D.A.C.) tire du Théosophist, p. 382-386

Outubro

Voyage des delegues de La Société Théosophique, p. 428-434
Lettre du Pioneer n° 1, journal officiel du Gouvernement indien (25 mai 1880)

Novembro

Qu'est-ce que la Théosophie. H.P.B., p. 450-457
A Charles Fauvety
Réponse de M. Charles Fauvety, p. 457-460

Dezembro

La première année de Théosophisme. D.A.C., p. 477-480

1881

Janeiro

A nos lecteurs - La Rédaction, p. 5
A Paris, une Branche de cette Société Théosophique...
Voyage des délégués de La Société Théosophique >> Le Pionner (Voir la Revue de Septembre 1880), p. 13-18
Sur la clef de la théosophie Tiré du Théosophist selon le docteur G. Wyld. D.A.C., p. 18
Qu'est-ce que la Théosophie? - tiré du Theosophist - par D.A.C. p. 19

Fevereiro

Travaux de la Société Théosophique - tiré du Theosphist - par D.A.C. p. 88
Leurs rapports avec le Spiritisme - D.A.C.
Du Yogisme - tiré du Theosophist - par D.A.C., p. 89

Março

Idées hindoues sur les morts - traduit du Theosophist par D.A.C. p. 132-134
Sur les Rosicruciens - ibid. p. 134
Prescience magnétique - tiré du Theosophist par D.A.C. p. 139
L'Ane de Victor Hugo - A Mme Blavatsky, secrétaire correspondant de la Société Théosphique de Bombay (Indoustan) A.B. p. 156

Abril

Des Cycles dans l'histoire - tiré du Theosophist - D.A.C. p. 176

Julho

Conferences M. Fortis sur sa traduction d'Isis Unveiled - A. G./S.S.E.P., p. 314

Agosto

Discours de M. Leymarie - Au nom de la Société Théosophique devant la dépouille du Baron du Potet, p. 393

1882

Janeiro

Coup d'oeil rétrospectif - La Rédaction
Nous marchons avec toutes les sociétés théosophique..., p. 2

Outrubro

The Theosophist - Bombay. Subba Row, p. 303

Novembro

Nirvana, fusion en Dieu et non avec Dieu - Note à prop Medium Mme. X. Mme Blavatsky

1883

Janeiro

A propos des Ecrits Théosophiques. D.A.C.

Sur l'opposition Du comitê de rédaction à publier tout au article la théosophie, p. 41-43

Julho

Balzac était un grand spirite. A.A. abonnée à la *Revue* (Oran), p. 315

Agosto

L'erreur de madame A.A. Sophie Rosen-Dufaure, p. 371

1884

Não houve publicação de artigos

1885

Dezembro

Note de la Rédaction - P.G. Leymarie sur l'entrevue de 1884 avec les responsables de la Société théosophique, p. 743-748

1886

Janeiro

Coup d'oeil sur les doctrines nouvelles, p. 1

Março

La Théosophique bouddhique c'est le Nihilisme, p. 129
A propos du Théosophisme ou Occultisme
Armand Grelez, p. 138

1887

Janeiro

Les théosophes à Pondichéry - Victor Pujo
Le progrés de Pondichéry - 23 septembre 1883, p. 21

Fevereiro

A propos de Théosophie
Protestations contre l'article précedent, p. 64

1889

Congrés Spirite à Paris avec les théosophes

Artigos sobre objeçõe às ideias teosóficas na *Revista Espírita*

1876

Agosto

Un écart du spiritisme an Amérique. D.A.C., p. 25
Objections aux idées d'H.S.Olcott

1878

Agosto

Les Elémentaires et les Elementails. E. Rossi de Giustiniani, p. 289

Setembro

A propos du dégagement de l'Ame. J. Guérin, a Villeneuve de Rions, p. 355

Outubro

Objections aux principes des théosophes. Baron de Fengnagell, p. 388

1879

Junho

Dernières réflexions d'un Oriental à Mme Blavatsky. E. Rossi de Giustiniani, p. 223

Dezembro

Invitation à l'école théosophique. Fois Vallès, p. 469

1880

Novembro

Réponse à Mme Blavatsky. Charles Fauvety, p. 457

1882

Outubro

A propos du "Theosophist de Bombay". Subba Row, p. 303

1883

Janeiro

A propos des écrits théosophiques. D.A.C., p. 4

Agosto

L'erreur de Madame A.A. Sophie Rosen-Dufaure, p. 371

Bibliografia

AMORIM, Deolindo. *Allan Kardec*. Minas Gerais: Instituto Maria e Instituto de Cultura Espírita de Juiz de Fora, 1981.

BLAVATSKY, H. P. *Isis Dévoilée* (traduction d'Isis Unveiled, New-York, S. W. Bouton, 1877). Paris: les Editions théosophiques, 1913.

..... *La doctrine secrete, synthèse de la science, de la religion et de la philosophie.* Paris: Editions Adyar, 2000.

BLECH, Charles. *Contribution à l'Histoire de la Société Théosophique en France.* Paris: Editions Adyar, 1933.

BLECH, Aimé. *Annie Besant, presidente de la Société théosophique: un abrégé de sa vie.* Paris: publications théosophiques, 1918.

BOUDET, Amélie-Gabrielle; LEYMARIE, Pierre-Gaëtan. *Revue Spirite - Journal d'études psycologiques.* Comité d'Administration, Société pour la continuation des oeuvres spirites d'Allan Kardec et Librarie des sciences psychologiques. [coleção complete, a partir de 1870].

CALSONE, Adriano. *Pintura mediúnica - a visão espírita em ampla pesquisa.* São Paulo: Mythos Books, 2012.

..... *Kardec - o escritor dos Espíritos.* São Paulo: Mythos Books, 2005.

CASTELLAN, Yvonne. *Le Spiritisme.* Paris, 1954.

CAVENDISH, Richard. *Enciclopédia do Sobrenatural: magia, ocultimso, exoterismo, parapsicologia.* Porto Alegre: L&PM, 1993.

FROPO, Berthe. *Beacoup de lumière.* Paris: Démosthènés, 1884.

KARDEC, Allan. *Revista Espírita.* Trad. Júlio Abreu Filho. São Paulo: Editora Cultura Espírita (Edicel), 1973 [coleção completa 1858-1869].

..... *Le livre des médiums.* Paris: Didier et cie. Libraires-editeurs, 1861.

..... *L'évangile selon le spiritisme.* Paris: A la libraire Spirite, 1876.

..... *Le livre des Esprits.* Paris: A la Libraire des sciences psychologiques, 1889.

..... *La genèse selon le spriitisme.* Paris: Libraire des sciences psychologiques, 1911.

..... *Oeuvres posthumes.* Paris: Libraire des sciences psychologiques, 1913.

MARTINS, Jorge Damas; BARROS, Stenio Monteiro de. *Allan Kardec, análise de documentos biográficos.* Rio de Janeiro: Lachâtre, 1999.

OLCOTT, Henry Stell. *Raízes do Oculto: a verdadeira historia de Madame H.P. Blavatsky.* Trad. Alcione Soares Ferreira. São Paulo: IBRASA, 1983.

SANTOS, Dalmo Duque dos. *Nova historia do espiritismo.* São Paulo: Conhecimento, 2010.

SAUSSE, Henri. *Biografia de Allan Kardec.* Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1983.

SHARP, Lynn L. *Secular spirituality: reincarnation and spiritism in nineteenth-century France,* Lanham, Estados Unidos: Lexington Books, 2006.

XAVIER, Francisco Cândido. *Brasil coração do mundo pátria do Evangelho*, pelo Espírito Humberto de Campos, 18. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1939.

..... *Evolução em dois mundos,* pelo Espírito André Luiz, 11. ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1989.

..... *A Caminho da Luz - História da civilização à luz do Espiritismo,* pelo Espírito Emmanuel, 22 ed. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1996.

WANTUIL, Zeus; THIESEN, Francisco. *Allan Kardec.* v. I, II e III. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1973.

WASHINGTON, Peter. *O Babuíno de Madame Blavatsky.* Rio de Janeiro: Record, 2000.

Sobre o autor

ADRIANO CALSONE nasceu em 15 de dezembro de 1976 em São Caetano do Sul-SP, onde reside atualmente. Formado em Comunicação Social e pós-graduado em mídias digitais, exerceu por alguns anos as profissões de editor e assessor de imprensa e, atualmente, trabalha com internet e cultura digital.

Aprendiz nos cursos de evangelização da Federação Espírita do Estado de São Paulo, tornou-se médium, estudioso e pesquisador espírita. Com sensibilidade às Artes Plásticas, em especial ao desenho, pintura e escultura, migrou da psicografia à pintura mediúnica com tintas e pasteis, surgindo, posteriormente, uma grande sintonia com o trabalho de servir como médium aos Espíritos com essa tarefa.

Em 2013, participou do primeiro estudo científico mundial sobre neuroimagem funcional e pintura mediúnica, que aconteceu na Universidade de Aachen, na Alemanha.

Para complementar seus estudos doutrinários, participou como médium da pintura por um período de três anos nos trabalhos do GEAM - Grupo Espírita de Arte Mediúnica — coordenado por Afonso Moreira Jr.

Após frequentar por mais de 10 anos as reuniões de desenvolvimento mediúnico do Grupo Espírita de Trabalho Misail, participa atualmente de um projeto itinerante que leva atendimento fraterno às diversas casas espíritas.